



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS- ESTUDOS LINGUÍSTICOS

MARIA DORACI GUEDES RODRIGUES

**MAPEAMENTO LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO PELOS WAJÁPI NO  
ESTADO DO AMAPÁ: UMA ABORDAGEM GEOSOCIOLINGUÍSTICA**



Festa do Pacu Açú  
Mário Vilela (FUNAI-AP)

BELÉM – PA  
2017

MARIA DORACI GUEDES RODRIGUES

**MAPEAMENTO LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO PELOS WAJÁPI NO  
ESTADO DO AMAPÁ: UMA ABORDAGEM GEOSOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA) para defesa, sob orientação do Prof. Dr. Abdelhak Razky.

BELÉM – PA  
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

R696m Rodrigues, Maria Doraci Guedes  
Mapeamento Lexical do Português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: uma abordagem  
Geossociolinguística / Maria Doraci Guedes Rodrigues. - 2017.  
151 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), Instituto de Letras e  
Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.  
Orientação: Prof. Dr. Abdelhak Razky

1. Geossociolinguística. 2. Variação lexical. 3. Dialetoлогия pluridimensional. I. Razky, Abdelhak,  
*orient.* II. Título

---

CDD 417.2

MARIA DORACI GUEDES RODRIGUES

**MAPEAMENTO LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO PELOS WAJÃPI NO  
ESTADO DO AMAPÁ: UMA ABORDAGEM GEOSOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará para defesa.

Data: \_\_\_/\_\_\_/ 2017

Conceito: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professor Doutor Abdelhak Razky (Orientador)

Universidade Federal do Pará - UFPA

---

Professor Doutor Alcides Fernandes de Lima (Avaliador Interno)

Universidade Federal do Pará - UFPA

---

Professora Doutora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (Avaliadora Externo)

Universidade de Brasília- UNB

---

Professora Doutora Marilucia Barros de Oliveira (Avaliadora interno/suplente)

Universidade Federal do Pará - UFPA

Para “Dona Dudu”, *in memoriam*, minha querida mãe;  
Obrigada, mãezinha por todo seu amor e sua dedicação aos  
seus filhos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Doutor Abdelhak Razky, meu orientador, por ter me apresentado a Dialectologia e a Geografia Linguística, como também pela confiança e as valorosas orientações. À professora Celeste Ribeiro por ter acreditado no meu potencial e por ter me dado à oportunidade de participar do Projeto Atlas Linguístico do Amapá- ALAP.

Agradeço de maneira gentil e fraterna ao Calbi Wajãpi, por ter me apresentado aos Wajãpi e ter me acolhido generosamente em sua aldeia Comunidade Triângulo do Amapari-CTA, na Terra Indígena Wajãpi para realizar a coleta de dados.

Ao Romário Sanchez, pelo suporte técnico e pelo seu ombro amigo. À Elicelma Sena por sua generosidade e incentivo. Ao Fábio Xavier, *in memoriam*, por todo seu apoio incondicional de todas horas e por todo carinho e afeto de irmão.

Estendo igualmente os meus agradecimentos à Amanda Pinheiro e à Leydiane Lima pelas preciosas discussões em torno das teorias linguísticas. Quero direcionar meus mais sinceros agradecimentos aos meus colegas do projeto GeoLinTerm pelo companheirismo e pelas trocas de experiências em torno da pesquisa.

Congratulo imensamente à minha família, em especial a minha prole: Delano Guedes, Romaira Guedes, Regiane Guedes, Mariela Guedes, Mauro Júnior e meus netos: Yuri Guedes, Adam Guedes, Adria Guedes e Isabella Guedes que sentiram muito a minha ausência, mas que me incentivam, cada dia, a persistir para alcançar meus objetivos. Às minhas noras: Ediana Dallegrave e Náthalia Zocchi; e aos meus genros: Marcelo Manguera, Ricardo Lopes e Jean Carlos Magalhães por suprirem minhas carências afetivas no decorrer desses meses em que estive ausente de vossos convívios. Ao meu companheiro de caminhada, ternura e afeto, Raúl José Mondejar Díaz, que me incentivou e ajudou-me a realizar meu sonho de sair de Macapá para estudar em Belém, por suas incontáveis contribuições.

Ter de resistir à dor, à dor.  
Sem compreender por que à dor, à dor.  
Ter de suportar viver à dor, à dor.  
E sem merecer à dor, à dor.

Se é esse o meu destino, quem é o algoz que o traçou.  
Quem me contaminou.  
Quem me doou a dor.

Homem não existe para ser só animal.  
A sua história é mais que corporal.  
Abre o sentido para ter, a liberdade.  
Com todo mundo que é seu igual,  
e solidário.  
Pensará...  
Amará...  
Sonhará...  
Saberá...  
Que a felicidade da cidade não tem  
Que o mato matar.

Ai a dor vai nos unir,  
O fim da dor começa é assim,  
É o filho da dor começa é assim,  
É o filho que não para de crescer,  
Afruta que vai madurar,  
Aquele mão, aquela paz, morena, é aquele olhar  
Que é sempre, verde verdejá  
É aquele gesto humano,  
É aquela voz humana,  
É aquele amor humano, que chega e diz que vai ficar.

Yanomami E Nos  
(Milton Nascimento)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mapear, descrever e analisar, em uma perspectiva Geossociolinguística, A Variação Lexical do Português Brasileiro Falado na Terra Indígena Wajãpi, no Estado do Amapá. O estudo aqui proposto adotou o modelo e os procedimentos de análise que consideram os princípios da Geolinguística e da Dialectologia Pluridimensional (CARDOSO, 2010; RAZKY, 1998) e (RADTKE e THUN, 1996). Para tanto, o *corpus* foi coletado por meio da aplicação do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) 2001, no qual contém 202 questões, distribuídas em catorze campos semânticos, mas que foram adaptadas para melhor cumprir os objetivos da pesquisa em tela, foram então, consideradas 121 questões, aplicadas a 20 informantes, quatro de cada ponto de inquérito; nas comunidades de Aramirã, Pairakae, CTA, Mariry, Kurani'yty, com perfil estratificado de acordo com sexo, idade e escolaridade; o primeiro grupo é composto de um homem e uma mulher, na faixa etária de 18 a 30 anos, não alfabetizados ou alfabetizados até a 8ª série do ensino fundamental; o segundo grupo, também composto por um homem e uma mulher, na faixa etária de 40 a 70 anos, não alfabetizados ou alfabetizados até a 8ª série do ensino fundamental. Com base na análise dos resultados, constatou-se que apesar da produtividade de língua portuguesa ser frequente pelos homens mais idosos, notou-se que existe um baixo processo de aprendizagem do português pelos falantes de primeira faixa etária (MA) e (FA), isso se deve ao fato de que eles ainda preservam a língua materna, pois percebeu-se que existe um índice elevado de sem respostas (SR).

**Palavras-chave:** Geossociolinguística. Variação lexical. Dialectologia pluridimensional.

## RÉSUMÉ

Ce travail a comme but à cartographier, décrire et analyser, dans une perspective Geossociolinguistique, La Variation Lexicale du Portugais Brésilien parlé dans la communauté Wajãpi indigène dans L'état d'Amapá. Cet étude a adopté le modèle et les procédures d'analyse qui tiennent en compte des principes de la Geolinguistique et Dialectologie pluridimensionnelle (CARDOSO 2010; RAZKY, 1998) et (RADTKE & THUN, 1996). Ainsi, le corpus a été récolté par l'application du Questionnaire Sémantique Lexicale (QSL) du Projet Atlas Linguistique du Brésil (ALiB) 2001, qui contient 202 questions, réparties en quatorze champs sémantiques, mais ont été adaptés pour mieux répondre aux objectifs de la recherche, ensuite ont été considéré 121 questions, appliqué à 20 informateurs, quatre dans chaque point de l'enquête dans les communautés de Aramirã, Pairakae, CTA, Mariry, Kurani'yty avec profil stratifié selon: le sexe, l'âge et scolarisation; le premier groupe est composé d'un homme et une femme, âgés de 18-30 ans, illettrés ou lettrés d'enseignement fondamental, le second groupe, également composé d'un homme et une femme, âgés de 40-70 ans, illettrés ou lettrés. Sur la base de l'analyse des résultats, il a été constaté que, malgré la productivité portugaise est souvent par des hommes plus âgés, il a été noté qu'il y a un faible processus d'apprentissage du portugais pour les hauts - parleurs de la première tranche d'âge (MA) et (AF) cela est par la raison qu'ils conservent encore leur langue maternelle, c'est pour ça qu'il y a un taux élevé de sans réponse (SR).

Mots-clés: Geossociolinguística. Variation lexicale. Dialectologie pluridimensionnelle.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Resumo da Rede de Pontos de inquéritos da pesquisa.....	38
Tabela 2 – Cores para cartas lexicais, até 7 variantes (RGB).....	46
Tabela 3– Frequência das variantes lexicais por localidade (redemoinho de água) .....	61
Tabela 4 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Tempestade/Temporal/Vendaval).....	64
Tabela 5 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Garoa).....	67
Tabela 6 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Anoitecer).....	70
Tabela 7– Frequência das variantes lexicais por localidade (Estrela cadente/Estrela filante).....	72
Tabela 8 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Bolsa) .....	75
Tabela 9 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Mosca Varejeira) .....	78
Tabela 10 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Bicho de fruta) .....	81
Tabela 11 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Desdentada/Banguela) .....	84
Tabela 12 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Cheiro nas axilas) .....	87
Tabela 13 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Perneta).....	90
Tabela 14 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Pessoa de pernas arqueadas) .....	93
Tabela 15 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Pessoa tagarela) .....	96
Tabela 16 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Pessoa pouco inteligente).....	99
Tabela 17 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Pessoa sovina) .....	102
Tabela 18 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Mau pagador) .....	105
Tabela 19 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Bêbado) .....	108
Tabela 20 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Benzedeira).....	111
Tabela 21 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Empanturrado).....	114
Tabela 22 – Frequência das variantes lexicais por localidade (Bodega/ Bar/Boteco) .....	117
Tabela 23 - Frequência das variáveis sociais (Redemoinho de água). .....	119
Tabela 24 - Frequência das variáveis sociais (temporal/tempestade/vendaval).....	120
Tabela 25 - Frequência das variáveis sociais (Garoa).....	121
Tabela 26 - Frequência das variáveis sociais (Anoitecer). .....	121
Tabela 27 -Frequência das variáveis sociais (Estrela cadente/ Estrela filante/meteoro/zelação). ...	122
Tabela 28 -Frequência das variáveis sociais (Bolsa/bruaca). .....	122
Tabela 29 -Frequência das variáveis sociais (Mosca varejeira). .....	123
Tabela 30 -Frequência das variáveis sociais (Bicho de fruta). .....	123
Tabela 31 -Frequência das variáveis sociais (Desdentado/banguela).....	124
Tabela 32 -Frequência das variáveis sociais (Cheiro nas axilas).....	124
Tabela 33-Frequência das variáveis sociais (Perneta).....	125

Tabela 34-Frequência das variáveis sociais (Pessoa de pernas arqueadas). .....	125
Tabela 35-Frequência das variáveis sociais (Pessoa tagarela).....	126
Tabela 36-Frequência das variáveis sociais (Pessoa pouco inteligente).....	126
Tabela 37-Frequência das variáveis sociais (Pessoa sovina).....	127
Tabela 38-Frequência das variáveis sociais (Mau pagador).....	127
Tabela 39-Frequência das variáveis sociais (Bêbado). .....	128
Tabela 40-Frequência das variáveis sociais (Benzedeira).....	128
Tabela 41-Frequência das variáveis sociais (Empanturrado).....	129
Tabela 42-Frequência das variáveis sociais (Bodega/bar/boteco).....	129

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rede de Pontos do Mapeamento Lexical do Português falado pelos Wajãpi .....	37
Figura 2 - Carta-base do Mapeamento Lexical do Português falado pelos Wajãpi (representação espacial) .....	45
Figura 3 - Carta-base do Mapeamento Lexical do Português falado pelos Wajãpi (representação social).....	46

## LISTA DE CARTAS

Carta 1 – Item lexical redemoinho (de água).....	60
Carta 2 – Item lexical temporal / tempestade / vendaval.....	62
Carta 3 – Item lexical garoa.....	66
Carta 4 - Item lexical anoitecer.....	69
Carta 5 - Item lexical estrela cadente / estrela filantes / meteoro / zelação .....	71
Carta 6 - Item lexical bolsa / bruaca .....	74
Carta 7 - Item lexical mosca varejeira .....	77
Carta 8 - Item lexical bicho de fruta .....	80
Carta 9 - Item lexical desdentado/banguela .....	83
Carta 10 - Item lexical cheiro nas axilas .....	86
Carta 11 – Item lexical pernetta.....	89
Carta 12 – Item lexical pessoa de pernas arqueadas .....	92
Carta 13 – Item lexical pessoa tagarela.....	95
Carta 14 - Item lexical pessoa pouco inteligente.....	98
Carta 15 - Item lexical pessoa sovina .....	101
Carta 16 - Item lexical mau pagador.....	104
Carta 17 - Item lexical bêbado.....	107
Carta 18 - Item lexical benzedeira .....	110
Carta 19 - Item lexical empanturrado .....	113
Carta 20 - Item lexical bodega/bar/boteco .....	116

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Grau de proficiência em Língua Wajãpi nos 5 pontos.....	50
Gráfico 2 – Aprendizado da língua materna por domínio social nos 5 pontos.....	51
Gráfico 3 – O uso de Wajãpi entre falantes nos 5 pontos .....	52
Gráfico 4 – Contexto de uso do Wajãpi nos 5 pontos.....	53
Gráfico 5 – Grau de proficiência em Língua Português nos 5 pontos.....	54
Gráfico 6 – Aprendizado da Língua Portuguesa por domínio social nos 5 pontos.....	55
Gráfico 7 – Aprendizagem da Língua Portuguesa nos 5 pontos .....	56
Gráfico 8 – Onde e em que situações você fala português (LS/LE), nos 5 pontos.....	57
Gráfico 9 – Quais línguas são faladas nas comunidades.....	58
Gráfico 10 - Ocorrências em porcentagem para o item 04 – Redemoinho (de água).....	62
Gráfico 11- Ocorrências em porcentagem para o item 11 – Tempestade/Temporal/Vendaval.....	65
Gráfico 12 - Ocorrências em porcentagem para o item 18 – Garoa .....	68
Gráfico 13 - Ocorrências em porcentagem para o item 28 – Anoitecer .....	70
Gráfico 14 - Ocorrências em porcentagem para o item 31– Estrela cadente, estrela filante, meteoro e zelação. ....	73
Gráfico 15 - Ocorrências em porcentagem para o item 58 – Bolsa/bruaca .....	76
Gráfico 16 - Ocorrências em porcentagem para o item 83 – Mosca varejeira.....	79
Gráfico 17 - Ocorrências em porcentagem para o item 86 – Bicho de fruta. ....	81
Gráfico 18 - Ocorrências em porcentagem para o item 100 – Desdentada/banguela .....	84
Gráfico 19 - Ocorrências em porcentagem para o item 109 – Cheiro nas axilas.....	87
Gráfico 20 - Ocorrências em porcentagem para o item 114 – Perneta. ....	90
Gráfico 21 - Ocorrências em porcentagem para o item 116 – Pessoas de pernas arqueadas.....	94
Gráfico 22 - Ocorrências em porcentagem para o item 136 – Pessoa tagarela.....	96
Gráfico 23 - Ocorrências em porcentagem para o item 137 – Pessoa pouco inteligente. ....	100
Gráfico 24 - Ocorrências em porcentagem para o item 138 – Pessoa sovina.....	103
Gráfico 25 - Ocorrências em porcentagem para o item 139 – Mau pagador.....	105
Gráfico 26 - Ocorrências em porcentagem para o item 144 – Bêbado.....	108
Gráfico 27 - Ocorrências em porcentagem para o item 151 – Benzedeira. ....	112
Gráfico 28 - Ocorrências em porcentagem para o item 183 – Empanturrado. ....	114
Gráfico 29 - Ocorrências em porcentagem para o item 202 – Bodega/bar/boteco. ....	117

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dimensões e parâmetros de pesquisa no modelo pluridimensional e relacional aplicados na pesquisa.....	30
Quadro 2 - Perfil dos informantes .....	43
Quadro 3 – Itens Lexicais.....	44
Quadro 4 – Relação número e nome de cada ponto pesquisado. ....	49

.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>19</b>
2.1 Concepções sobre Língua e Dialeto .....	19
2.2 Dialeto e Geolinguística .....	22
2.3 Dialeto Pluridimensional.....	26
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>31</b>
3.1 Contexto e Instrumentos da Pesquisa .....	33
3.2 Aspectos históricos e socioculturais da Terra Indígena Wajãpi .....	34
3.3 Descrição da Rede de Pontos .....	36
3.4 Perfil dos Informantes .....	42
3.5 Constituição do corpus .....	43
3.6 Processo de Elaboração das Cartas Linguísticas .....	45
3.7 Procedimentos para descrição e análise dos dados.....	47
<b>4. ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>48</b>
4.1 Análise do perfil sociolinguístico da comunidade pesquisada .....	48
4.2 Análise geográfica.....	59
4.3 Análise social.....	119
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>135</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país plurilíngue, multiétnico e multicultural. Rodrigues (1993 *apud* LEITE 2008, p. 1), afirma que “antes da conquista Portuguesa eram faladas 1.273 línguas, porém essas línguas reduziram-se e hoje, cerca de 180 línguas indígenas são faladas no Brasil, das quais a grande maioria encontra-se na região Amazônica”. Línguas que são faladas por povos autóctones, os quais habitam em diferentes territórios, como no Amapá, em que se concentra uma grande proporção de diferentes etnias, tais como: Wajãpi, Palikur, Karipuna, Wayana, entre outras.

Contudo, aceitar a realidade de que o Brasil é um país heterogêneo em termos linguísticos e socioculturais parece uma tarefa difícil, já que ainda se observa em muitos discursos a ideia de que o Brasil é monolíngue, onde todos falam uma língua nacional, a Língua Portuguesa. De fato, precisa-se desmistificar essa concepção centralizadora de monolíngüístico, em que se menospreza a diversidade que é fruto de um país que nasceu a partir da miscigenação das línguas e das culturas de matizes africanas, indígenas e de línguas europeias.

Assim, os estudos linguísticos vêm demonstrando a primazia da Língua Portuguesa nas áreas indígenas e que de fato, se observa em algumas etnias, motivada pelo contato crescente de grupos indígenas com a sociedade que os circundam. Por outro lado, há a luta dos indígenas pela conquista e demarcação de suas terras e outros direitos constitucionais, de forma que o domínio do Português é visto por eles como necessário para interagir mais eficientemente com o mundo dos “brancos”, além de julgarem adquirir prestígio com o domínio dessa língua.

Este é também o caso dos indígenas Wajãpi, que têm vivenciado um contato com o Português há pelo menos 200 anos, e atualmente parte representativa deles é bilíngue em Português e em Wajãpi. O contato entre essas línguas é, assim, propício a investigação, possibilitando para os estudiosos linguistas um campo rico em diversidade geossociolinguística, também pelo fato de existirem lacunas de estudos dialetológicos sobre o Português falado em áreas indígenas. Assim, o presente estudo pretende contribuir para preencher essa carência de pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas na região amapaense, especificamente na área indígena Wajãpi.

A presente investigação consiste no Mapeamento Lexical do Português Falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá por meio de uma abordagem geossociolinguística, vinculado ao projeto Geo-sociolinguística e Socioterminologia- GeoLinTerm, que é constituído de cinco eixos de pesquisa. O presente mapeamento é especificamente voltado ao quinto eixo, que

compreende a elaboração do Atlas Linguístico do Português em Áreas em Índigenas- ALIPAI, o qual faz parte do Macroprojeto Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Índigenas do Brasil- ALSLIB. Este Macroprojeto vem sendo realizado em parceria estabelecida entre a Universidade de Brasília-UNB e pela Universidade Federal do Pará-UFGPA, e tem como objetivo principal desenvolver o Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Índigenas Brasileiras, de forma a se construir um panorama que proporcione uma visão mais geral do Português falado em áreas indígenas na Amazônia, ampliando, assim, o projeto de âmbito nacional.

Nessa perspectiva, esta dissertação apresenta um mapeamento e descrição das variações lexicais com intuito de mapear, descrever e analisar a variação lexical do Português brasileiro falado na Terra Indígena Wajãpi, doravante TIW (Terra Indígena Wajãpi), que está localizada no oeste do Estado do Amapá. A língua Wajãpi pertence ao sub-ramo VIII, da família linguística Tupí-Guaraní, do tranco Tupi de acordo com Rodrigues (1984-1985, p.42) e é falada por uma população estimada em 1.200 pessoas, conforme Gallois (2011).

Este estudo foi pautado nos objetivos gerais de mapear, descrever e analisar a variação lexical do Português falado na Terra Indígena Wajãpi, no Estado do Amapá, bem como, nos objetivos específicos de organizar e elaborar as cartas das variações lexicais a partir da abordagem pluridimensional. Consequentemente, buscou-se responder às seguintes perguntas: (a) como se manifesta o léxico do Português brasileiro falado na Terra Indígena Wajãpi?; (b) quais as características diatópicas, diastráticas, diageracionais, diagenéricas que caracterizam o Português falado nas comunidades indígenas Wajãpi?; (c) o espaço indígena Wajãpi é caracterizado como pluridimensional?; (d) como se organiza o perfil Geossociolinguístico da comunidade em função dos diferentes usos do Português e da língua indígena?; e (e) quais são as variedades que se sobressaem?

A pesquisa do contato da língua Wajãpi com o Português justifica-se por possibilitar a investigação da diversidade lexical do Português característico do contato linguístico com uma língua indígena da Amazônia, contribuindo para o mapeamento das variações linguísticas do Português amazônico. Trata-se de uma pesquisa inovadora e importante dada a emergência de se investigar como o léxico do Português indígena em pauta se caracteriza e o que ele representa no cenário das variações do Português falado no Brasil.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos: Uma introdução ao presente estudo, que inclui os objetivos – geral e específicos -, o Capítulo II em que é apresentada uma revisão da literatura abordando conceitos sobre a Dialetoлогия, a Geolinguística e a Dialetoлогия Pluridimensional. São feitas considerações sobre concepções de dialeto, sobre a Dialetoлогия, a Geolinguística, a Sociolinguística e a Dialetoлогия Pluridimensional. O

capítulo III apresenta o embasamento da pesquisa, considerando os pressupostos teóricos-metodológicos do projeto ALiB, os quais consideram e delimitam a escolha dos pontos de inquérito, o perfil dos informantes estratificados por sexo, a faixa etária e a escolaridade, além do que leva em conta que os informantes são bilíngues.

No capítulo III são descritos aspectos relevantes dos instrumentos de pesquisa, e apresentadas as etapas desenvolvidas neste estudo, o contexto sócio histórico dos Wajãpi, incluindo os instrumentos utilizados na pesquisa, assim como aspectos históricos e socioculturais da terra indígena Wajãpi, a constituição do corpus, o processo de elaboração das cartas linguísticas e os procedimentos para descrição e análise dos dados. O Capítulo IV traz a análise dos resultados com a apresentação das cartas, distribuídas de acordo com vinte itens lexicais selecionados para a pesquisa, e segundo os campos semânticos em que se situam. São expostas as tabelas referentes à frequência das variantes lexicais, e apresentados os gráficos que retratam as ocorrências em porcentagem de cada item lexical. Todos esses elementos são analisados de forma concisa. Neste Capítulo, estão destacados o perfil sociolinguístico da comunidade Wajãpi, assim como são demonstrados os aspectos geográfico e social desse povo, com foco especial na análise do perfil sociolinguístico da comunidade pesquisada e nas análises geográfica e social; ainda, no capítulo IV apresenta-se uma conclusão dos resultados do estudo. Este capítulo é seguido das referências bibliográficas e de anexos, contendo os instrumentos de coletas de dados, os quais são compostos do Questionário Semântico-lexical (QSL), proposto pela equipe do projeto ALiB (COMITÉ, 2001) e do Questionário Sociolinguístico, que faz parte dos instrumentos de pesquisa do projeto ALIPAI.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo aborda-se conceitos da Dialetologia, da Geolinguística e da Dialetologia Pluridimensional, delineando-as e destacando suas relações, e, com isso, apresentamos as principais contribuições postuladas por elas, as quais são relevantes para a realização dos estudos dialetais propostos para esta pesquisa. Porém, antes de tudo, para uma melhor compreensão referente aos estudos dialetológicos, faz-se necessário apresentar uma breve abordagem sobre as várias concepções sobre dialeto.

### 2.1 Concepções sobre Língua e Dialeto

A reflexão aqui proposta é estimulada, sobretudo, pelo fato de sempre se observar na vivência, muito frequente, no uso cotidiano, a existência de diferentes opiniões/discussões de pessoas em relação às concepções sobre língua e dialeto. Assim, nem sempre é fácil decidir se as diferenças entre comunidades linguísticas representam dois dialetos ou duas línguas distintas, mas acredita-se que a distinção entre esses termos, se baseia também em considerações políticas e culturais.

Nesse sentido, ao discorrer sobre essas diferentes concepções, apresenta-se aqui, primeiramente, a ideia de Sapir (1971, p. 154), o qual explica que os termos língua e dialeto são termos relativos, “conversíveis uns aos outros, conforme a nossa perspectiva se amplia ou se retrai”. Nessa mesma linha de raciocínio, Rodrigues (1996, p. 07), ao discorrer sobre as propriedades linguísticas em comum entre o tupinambá e o tupi, assegura que: “se as línguas de um mesmo subgrupo, ou mesmo de subgrupos distintos devem ser chamadas de ‘línguas’ distintas ou de ‘dialetos’ de uma mesma ‘língua’ é uma questão muito relativa, porque relativos são os conceitos de língua, como sabem todos os linguistas”.

Ao passar à revisão de outros conceitos, de acordo com alguns linguistas revistou-se a definição de Dubois *et al* (2014) registrada para o termo dialeto

O grego *dialektos* designava diferentes sistemas usados em toda a Grécia, cada um para determinado gênero literário, e considerados como a língua de uma região da Grécia, em que eles deviam recobrir dialetos no sentido moderno do termo, regionais ou sociais; o jônico, não somente na Jônia, mas em toda a Grécia, era usado para o gênero histórico; o dórico era para o canto coral (DUBOIS *et al*, 2014, p. 173)

Outros autores que trazem contribuições concernente ao conceito dialeto são Chambers e Trudgill (1994, p. 19), os quais apresentam as definições mais usuais para o termo

Na linguagem cotidiana, um dialeto é uma forma de língua não padrão, substandard, de nível baixo, e as vezes rústica, que geralmente se associa com os trabalhadores do campo, a classe trabalhadora e outros grupos considerados de sem prestígio. Dialeto é também um termo aplicado frequentemente às línguas que não têm tradição escrita, em especial àquelas faladas nos lugares mais isolados do mundo. E por último também se entende como dialeto algumas classes (frequentemente errôneas) de desvios da forma, aberrações da forma padrão ou correta de uma língua (tradução nossa)<sup>1</sup>

Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 11), “... para uma compreensão mais definida de língua não podemos deixar de lado o estudo do dialeto pois eles se imbricam no contexto da linguagem, logo, não existiriam língua em interação sem dialetos”.

Na mesma linha de pensamento, Dubois *et.al* (2014. p.174) enfatiza que “dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema: léxico, sintático e fonético, e que a usa num ambiente mais restrito que a própria língua” frente a essa acepção, vale frisar a necessidade de esclarecer as implícitas diferenças de nomenclaturas e sentidos dos termos. Para isto, é necessário relativizar sobre o conceito de língua, pois são frequentes as reflexões a respeito da fragilidade de denominações dos conceitos de línguas, dialeto pois, estas discussões são resultantes de produtos culturais e condicionados por fatores de natureza e universais provenientes por especulações e critérios da mente humana. Assim sendo, as ambiguidades destes conceitos estimulam interpretações diferentes de acordo com as ideologias de seus investigadores, sendo que o papel da Sociolinguística é de contribuir com este debate no sentido de balizar com mais segurança as contribuições destas discussões.

---

<sup>1</sup> En el lenguaje cotidiano un dialeto es una forma subestándar, de nivel bajo y a menudo rústica, que generalmente se asocia con el campesinado, la clase trabajadora e otros grupos considerados de carentes de prestigio. Dialecto es también un término aplicado a menudo a las lenguas que no tienen tradición escrita, en especial a aquellas habladas en los lugares más aislados del mundo. Y por último también se entienden como dialectos algunas clases (a menudo erróneas) de desviaciones de la norma, aberraciones de la forma estándar o correcta de una lengua Chambers e Trudgill (1994, p.19)

Nessa perspectiva, percebe-se que com o avanço dos estudos linguísticos, o conceito dos termos dialeto e língua sofrem muitas alterações de acordo com as reflexões consideradas por diferentes linguistas. Assim, no primeiro momento, o termo dialeto era empregado de maneira etnocêntrica, em que o status de língua e dialeto eram somente determinados, respectivamente, por critérios linguísticos. Entretanto, atualmente, é preciso também considerar o resultado do desenvolvimento nos estudos, em que se observam, não só os aspectos linguísticos, bem como, fatores históricos, geográficos e sócio-políticos e socioculturais que poderão ser levados em conta para delimitar o escopo desse conceito, principalmente à luz da Sociolinguística, para evitar as interpretações equivocadas dos mesmos, que alimentam discursos e ideologias que acarretam consequências para as sociedades e para as línguas por supervalorizá-los (prestígio) ou subestimá-las (desprestígio), evitando, assim, certos equívocos, para não fomentar os preconceitos sociolinguísticos.

À propósito deste pensamento, e atentando para diversas acepções acerca do termo, este trabalho se propõe considerar também as discussões de Couto (2009) que faz uma diferenciação entre

Língua e dialeto não é a mesma não é a mesma que se faz entre língua padrão e dialeto. Tanto que há autores que em vez de “**língua padrão**” falam em dialeto padrão, com o que querem dizer que língua padrão não é nada mais do que uma entre as inúmeras variedades que uma língua pode apresentar. Assim, haverá **dialetos regionais, dialetos sociais** e dialeto padrão [...]. Essa é, por sinal, a posição mais consentânea com uma visão ecolinguística da questão, uma vez que enfatiza justamente a ideia de diversidade (variedades). Todas as demais denominações, para não falar em “língua culta” (o que implicaria variedades “incultas”), encerram algum tipo de preconceito em seu bojo. A expressão “dialeto padrão” implica que ele é apenas uma entre as inúmeras variedades de uma “língua”. (COUTO (2009, p.138)

A citação acima é pautada nas discussões mais recentes de acordo com o pensamento da Ecolinguística, que é o estudo das relações entre língua e meio ambiente, nesse sentido, as interações que ocorrem entre determinados povos, propiciando o contato das línguas, permitem fazer reflexões a respeito da dicotomia língua e dialeto, uma vez que se faz necessário falar da relatividade desses conceitos, pois são frequentes as ambiguidades que sempre existiram a respeito da fragilidade das categorizações de denominações como língua/dialeto, nos estudos sociodialetais com subsídios dos diferentes entendimentos.

## 2.2 Dialetoлогия e Geolinguística

Caracterizada como a ciência que estuda os dialetos de forma sistemática e interpretativa, a Dialetoлогия surgiu no século XIX e segundo Nelson Rossi (1980) ela

[...] se propõe inventariar, sistematizar e interpretar as variantes de uma língua ou de um grupo de línguas definido por qualquer afinidade entre elas, com especial atenção à distributividade-espacial, cronológica, sociocultural etc.- dos traços linguísticos depreendidos. Baseia-se no princípio geral, formulado por Shuchartto, e de fácil comparação empírica, de que toda língua se caracteriza pela < unidade na diversidade > e pela diversidade na unidade. (NELSON ROSSI, 1980, p. 3298)

Ademais, a Dialetoлогия tem como meta, estudar detalhadamente a variedade linguística a partir da fala e, com isso, delinear a comparação dos diversos dialetos de um determinado ambiente. Por outro lado, a Sociolinguística surge com o intuito de abranger os estudos no espaço social, visto que, seu objeto de estudo é a diversidade linguística, ou seja, sua análise é focada “na língua falada, observada, descrita e estudada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”, conforme assegura Alkmim (2003, p. 31). Já a Dialetoлогия tem como finalidade o estudo das falas regionais, relacionando, assim, a língua e o espaço geográfico, o que a identifica com a linguística diatópica horizontal, enquanto que a Sociolinguística se preocupa com a relação entre língua e sociedade, aproximando-se da Linguística diastrática vertical.

Face ao exposto, a Dialetoлогия trata de tópicos como a divergência entre dois dialetos locais a partir de um ancestral comum e de sua variação sincrônica. De certo, no dicionário, Dubois (1978, p. 185), ela é conceituada como “a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas dialetais em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhes os limites”. E o vocábulo dialetoлогия “é de origem grega antiga, *diálektos*, “fala”, “dialeto”, e *logia* - estudo- sendo então, o estudo científico dos dialetos linguísticos, estuda as variações idiomáticas, baseadas primordialmente na distribuição geográfica e características associadas”.<sup>2</sup>

No século XIX, os estudos dialetológicos se preocupavam em estudar e registrar dados linguísticos especificamente em meio rural, porém com o passar do tempo as pesquisas dialetológicas se configuraram também em meios urbanos. Em conformidade com Cardoso (2010, p.39)

Os estudos dialetológicos propriamente ditos vêm a se iniciar num momento da história, século XIX, em que a individualidade geográfica de cada região estava

<sup>2</sup> Disponível em [pt.unionpedia.org/i/Linguística](http://pt.unionpedia.org/i/Linguística): Acessado em 04 de outubro de 2015

resguardada seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estrada, seja pela dificuldade de comunicação, seja ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância entre diferentes áreas. (CARDOSO, 2010, p.39)

Os estudos dialetais no Brasil ganham maior proporção a partir de 1960, quando os estudiosos começaram a fazer um trabalho de delimitação das fases da dialetologia, a partir do interesse da produção do Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB), preconizado na década de 50 por eminentes estudiosos como Silva Neto (1957) e Antenor Nascentes (1958), esses estudos foram chamados de primeira e segunda fase e depois reformulados por Ferreira e Cardoso (1984), com pesquisas consideradas de terceira fase.

Atualmente, quando se fala em variação, está se considerando não apenas a Sociolinguística, mas também a Dialetologia aliada ao método da Geolinguística, tudo isso com o intuito de permitir ao pesquisador realizar um mapeamento do fenômeno estudado de forma mais criteriosa e minuciosa, seja por cidade, estado, região ou país; além de que evidencia as ocorrências lexicais por meio de cartas linguísticas que proporcionam uma visão mais abrangente do meio dialetal.

De acordo com Cardoso (2006, p. 100), “a dialetologia busca estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas”.

Com intuito de esclarecer mais o assunto, Elizaincín (2010, p. 16) enfatiza que “La dialectología es la ciencia de la variación, mejor aun, de la variación diatópica. Se ocupa de una de las dimensiones de la variación, dimensiones que caracterizan a la lengua histórica, entendida, nuevamente según Coseriu, como opuesta a lengua funcional”<sup>3</sup>.

Consoante Ferreira & Cardoso (1994, p. 18) “a dialetologia [...] demonstrou, e demonstra até os dias de hoje, seu maior interesse pelos dialetos regionais, rurais, sua distribuição e intercomparação”. Cardoso (2010, p. 15) afirma, ainda, que “a dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que a língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. E ao abrir um conjunto de possibilidade de variáveis, a Dialetologia representa a língua na sua forma mais viva e dinâmica, possibilitando uma análise dos entrelaçamentos e das relações entre o contexto externo e interno da fala.

---

<sup>3</sup>A dialetologia é a ciência da variação, melhor ainda, da variação diatópica. Ocupa-se de uma das dimensões da variação, dimensões que caracterizam a língua histórica, entendida novamente segundo Coseriu, como oposta a língua funcional (Tradução do nossa).

Colaborando com esse argumento ao retratar as fases da Dialetologia, Ferreira & Cardoso (1994, p. 44) ressaltam que a terceira fase “caracteriza-se pela produção dos trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática e é marcada pelo início das preocupações, desenvolvimento e implementação dos estudos de Geografia Linguística no Brasil”, momento que se acrescentou uma quarta fase, a qual proporciona não somente a constituição do ALiB, como também apresenta as inovações dos estudos dialetais brasileiros bem como os avanços da Geolinguística com as concepções de Atlas Estaduais.

Conforme Ferreira e Cardoso (1994, p.19), “a dialetologia não deve ser confundida com a geografia linguística ou geolinguística, pois esta é um método utilizado pela dialetologia”, ou seja, a geolinguística é um ramo de estudos da dialetologia, ela é derivada do vocábulo “linguística” acompanhada do prefixo grego “geo” que significa “terra”, logo a geolinguística é a parte da dialetologia que se preocupa em pesquisar a língua no encadeamento geográfico.

De acordo com Coseriu (1982, p. 79) a “geografia linguística designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo”, ela é um método cartográfico, surgido depois da dialetologia, considerado como um tipo de estudo amplo e reconhecido como um instrumento de pesquisa dialetológica.

A Geolinguística descreve a distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos, considerando assim os fatores extralinguísticos. Segundo Coseriu (1965), a Geolinguística também chamada de Geografia Linguística é:

[...] la expresión “geografía lingüística” [...] presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de territorio determinado, o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablantes estudiados (COSERIU 1965, p. 05)<sup>4</sup>.

Sendo assim, como a Geolinguística é um método de pesquisa da Dialetologia, logicamente ela considera as formas linguísticas citadas por Coseriu (1965) como; a fonética, a morfologia e a gramática utilizadas por cada informante em seu contexto de uso.

---

<sup>4</sup> [...] a expressão “geografia linguística” [...] pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou, pelo menos, leva em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos e aos falantes estudados (tradução nossa).

É importante ressaltar que para as pesquisas feitas por meio do método da Geografia Linguística com o intuito de averiguar as variedades diatópicas, diastráticas e diafásicas não se pode deixar de lado o modo pelo qual é utilizado na Dialetoлогия, como por exemplo, a preparação dos pontos a investigar, a elaboração do questionário, a coleta do material, a análise do material coletado, o registro do material analisado e o estudo de tudo que foi investigado por meio do trabalho pesquisado, tal como ocorre na produção dos atlas linguísticos.

Para tanto, Monteiro (2008, p. 30) salienta que na pesquisa da Geolinguística “o propósito principal é de elaborar análises minuciosas de variações dialetais, localizadas numa ampla área geográfica, apresentando em geral os resultados numa série de mapas reunidos”. No entanto, a pesquisa Geolinguística não se prende somente a análises minuciosas como ressalta Monteiro, mas também ao propósito principal de mapear e descrever os fenômenos de variação linguística, pois vale lembrar que essas análises minuciosas citadas pelo autor fazem parte da Linguística Funcionalista, ou seja, é competência da gramática funcional descrever as estruturas internas da língua, a língua como sistema funcional.

O método geográfico/linguístico constitui uma das grandes conquistas da ciência da linguagem, pois a Dialetoлогия e a Geolinguística vêm se transformando e ampliando seu escopo de estudo com as mudanças que ocorreram na língua e em todo seu contexto sociocultural.

A abordagem Geolinguística ampliou seu campo de observação, pois se configurava como eminentemente diatópica, ao registrar a variação espacial, mas com os avanços das pesquisas passou também a controlar variáveis sociais, como exemplo, a variação diastrática (classe social), variação diafásica (escolaridade), variação diagenérica (sexo), variação diageracional (faixa etária), dentre outras. Dessa forma, tem seu escopo ampliado e segundo alguns autores, como Razky (1998), a perspectiva da Geolinguística passa ser denominada de Geossociolinguística, visto que passa a possibilitar uma análise mais abrangente de um determinado aspecto linguístico, configurando resultados mais realistas das línguas naturais. E ao abrir um conjunto de possibilidades de variáveis, a Dialetoлогия representa a língua na sua forma mais viva e dinâmica, possibilitando uma análise dos entrelaçamentos e das relações entre os contextos externo e interno da fala.

Portanto, a Dialetoлогия, a partir de seu método geolinguístico, toma o espaço geográfico e o contexto sociocultural para a investigação da língua falada na dinâmica do uso real, pois os registros linguísticos mapeados por ela constituem documentos que norteiam e delimitam a língua, a história, a cultura de certa comunidade, delineando um percurso que

demonstra a interação das línguas e apresenta, a partir desses contatos, a heterogeneidade geossociolinguística.

### 2.3 Dialetoлогия Pluridimensional

No modelo tradicional, a Dialetoлогия dava preferência a um único tipo de informante para cada ponto de inquérito, de forma que seu estudo se restringia a selecionar, no eixo horizontal, um único ou, às vezes, dois informantes (de preferência adulto) com o seguinte perfil: com baixa escolaridade, de origem rural, nascido e criado nesse mesmo ambiente, objetivando registrar a fala utilizada no lugar e, dessa maneira eleger legítimo representante livre do contato externo (urbano). Em resumo, em primeiro plano, o trabalho da Geografia Linguística tradicional, conforme (Cardoso 2010, p. 7) “procura apreender o conhecimento passivo do léxico usado pela comunidade e em segundo plano, registrar outros aspectos da língua”.

A Dialetoлогия tradicional deteve-se ao caráter monodimensional, porque os trabalhos realizados apresentavam apenas dados linguísticos baseados na dimensão diatópica. Com o avanço da Geolinguística contemporânea estabelecida por Thun (1999), a Dialetoлогия moderna passa ter uma perspectiva pluridimensional que utiliza parâmetros tanto da Geolinguística, tendo como base o espaço geográfico, como também se utiliza de princípios da Sociolinguística explorando os estudos da variabilidade sociocultural, configurando assim, segundo Cardoso (2010, p.62), “a diversidade de espaços físicos e geopolíticos que se junta à consideração dos parâmetros “diagenérico, diageracional, diastrático, diafásico, diarreferecial”.

Dessa maneira, uma pesquisa fundada na Dialetoлогия Pluridimensional é dotada por uma diversidade de informações, as quais consideram os aspectos bidimensionais, tridimensionais e pluridimensionais cunhados por Thun (1998), os quais englobam e analisam relações da variação linguística. Segundo esse autor, *Idem* (1998, p. 68) “a dialetoлогия pluridimensional e relacional, quando trabalha com a geolinguística, não pode cumprir sua missão sem fornecer visualizações adequadas das macroestruturas do espaço variacional” isso porque considera em suas análises todos os princípios que estão inseridos no espaço variacional.

A Dialetoлогия Pluridimensional descreve uma nova percepção do perfil dos informantes que, agora, é visto como um ser geograficamente localizado e socialmente

envolvido no meio em que vive, considerando assim as variações. (Cardoso, 2010, p.63)  
 assinala que

O falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções. Os instrumentos de recolha de dados, por sua vez, vão se tornando capazes de captar a variação nas suas diferentes manifestações. Os questionários se diversificam; a natureza do interrogatório, da inquirição, atinge alto grau de especificidade; as formas de registro de dados captam não apenas a emissão, mas também as condições de que se reveste o ato de fala naquele momento, permitindo amplas considerações de ordem pragmática (CARDOSO, 2010, p.63).

A Dialetoologia Pluridimensional busca retratar os estudos no âmbito horizontal (construtivo), vertical e diagonal da língua falada. Segundo Thun (2005, p.71), essas dimensões são organizadas a partir de “parâmetros que explicitam a realidade da fala nas localidades investigadas”, compreendida como parte da ciência geral da variação e das relações entre variantes e variedades, de um lado, e falantes, de outro.

Neste sentido as pesquisas elaboradas pela Dialetoologia Pluridimensional vão subsidiar estes estudos trazendo uma nova abordagem a partir deste roteiro de análise elaborado por Thun (*idem* 2005, p.71), que apresenta as dimensões e parâmetros que “regem as especificidades dos traços linguísticos em cada realização”. Nesse roteiro são esquematizados diversos pontos, os quais são englobados nos dois eixos, o horizontal e vertical, sendo respectivamente abarcados em dimensões da Dialetoologia e Sociolinguística, as quais ao se entrecruzarem evidenciam a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1998). Esse conjunto de dimensões que tem como finalidade refletir sobre as variáveis na descrição da variação em dado espaço geográfico é compreendido mais pela sua constituição sociocultural do que pela posição físico-geográfica. As dimensões sociais dividem-se para possibilitar as descrições com especificidades de traços linguísticos em cada realização. Thun (2005, p.71) apresenta esse roteiro para as dimensões, organizadas a partir de parâmetros que caracterizam a pluralidade da pesquisa pluridimensional tais como:

1 - **Dimensão Diatópica** (diatopia-topostática) – nessa dimensão, faz-se a escolha da rede de pontos, que, assim constituída, permite estabelecer comparações diversas sobre a difusão do Português, em contato com o Wajãpi, e as variações resultantes desse contato, levando em consideração as peculiaridades de vários aspectos, tais como a idade de cada ponto de inquérito, a constituição da população, a forma de ocupação, a densidade demográfica e a rede de comunicações entre outros aspectos. Inclusive permite fazer

observações a respeito da mobilidade dos informantes, considerando o deslocamento interno, denominado por Thun (1998a, p.375) de diatopia-topostática (informantes demograficamente estáveis) e diatopia-cinética (informantes demograficamente móveis).

Vale dizer que, em consonância com a diatopia-topostática, foram selecionados os pontos de inquéritos considerados nesta dissertação. Foi necessário estabelecer essas delimitações dos cinco pontos de inquérito, para coleta dos dados conforme os aspectos descritos acima e que estão elencados no quadro 1, apresentado adiante.

**2 - Dimensão Diastrática** – Essa dimensão considera a condição social (correlato à escolaridade) incluindo todos os parâmetros que definem a classe social, entre os quais, o nível socioeconômico, a escolaridade, a profissão etc. No entanto, para fins da presente pesquisa, pretendeu-se controlar dois grupos de informantes, de acordo com o nível de escolaridade, aqui selecionados em dois níveis, tanto o de não-alfabetizados, quanto o dos alfabetizados, até a 8ª série. Porém, ressalta-se que essa dimensão proposta, não foi possível controlar, haja vista que nas comunidades indígenas geralmente há um “problema” de nivelamento das séries, devido as constantes dificuldades de se manter o calendário escolar com a carga horária exigida pela Secretaria de Educação. Ademais, há o fato de o calendário letivo ser adaptado de acordo com a realidade da comunidade, com um determinado número de horas para que os jovens possam acompanhar seus pais nas tarefas das roças, como plantio, colheitas de frutas, etc. Há também uma constante preocupação com a falta de professores para trabalhar nas escolas do local, o que causa enorme desnível de conteúdos e grande lacuna na aprendizagem das disciplinas que compõem o currículo.

**3 - Dimensão Diassexual e Diagenérica** – a essas dimensões estão atreladas a emancipação da mulher e o desempenho do seu papel na sociedade. Assim, procura-se controlar o desempenho dos usos das falas, de forma mais inovadora ou mais conservadora. Isso se deve, de acordo com Cardoso (2010, p.51), à “preocupação e interesse dos dialetólogos desde os primórdios dos estudos dialetais, o que conduziu a que os usos linguísticos de homens e mulheres se tornassem objeto de documentação”.

Nos grupos de falantes de sexo masculino (M) e nos grupos de falantes de sexo feminino (F) é possível verificar se há diferenças no comportamento linguísticos das variáveis relacionadas aos homens e às mulheres e quais seriam os fatores que corroboram ou não, essa inovação ou conservadorismo, porém, destaca-se que, nas sociedades indígenas, existem uma

distribuição de papéis entre homens e mulheres, como por exemplo, todas as articulações políticas e administrativas das aldeias são tratadas pelos homens.

Em oposição, as mulheres são responsáveis pela condução da família, da plantação e da colheita dos alimentos. As mulheres saem menos para o exterior das aldeias, e quando saem, é para acompanhar as crianças aos hospitais, em busca de atendimentos médicos e ambulatoriais.

4 - **Dimensão Diageracional** – na pesquisa aqui proposta, considera-se dois grupos de faixa etária, sendo o primeiro, o grupo I, primeira faixa etária, que compreende aos falantes de 18 a 30 anos; e o segundo grupo, o grupo II, segunda faixa etária, que compreende aos falantes de 40 a 70 anos.

5 - **Dimensão Dialingual** – Nesse estudo, a dimensão dialingual é necessária, por se tratar de uma pesquisa de línguas em contato, pois busca analisar o grau de bilinguismo que se apresenta na fala dos informantes wajãpi, em relação à sua língua materna e à Língua Portuguesa.

6- **Diarreferencial** – Os participantes das entrevistas foram estimulados a se manifestar a respeito de questões relacionados ao grau de bilinguismo na comunidade, às funções da etnia, ao uso da língua Wajãpi e da Língua Portuguesa. Diante das acepções descritas, as atuais pesquisas caracterizam-se pela possibilidade e esforço de recolha e análise dos dados, não só para vislumbrar a dimensão diatópica, mas também, controlar as dimensões diastráticas e as demais descritas anteriormente.

Assim, Altenhofen (2004) se apoia nessa perspectiva da Dialectologia Pluridimensional, ao argumenta que ela possui como função

Analisar e comparar adicionalmente entre um ponto e outro ( dimensão diatópica), a fala de homens e mulheres (dimensão diassexual) de diferentes faixas etárias ( dimensão diageracional) pertencentes a estratos sociais distintos ( dimensão diastráticas) e falantes de uma ou mais línguas ( dimensão dialingual) com competência metalinguística para perceber e “julgar” variantes distintas da língua ( diemensão diarreferencial), conforme a sua posição social, e com competência para empregar mais de um estilo de fala, conforme e situação (dimensão diafásica) (ALTENHOFEN, 2004, p.139).

Em conformidade com Cardoso (2010, p. 61) “a dialectologia especificamente os estudos geolinguísticos deixam de apresentar-se numa visão predominantemente diatópica e passam a exibir, também cartograficamente, dados de natureza social”, portanto, a

Dialetologia Pluridimensional engloba uma pesquisa mais completa considerando não somente o aspecto linguístico como também o espaço social do informante e a diversidade das línguas. Vejamos uma síntese das dimensões e dos parâmetros supracitados roteirizados por Thun (1996) e ilustrado com dados de nossa pesquisa.

**Quadro 1** - Dimensões e parâmetros de pesquisa no modelo pluridimensional e relacional aplicados na pesquisa

DIMENSÕES	PARÂMETROS	
1. Diatópica	Ponto 1. Aramirã Ponto 2. Pairakae Ponto 3. CTA Ponto 4. Mariry Ponto 5. Kurani'yty	
2. Diastrática	Nível de escolaridade	Não-alfabetizados ou alfabetizados até a 8ª série
3. Diassexual	Falante do sexo masculino (M) Falante do sexo feminino (F)	
4. Diagenérica	Variação/desempenho na fala de homens e de mulheres	
5. Diageracional	GI- 1ª faixa etária: de 18 a 30 anos GII- 2ª faixa etária: de 40 a 70 anos	
6. Dialingual	As línguas em contato: Wajãpi/Português (Bilinguismo) Bem / Razoável/ Mal	
7. Diarreferencial	Objetividade e metalinguagem	

Fonte: Dück (2011). Adaptado pela autora.

Como podemos observar no quadro acima, a Dialetologia Pluridimensional recobre diversas dimensões e parâmetros, porém, nessa exposição, que foi adaptada, não são elencados todos os tópicos deste método de análise (Pluridimensional) em sua totalidade, mas as dimensões e parâmetros específicos usados para coletas de dados neste trabalho, consideradas as especificidades das comunidades de fala eleitas.

Portanto, com base nos suportes-teórico e metodológicos apresentados nas sessões anteriores, percebeu-se que a Dialetologia, a Geolinguística e a Dialetologia Pluridimensional estão interligadas e contribuem sobremaneira no sentido de corroborar com seus campos de investigações e com seus objetos de pesquisas das ciências em relevo.

Dessa forma, avançando em direção à delimitação dos seus conceitos e dos seus pressupostos teóricos, elas vão contribuindo e apoiando-se uma a outra, pois como foi explicitado, com o surgimento da Dialetologia abriu-se caminho para estudos mais robustos sobre os dialetos em contexto geográfico, associando assim, a ciência da Dialetologia, ao método da Geolinguística. Cumpre dizer que, objetivando avançar em relação aos

pressupostos teórico-metodológicos e seus métodos de análise, houve a necessidade de abordar outras dimensões e parâmetros na pesquisa, daí essa abrangência maior.

Portanto, com o aprimoramento da Dialetologia e o surgimento do método pluridimensional, essa nova perspectiva de análise passa a controlar a diversidade linguística em diferentes contextos de uso da língua em interação, baseando-se em parâmetros pluridimensionais e relacionais. Sendo que, por um lado, a Dialetologia apresenta seu mecanismo de análise que contribui com o controle das variações que ocorrem no espaço geográfico, e por outro lado, a Sociolinguística descreve e analisa o contexto social, com o intuito de investigar a variabilidade Geossociolinguística da língua na dinâmica e nos seus contextos de usos.

### 3. METODOLOGIA

Conforme já mencionado, a elaboração dessa pesquisa foi realizada com base no Método Geolinguístico, a partir dos princípios da Dialetologia Pluridimensional ou Geossociolinguística, tomando como referência não só o projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB<sup>5</sup>, mas também, buscando acrescentar nas análises aqui propostas, elementos de caráter mais inovador, para que o tratamento dos dados imprimissem na descrição do léxico as dimensões e os parâmetros que caracterizam a pluridimensionalidade e que explicitam a realidade da fala dos informantes das localidades investigadas.

Todavia, a metodologia do ALiB não previu a inclusão de áreas rurais de modo geral em sua rede de pontos de inquérito, somente cidades classificadas como capitais e não capitais fazem parte dessa rede. Áreas rurais, remotas e/ou de difícil acesso, como as áreas indígenas brasileiras não foram contempladas. Assim, os falantes de Português pertencentes a grupos étnicos diversos como comunidade isoladas de imigrantes, quilombolas e indígenas não inseridos no projeto nacional, então, esta pesquisa surge como uma proposição para ampliar este estudo pautada nos princípios desta modalidade.

De acordo com essa proposição, controla-se as seguintes variáveis: a Dimensão Diatópica, que se refere à disposição espacial (geográfica) da rede de pontos de inquéritos selecionados; a Dimensão Diagenérica ou Diassexual, que engloba a estratificação do sexo

---

<sup>5</sup> O projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante ALiB, tem como diretor científico, na regional norte o prof<sup>a</sup> Dr. Abdelhak Razky, que desempenha também suas atividades profissionais no Programa de Pós-Graduação em Letras, na Universidade Federal do Pará

masculino e feminino dos informantes; e a Dimensão Diageracional, a qual é relativa à faixa etária, geração I e geração II dos informantes, bem como, a dimensão dialingual, nas quais se referem à língua Wajãpi e a língua portuguesa.

Assim, considerando os objetivos e as hipóteses elencados para seu desenvolvimento desse estudo, descrevem-se os procedimentos usados para ancorar a execução, as quais foram determinantes para a composição do mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi. No que tange aos critérios de escolha para os pontos de inquérito, consideramos o perfil dos informantes, a definição dos campos semânticos, com adaptações do Questionário Semântico Lexical- QSL para recolha dos dados, e tratamentos e sistematização destes para elaboração das cartas lexicais. Apresenta-se também um levantamento dos aspectos históricos e socioculturais da Terra Indígena Wajãpi, assim como o mapa e o quadro demonstrativo referentes a cada ponto de inquérito selecionado para compor o *corpus* que está evidenciado na sequência deste capítulo.

### 3.1 Contexto e Instrumentos da Pesquisa

Essa dissertação integra primeiramente o projeto Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm)<sup>6</sup>, que compõem e abarca em seu bojo determinados eixos de pesquisa, sendo que a pesquisa em tela se vincula ao quinto eixo, concernente à elaboração do Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas- ALIPAI é um projeto pioneiro, uma vez que mapeia o Português falado em áreas indígenas no território brasileiro, tema que não foi objeto de estudo da Geografia Linguística no Brasil até o presente momento. Os atlas estaduais, regionais e de pequenos domínios já elaborados, assim como o Atlas Linguístico do Brasil, não incluíram o mapeamento do Português falado em áreas indígenas em seu escopo, seja por opção dificuldades de pesquisadores. Assim sendo, este estudo também faz parte do Macroprojeto Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil-ALSLIB, o que está sendo desenvolvido em parceria com as instituições Universidade de Brasília-UNB e pela Universidade Federal do Pará-UFGPA, cujo objetivo principal é desenvolver o Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas Brasileiras e, mais recentemente se inserem nesta pesquisa, a Universidade Federal de Minas Gerais, a Universidade de Londrina, A Universidade da Grande Dourados, dentre outras.

O *corpus* deste trabalho foi constituído a partir dos dados coletados nas comunidades indígenas Wajãpi, em que os informantes foram submetidos ao Questionário Semântico Lexical (QSL) do projeto ALiB (2001)<sup>7</sup>, compostas por 202 questões, distribuídas em catorze campos semânticos, com algumas adaptações, perfazendo o total de 121 questões. Através dessas questões procuramos mapear a diversidade geossociolinguística da variação lexical do Português falado em situações de contato linguístico com a língua indígena Wajãpi, língua do sub-ramo VIII, da Família linguística Tupí- Guaraní, do tronco Tupí, conforme entendimento de Rodrigues (1984-1985).

A investigação foi desenvolvida em três etapas. Na primeira etapa, foi feito o levantamento, a revisão bibliográfica necessária ao tratamento do objeto de pesquisa. Na segunda etapa, foram utilizados três instrumentos de pesquisa, o primeiro corresponde à ficha do informante (que foi preenchida com dados dos informantes tais como: nome e sobrenome, etnia, sexo, idade, escolaridade, etc.); o segundo, constitui no Questionário Sociolinguístico

---

<sup>6</sup> O projeto Geo-sociolinguística e Socioterminologia, denominado GeoLinTerm é um projeto desenvolvido com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoleologia, Geografia Linguística, Sociolinguística e compreende 5 eixos de pesquisa, dos quais destaca-se aqui o Atlas Linguístico do Português em Áreas em Indígena, no qual integra essa dissertação.

<sup>7</sup> Ver no anexo A, na página de número 134.

do projeto Atlas Linguístico do Português em Áreas em Indígenas- ALIPAI; e na terceira, foi aplicação do QSL, o qual foi adaptado para atender as necessidades do contexto da pesquisa, sobretudo, acrescido da indagação: “e na sua língua, como se chama isso?”, com o intuito de registrar o grau de proficiência dos informantes. Para finalizar realizaram-se os recortes, transcrições, análises e totalizações do *corpus*.

### 3.2 Aspectos históricos e socioculturais da Terra Indígena Wajãpi

Wajãpi é a denominação da etnia que habita na Terra Indígena Wajãpi situada na região oeste do Estado do Amapá, englobando os municípios de Pedra Branca do Amapari e do Laranjal do Jari. E na Guiana Francesa, nas localidades situadas nas proximidades do município de Oiapoque, mais precisamente às margens do Rio Camopi.

Ressalta-se que os colaboradores retratados nesta pesquisa são os Wajãpi do triângulo do Amapari que, segundo o senso populacional realizado pelo IBGE (2010), somam 1200 indígenas, dentre os quais homens e mulheres, incluindo crianças, jovens, adultos e idosos, habitantes de terra denominada Terra Indígena Wajãpi (TIW), cuja homologação de demarcação foi publicada no Diário Oficial da União-DOU de 24 de maio de 1996 e compreende uma extensão territorial de 607 mil hectares. Nesse espaço geográfico, concentra-se a “floresta tropical densa e tem um relevo acidentado, integrando o complexo do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, composta de 49 aldeias, distribuídas em todo seu território” (GALLOIS 2011)<sup>8</sup>.

O povo Wajãpi fala a língua da família Tupí-Guaraní, o Wajãpi, que é a língua materna, e a Língua Portuguesa, que é considerada como segunda língua ou língua estrangeira.

É importante enfatizar que “a língua falada por essa etnia é de tradição oral, ou seja, “foi transmitida pelos seus antepassados por meio de narrativas orais, mas que atualmente, alguns moradores começam a praticar a linguagem escrita” (Calbi Wajãpi, 2016). Os Wajãpi paulatinamente desenvolvem essa modalidade escrita através do acesso à escola a partir da “Constituição Federal de 1998 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as quais garantiram às populações indígenas o direito a educação escolar (específica e diferenciada,

---

<sup>8</sup> Para maiores informações verificar <http://www.institutoiepe.org.br/infoteca/livros/terra-indigena-wajapi/>.

intercultural e bilíngüe)”, conforme preconiza o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI (2011).

### 3.3 Descrição da Rede de Pontos

Selecionou-se cinco pontos de inquéritos dentro do território que correspondem aos limites político-administrativos do Estado do Amapá, ou seja, o município de Pedra Branca do Amapari, onde se localizam as Terras Indígenas Wajãpi, tendo sido elencados os pontos (01) Aramirã, (02) Pairakae, (03) CTA, (04) Mariry e (05) Kurani'yty. A distribuição desses pontos está visualizada no Mapa 01, na rede de pontos e a localização detalhada de cada ponto pode se visualizar na tabela 01 de localização de pontos.

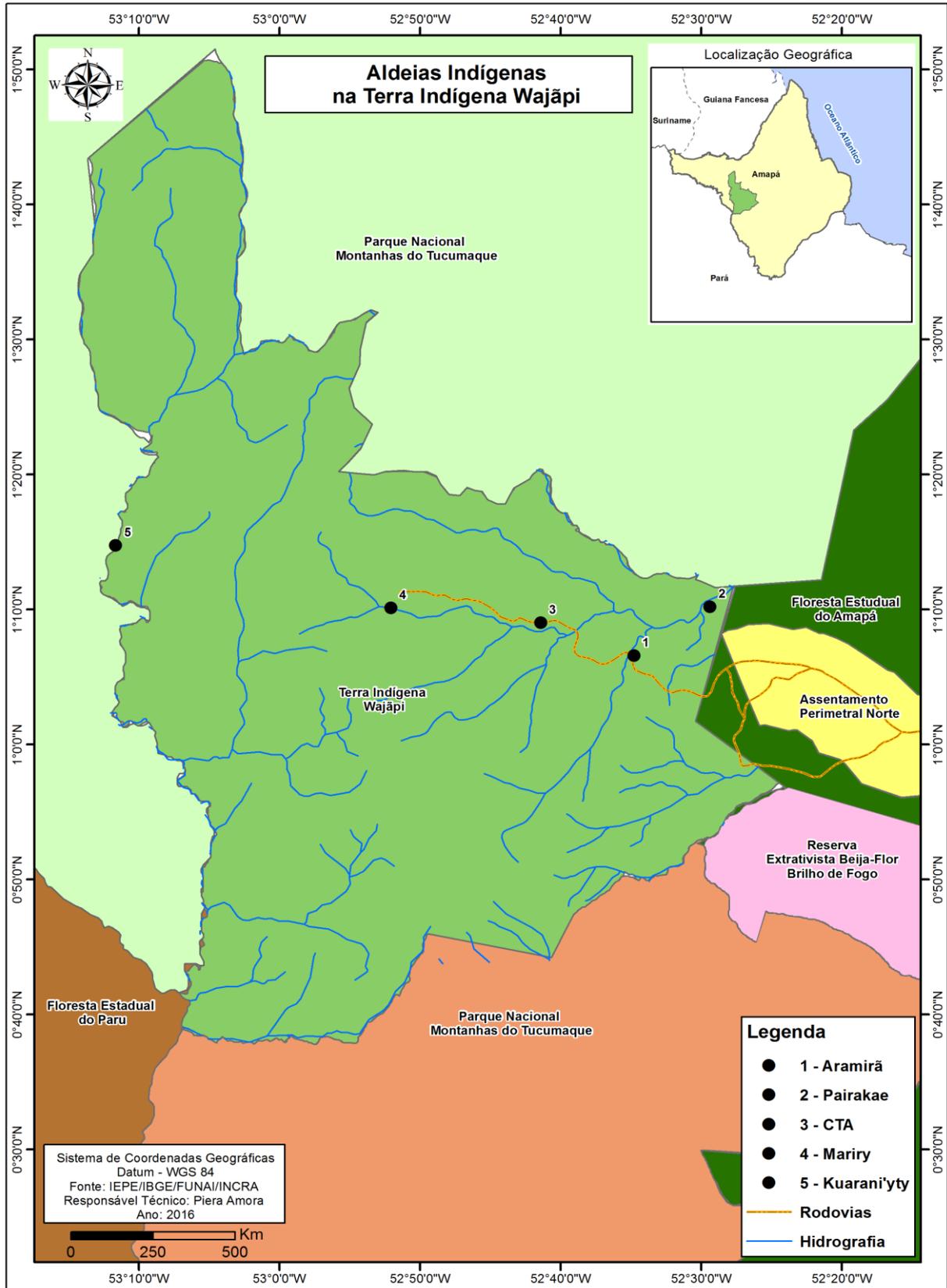
A seleção da rede de pontos seguiu a tradição da Dialectologia, priorizando somente as cinco aldeias, entre as 49 existentes em dimensão territorial. Sendo assim, foram levados em consideração para definição da rede de inquéritos os seguintes critérios: i. A pertença da língua materna; ii. A representação histórica e socioeconômica das comunidades de falantes em relação as outras aldeias da etnia; iii. A densidade demográfica e geo-história da localidade; vi. A dimensão espacial que permite a identificação do uso da língua, dentro de uma determinada área geográfica, considerando o parâmetro de equidistância dos traçados e o isolamento entre as comunidades<sup>9</sup>.

Justificam-se as escolhas dos pontos em direção ao noroeste e nordeste pelo fato das aldeias estarem localizadas no percurso da Rodovia BR 210 - Perimetral Norte, sendo que o acesso aos demais pontos em direção norte, sul e sudeste é restrito, e a locomoção até o ambiente que os falantes wajãpi vivem é de difícil acesso, fator que trouxe impedimentos para se fazer uma seleção desses pontos de maneira mais abrangente.

---

<sup>9</sup>Anotações elaboradas no dia 11/11/2015 a partir das aulas da disciplina *Sociolinguística* ministrada pelo Prof. Dr. Abdelhak Razky

**Figura 1 - Rede de Pontos do Mapeamento Lexical do Português falado pelos Wajãpi**



Fonte: Piera Amora (NAEA/UFPA).

**Tabela 01** - Resumo da Rede de Pontos de inquéritos da pesquisa

<b>TABELA 1 DE LOCALIZAÇÃO</b>		
<b>Número do ponto</b>	<b>Nome da Localidade</b>	<b>Localização</b>
1°	Aramirã	Rodovia BR 210-Perimetral Norte, km 286.
2°	Pairakae	Rio Felício
3°	CTA	Rodovia BR 210-Perimetral Norte, Km 309.
4°	Mariry	Rio Wesetyary/ Rio Mariry
5°	Kurani'yty	Extremo Oeste do Amapá, no rio Kurawary e na fronteira do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque.

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

Apresenta-se a seguir, um panorama geohistórico-cultural dos pontos onde foi coletado o *corpus* linguístico e extralinguístico da pesquisa.

**Aramirã (Ponto 01)** - Aramirã, situada às margens direita e esquerda da Rodovia BR 210-Perimetral Norte, no quilômetro 286. É um assentamento que abriga diversas aldeias, cortado pela estrada e que se divide em duas grandes ocupações. No sentido Macapá/Pedra Branca do Amapari, encontra-se o primeiro grande assentamento, ao lado esquerdo da estrada, onde estão instaladas as instituições administrativas tais como o posto da FUNAI, a enfermaria de saúde, uma casa para hospedar professores do Governo do Estado do Amapá (GEA), a Escola Indígena Est Aramirã-Estadual destinada ao Ensino Fundamental, Educação Indígena e Educação de Jovens e Adultos. Essa escola atende os estudantes das aldeias: Pairakae, Myrysicsity, Kwapo'ywry, Kujari, Pyrakenupã, Okora'yry, Pinoty, Aruwaity, Kumakary, Ytape, Kapuwera, Ytuwasu, Tajau'ywry, Açaizal, Jawarary, Ywytõtõ.<sup>10</sup>

Nesse mesmo espaço, há também uma casa, onde estão instaladas salas de pesquisa, uma maloca redonda para realização de oficinas, cursos e reuniões, como também destinadas às atividades culturais e uma casa que abriga os wajãpi residentes em outras aldeias, que estiverem de passagem por Aramirã, de onde se podem deslocar para Macapá.

Nesse mesmo espaço fica também, situada uma casa, onde está instalado o rádio de comunicação entre as aldeias e Macapá, que serve à comunidade, usado pela equipe de saúde, por chefes de posto e pelos wajãpi. Em relação à energia elétrica, essas instalações possuem motor a óleo diesel, só para fazer atendimentos de emergências, como também para

<sup>10</sup> Disponível em [http://www.institutoiepe.org.br/media/docs\\_indigenas/Prioridades\\_wajapi\\_2006\\_-\\_Apina.pdf](http://www.institutoiepe.org.br/media/docs_indigenas/Prioridades_wajapi_2006_-_Apina.pdf) Acessado em 11 de julho de 2016

acondicionar os medicamentos nas geladeiras e para realizações dos procedimentos ambulatoriais durante as noites. A aldeia Aramirã é fixa e tem mais de 30 anos de existência.

Ao lado direito da rodovia, está localizado um assentamento onde estão situadas diversas casas habitadas por famílias wajãpi, um conjunto de “pátios” da aldeia, ao redor de cada casa, onde homens e mulheres cultivam suas plantas, espécies de jardins, onde está plantada uma variedade de pés de cupuaçu, mangas, cajueiros, coqueiros, açaís, pés de cuias, algodão, urucum e pimenta, etc. O pátio é o jardim da casa, onde cozinham, reúnem-se para fazer as refeições, reuniões e festas. E, um pouco distante das casas, são cultivadas as roças de macaxeira, de mandioca, de banana, de milho e de cará.

Segundo informações fornecidas pela Coordenadoria Técnica Local dos Direitos Sociais- CTLDS/FUNAI-AMAPÁ (2016), órgão responsável pelo senso demográfico, a população indígena na aldeia Aramirã é composta de 58 pessoas. Com base em depoimentos narrados sobre o modo de vida e as tradições dos Wajãpi, representantes dessa Coordenadoria afirmam que

Nós, todos os Wajãpi não somos iguais entre si. Existem vários subgrupos que falam diferentes e têm seus próprios chefes. As festas de cada subgrupo são diferentes, as histórias contadas por eles, também são diferentes. Cada subgrupo ocupa uma região da Terra Indígena Wajãpi e as pessoas de um grupo só podem morar em outra região se casar com um morador de lá [...] (Marãte Wajãpi, 2016)<sup>11</sup>.

Assim, eles trazem consigo essas diferenças entre si que influem na realidade da comunidade, a partir da posição geográfica que ocupam nesse espaço, das relações históricas, da intensidade e da qualidade do contato mantido com os nãos índios (karaikõ). Tudo isso que marca características culturais presentes no seu modo de ser e de agir no seu cotidiano, que fortalecem suas relações de trocas de conhecimentos tradicionais com seu povo.

**Pairakae (Ponto 02)** - A aldeia Pairakae está localizada às margens do rio Felício, pode-se deslocar para essa aldeia, a partir do assentamento Aramirã, descendo o Rio Felício, pela margem direita, em um voadeira, com motor 25 a óleo diesel, após 3h/4h de viagem ultrapassando cachoeiras e correntezas do rio e transpondo barreiras de árvores que caem e rochas pontiagudas que estão postas no leito do rio. Chega-se ao destino e vislumbra-se a beleza da aldeia cercada da exuberante floresta Amazônica e, ao final, entra-se o rio Amapari. Nessa aldeia, mora um total aproximado de 43 pessoas. E o chefe dela é o seu fundador Kumare Wajãpi, casado e pai de 10 filhos e 18 netos.

---

<sup>11</sup> Os depoimentos aparecem aqui nomeados por seus nomes verdadeiros por decisão própria dos autores.

Segundo Kumare Wajãpi (2016), o nome Pairakae é “(...) porque eu trouxe paira da floresta para fazer arco e coloquei na frente da casa perto do jirau com moqueado de anta. De repente, à noite, caiu no fogo e queimou. Por isso coloquei esse nome: arco queimado...”. Nessa comunidade tem uma diversidade de espécies tais como: cipó titica, jatobá, murumuru, batata etc. Nessa região encontram-se altas montanhas. As crianças vão estudar na escola da comunidade Aramirã.

**CTA (Ponto 03)** - A aldeia CTA está situada à beira esquerda da Rodovia BR 210 (Perimetral Norte), no quilômetro 309, ao lado esquerdo, onde está localizada uma instalação que é destinada à enfermaria, que comporta sala de atendimento ambulatorial aos pacientes, sala de vacina e sala onde fica instalada a central de rádio comunicação, não tem energia elétrica, apenas um motor a diesel para as emergências. Ao lado direito, situa-se a casa que serve de alojamento aos técnicos da saúde, do meio ambiente e do serviço sanitário. Há um pátio principal, no qual são cultivados pés de coqueiro, cupuaçu, cajueiro, jambeiro e açazeiro. Logo em seguida, existe um caminho que leva ao pátio-aldeia principal, em que estão situadas três amplas casas para a família do chefe, cacique Jurara Wajãpi, sua esposa, três filhas casadas, três genros, netos, netas e três bisnetos. Nessa aldeia mora uma população estimada em 25 pessoas. A aldeia CTA é fixa e tem mais de 30 anos de existência.

Por traz da aldeia passa um igarapé, no qual a família aproveita para pescar e tomar banho, é um pequeno paraíso. Pode-se observar a qualidade e a beleza deste assentamento, com uma variedade de espécies de plantas que formam os pátios tais como: pés de urucum, cupuaçu, pimenta, jerimum, algodão, bacaba, pupunha cuieira e jenipapo. Há uma diversidade de pássaros multicoloridos que produzem a “linguagem dos pássaros”, uma linguagem ritmada, pois cantam ao amanhecer e ao entardecer anunciando as mudanças no tempo, já que o tempo passa, sem que se precisem consultar os relógios, possibilitando uma sinfonia de cantorias que são ímpares aos ouvidos dos visitantes. O clima é muito agradável e chega a fazer muito frio à noite, principalmente durante a madrugada.

Ademais (sinônimo), à margem direita da rodovia, em frente à aldeia são cultivadas as roças de macaxeira, de mandioca, de milho, de banana, de cará e de batata doce. Há uma abundância de pés de castanhas-do-pará, que são coletadas para fazer parte da alimentação, bem como são produzidos por eles os beijus e outras iguarias da culinária Wajãpi.

O cacique Jurara Wajãpi (2016) assegura que

A prioridade é o investimento na educação, por parte do governo estadual é fundamental, pois a comunidade precisa aprender a língua materna e que é importante para preservar sua cultura, mas que, acha também necessário que os jovens aprendam o português para saber fazer compras e resolver problemas na cidade e falar com as pessoas que chegam à aldeia. Disse que as crianças aprendem primeira a língua Wajãpi, com os avós e com os pais. Depois, com 12 anos, quando já estão alfabetizadas em sua língua materna é que vão aprender o português[...]

**Mariry (Ponto 04)** – O assentamento Mariry está situado às margens do rio Wesetyary e do rio Mariry. Ao se trafegar no sentido Macapá/Pedra Branca do Amapari, chega-se à aldeia Jakare, e a partir de lá, desce-se o Rio Wesetyary de voadeira e motor de popa a diesel, no trajeto é preciso transpor cachoeiras, rochas pontiagudas dispersas no leito do sinuoso rio, faz-se o percurso em 2h, durante o inverno em 6h, durante o verão, encontra-se o grande assentamento Mariry que comporta 06 aldeias, e que possui uma população estimada em 222 pessoas. Essa aldeia é fixa, com mais de 30 anos de existência.

Nesse assentamento encontram-se diversas instalações dentre as quais: pátios cercados de pés de algodão, cupuaçu, bananas, urucum e inajá. Logo adiante, está instalada uma casa (*oka*) menor, que é destinada a abrigar a canoa de fermentação para a preparação da bebida de mandioca (*Kasiri*) e outra, para moquear a caça de carne servida nas refeições; que pode ser de veado, de porco do mato e de tatu. Há uma terceira instalação para ralar a mandioca e assar os deliciosos beijus. Esse mesmo espaço está compartilhado por diversas instalações de casas dos indígenas. Existe também uma “Tapaina”, “casa de resguardo”, na qual a moça em resguardo permanece durante suas primeiras menstruações, com caminho de paixiúba, que protege a moça de pisar diretamente no chão para não quebrar o ritual de proteção do resguardo.

No assentamento Mariry, está localizada a Escola Indígena Est Maryry-Estadual destinada ao Ensino Fundamental, Educação Indígena, que atendem aos estudantes das aldeias: Karapijuty, Yvytõtõ e Tapi'ikãgwerary, que fazem parte desse assentamento.

**Kurani'yty (Ponto 05)** - A aldeia Kurani'yty está situada no Extremo Oeste do Amapá, às margens do rio Kurawary, com a fronteira do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque. Pode-se deslocar para essa aldeia, a partir da aldeia Jakare, descendo o rio Kurawary pela margem esquerda, em um voadeira, com motor 25 a óleo diesel. Após 6h/8h de viagem ultrapassando cachoeiras e correntezas do rio e transpondo barreiras de árvores que caem e rochas pontiagudas que estão postas no leito do rio, chega-se ao destino e vislumbra-

se a beleza da aldeia cercada da exuberante floresta Amazônica, montanhas e ao limite encontra-se o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque.

Nessa aldeia mora um total aproximado de 63 pessoas que ocupam as casas Wajãpi (okas), com seus pátios (okary) em que cultivam suas roças (koos) com técnicas ambientais sustentáveis para desenvolver as atividades de caça, de pesca e de coleta em torno da aldeia (koo kwer), uma vez que os Wajãpi, quando saem para a mata, seguem percursos escolhidos de acordo com a abundância sazonal de frutas de que alimentam os animais e peixes para que as espécies sejam preservadas e que nunca corram o risco de cultivos e consumos predatórios.

Em depoimento, o cacique Waiwai Wajãpi afirma que

Decidimos há muito tempo ocupar os limites da Terra Indígena Wajãpi porque assim podemos proteger nossa terra das invasões dos não índios. Fica fácil fazer a vigilância se moramos junto aos limites. E ali temos muita caça e lugares bons para abrir nossas roças. Nós já sabemos há muito tempo que a mudança de aldeias melhora nossa saúde, porque os lugares novos têm muita fartura e nossas famílias vão se alimentar bem[...] (GALLOIS, 2011, p.28)

### 3.4 Perfil dos Informantes

Quanto aos informantes, foram selecionados 4 informantes de cada aldeia Wajãpi, totalizando 20 informantes nas cinco redes de ponto de inquérito, com o perfil estratificado de acordo com; gênero, idade e escolaridade. O primeiro grupo é composto de um homem e uma mulher, na faixa etária de 18 a 30 anos, não alfabetizado (a) ou alfabetizado (a) até a 8ª série do ensino fundamental; o segundo grupo, também composto por um homem e uma mulher, na faixa etária de 40 a 70 anos, não alfabetizado (a) ou alfabetizado (a) até a 8ª série do ensino fundamental. Por conseguinte, atentou-se também como critérios: que o informante deveria ser bilíngue (falante Wajãpi e língua Portuguesa); ser nativo da localidade e ser filho de pais também da região. A seleção do perfil dos informantes seguiu as orientações e os objetivos do Macroprojeto de pesquisa ALSLIB, com a finalidade de investigar e identificar a diversidade sociolinguística da comunidade em relevo. O quadro 02, seguinte detalha essas estratificações sociais.

**Quadro 2** - Perfil dos informantes

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>SEXO</b>		<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>LÍNGUAS FALADAS</b>
Faixa etária I 18 a 30 anos	01 Homem MA	01 Mulher FA	Não alfabetizados ou alfabetizados até a 8 <sup>a</sup> série	Wajãpi/Português
Faixa etária II 40 a 70 anos	01 Homem MB	01 Mulher FB	Não alfabetizados ou alfabetizados até a 8 <sup>a</sup> série	Wajãpi/Português
Total de informantes por localidade: 04				

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

### 3.5 Constituição do corpus

Os dados abordados no presente corpus são resultados de sucessivos trabalhos de campo, realizados junto aos falantes Wajãpi, em diferentes etapas, durante os meses de fevereiro, março, junho e julho de 2016. Nesse sentido, o *corpus* foi constituído a partir da recolha dos dados inqueridos nas cinco aldeias indígenas Wajãpi investigadas, nas quais os 20 informantes que foram selecionados segundo os critérios: (i) idade – faixa etária I, entre 18 e 30 anos, e faixa etária II, entre 40 e 70 anos; (ii) sexo- homens e mulheres; (iii) escolaridade- não-alfabetizados ou alfabetizados até a 8<sup>a</sup>série e falantes bilíngues Wajãpi/Português, totalizando 4 informantes por cada ponto de inquérito.

Os informantes responderam **ao Questionário Semântico Lexical (QSL)** do projeto ALiB (2001), composto por 202 questões. No entanto, selecionaram-se, adaptaram-se e adotaram-se para esse trabalho apenas cento e vinte (121) uma questão, distribuídas em catorze (14) campos semânticos, considerando-se os contextos socioculturais dos falantes. Sendo que foram abstraídos apenas 20 itens para a análise, pelo motivo de que revelam no *corpus* variantes mais produtivas. Essas encontram-se mapeadas nas cartas lexicais e os demais itens estão organizados em tabelas no anexo do trabalho. No quadro 03 estão apresentados os itens lexicais selecionados e agrupados de acordo com os campos semânticos.

Quadro 3 – Itens Lexicais

Nº	QUESTÃO	CAMPO SEMÂNTICO	ITEM LEXICAL
01	04	Acidentes geográficos	<i>Redemoinho (de água)</i>
02	11	Fenômenos atmosféricos	<i>Temporal / Tempestade / Vendaval</i>
03	18	Fenômenos atmosféricos	<i>Garoa</i>
04	28	Astros e tempo	<i>Anoitecer</i>
05	31	Astros e tempo	<i>Estrela cadente / Estrela filante / Meteoro / Zelação</i>
06	58	Atividades agropastoris	<i>Bolsa / Bruaca</i>
07	83	Fauna	<i>Mosca varejeira</i>
08	83	Fauna	<i>Bicho de fruta</i>
09	100	Corpo humano	<i>Desdentada / Banguela</i>
10	109	Corpo humano	<i>Cheiro nas axilas</i>
11	114	Corpo humano	<i>Perneta</i>
12	116	Corpo humano	<i>Pessoa de pernas arqueadas</i>
13	136	Convívio e comportamento social	<i>Pessoa tagarela</i>
14	137	Convívio e comportamento social	<i>Pessoa pouco inteligente</i>
15	138	Convívio e comportamento social	<i>Pessoa sovina</i>
16	139	Convívio e comportamento social	<i>Mau pagador</i>
17	144	Convívio e comportamento social	<i>Bêbado (designações)</i>
18	151	Religião e crenças	<i>Benzedeira</i>
19	183	Alimentação e cozinha	<i>Empanturrado</i>
20	202	Vida urbana	<i>Bodega / Bar / Boteco</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

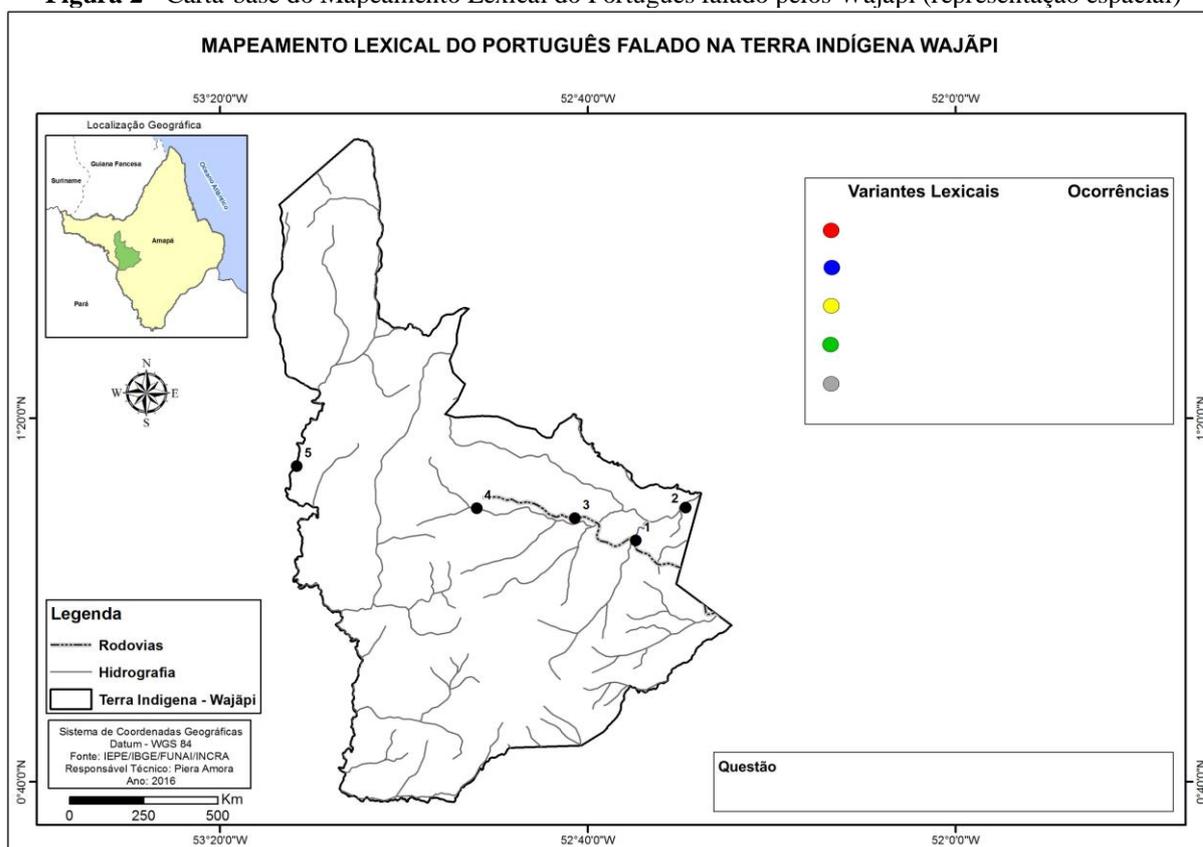
O *corpus* dessa Dissertação é constituído por 20 itens lexicais, acima descritos de diferentes campos semânticos. Essa delimitação justifica-se por considerar a seleção das variantes lexicais mais produtivas, a partir da variabilidade por elas representadas que são

mais recorrentes, observando-se a relevância dos fenômenos de caráter linguístico e extralinguístico demonstrados a partir dos percentuais de ocorrências das designações que esses itens revelaram após o tratamento dos mesmos.

### 3.6 Processo de Elaboração das Cartas Linguísticas

As cartas-base que compõem as figuras 01 e 02 têm por finalidade explicar e orientar a composição das representações espacial e social das cartas lexicais que foram analisadas no corpus da dissertação. Vale ressaltar que essas organizações concernentes às cartas linguísticas seguem ainda as orientações do Projeto Atlas Linguístico do Amapá- ALAP.

**Figura 2** - Carta-base do Mapeamento Lexical do Português falado pelos Wajãpi (representação espacial)



Fonte: Piera Amora (NAEA/UFPA). Adaptada pela autora (2016)<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Com base nas orientações das cartas linguísticas do Projeto Atlas Linguístico do Amapá- ALAP, no prelo.

A seleção das cores foi feita de acordo com sistema RGB<sup>13</sup> (sistema de cores), tomando como referência o *Atlas Linguístico do Brasil*, demonstrada na tabela 02 abaixo.

**Tabela 2 – Cores para cartas lexicais, até 7 variantes (RGB)<sup>14</sup>**

CORES	R	G	B
<b>1</b>	<b>255</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>2</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>255</b>
<b>3</b>	<b>255</b>	<b>255</b>	<b>0</b>
<b>4</b>	<b>0</b>	<b>200</b>	<b>0</b>
<b>5</b>	<b>248</b>	<b>150</b>	<b>201</b>
<b>6</b>	<b>0</b>	<b>176</b>	<b>240</b>
<b>Sem respostas</b>	<b>166</b>	<b>166</b>	<b>166</b>

Fonte: Cardoso et. al. (2014). Adaptado por Sanches (2015)<sup>15</sup>.

**Figura 3 - Carta-base do Mapeamento Lexical do Português falado pelos Wajãpi (representação social)**



Fonte: Piera Amora (NAEA/UFPA). Adaptada pela autora (2016)<sup>16</sup>.

<sup>13</sup> RGB é um sistema de cores aditivo que representa a mistura de luz em oposição ao subtrativo CMYK, que representa mistura de pigmentos. O nome RGB é uma sigla formada das iniciais dos nomes das suas cores primárias: *red* (vermelho), *green* (verde) e *blue* (azul). Nesse sistema, cada cor é definida pela quantidade de vermelho, verde e azul que a compõem.

<sup>14</sup> Optou-se pela utilização da cor cinza para representar as variantes lexicais sem respostas.

<sup>15</sup> Para maiores informações consultar a dissertação de mestrado intitulada: *Variação lexical nos dados do projeto Atlas geossociolinguístico do Amapá*.

<sup>16</sup> *Idem*

### 3.7 Procedimentos para descrição e análise dos dados

A descrição e análise dos dados seguiram os encaminhamentos e os procedimentos metodológicos do projeto ALiB 2001, que consistem, primeiramente, no armazenamento de todas as entrevistas gravadas em formato MP3, em pastas para cada ponto de inquérito, seguida da organização de cada arquivo de dados por informante. Em seguida, os recortes dos áudios foram feitos utilizando-se o software Audacity e organizados em tabelas, ao mesmo tempo que, foram processadas as transcrições grafemáticas.

Trabalhou-se com a totalização dos mesmos e, depois, foram feitas as operações matemáticas de regra de três para organizar as porcentagens dos dados, e, posteriormente, passou-se aos procedimentos para representações das variantes nos pontos de inquéritos e as suas correspondentes ocorrências.

Após estas etapas foram realizadas as revisões das transcrições grafemáticas e com todas as cartas-base já estavam elaboradas, seguiu-se para concretização das cartas linguísticas, que foram feitas com auxílio do software CorelDRAWX5.

Foram escolhidas as 20 cartas lexicais mais representativas e a partir deles foram produzidas as tabelas com as porcentagens e os gráficos. Finalmente, foram realizadas as análises que se seguem.

## 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo 4 intitulado “análise dos resultados”, é apresentada a análise do perfil sociolinguístico da comunidade Wajãpi, assim como as cartas linguísticas distribuídas de acordo com os vinte itens lexicais selecionados e campos semânticos escolhidos. São expostas as tabelas com as frequências das variantes lexicais e os gráficos que retratam as ocorrências em porcentagem de cada item lexical. Todos esses elementos foram analisados de forma concisa e salientam-se os aspectos geográfico e social.

### 4.1 Análise do perfil sociolinguístico da comunidade pesquisada

Apresenta-se, nesta seção, a descrição e a análise dos dados pesquisados através do **Questionário Sociolinguístico**, que busca compreender a atitude e o conhecimento dos Wajãpi com relação à Língua Wajãpi e à Língua Portuguesa. Estas são línguas em contato e faladas em contexto bilíngue da comunidade pesquisada. A análise visa identificar o nível de proficiência dos 20 informantes, evidenciando **como, com quem, onde, por quê**, esses falantes usam a língua materna ou a língua portuguesa, procurando retratar a funcionalidade da comunicação e socialização entre os diferentes membros da própria comunidade, entre as famílias que ali vivem, nos diferentes domínios sociais que compreendem as aldeias como na escola, na igreja, nas atividades culturais e nas reuniões, por exemplo.

A análise objetiva também conhecer como se estabelece à comunicação com o mundo exterior, com as cidades mais próximas. Nesse caso, a relação que os wajãpi estabelecem é com Macapá, cidade distante 295 km. Ao se deslocarem para a capital, eles vão em busca de suportes para suprir as suas necessidades básicas, para comprar materiais para prática da agricultura e da pesca, bem como, resolver problemas nas áreas da saúde, da educação ou assuntos profissionais.

As comunidades de Aramirã, Paraikae, CTA, Mariry e Kurani'yty são aldeias fixas e mais populosas, ao mesmo tempo que são consideradas do ponto de vista da organização social dos wajãpi, como aldeias que compartilham de certos privilégios quando comparadas a diferentes aldeias distribuídas nas TIW, que são consideradas nômades, pois os indígenas se mobilizam de acordo com as estações do ano, como também são movidos pela necessidade de buscar a subsistência do grupo. Utilizam-se, dessa forma, de ocupação como estratégia de monitoramento do seu território, contra as constantes práticas de invasões dos não-índios, que os tornam grupos mais reservados.

No entanto, nesses núcleos que se apresentam como domínio social e neles se estabelecem e efetivam relações entre os membros da etnia Wajãpi, ou entre as outras etnias que habitam no território amapaense e brasileiro como a sociedade majoritária, é inevitável o estabelecimento de interações entre falantes que precisam “aprender” a língua nacional, como uma necessidade imperiosa, ou seja, o Bilinguismo para educação indígena, assume um “caráter compulsório” expressão usada por SECCHI (1998)<sup>17</sup>, no sentido que não é uma questão de escolha o “domínio” do segundo idioma, mas, uma questão de obrigação e de necessidade, pois eles precisam demonstrar o grau de pertencimento com à comunidade envolvente e lutar ferozmente para conquistar seus direitos. Faz-se oportuno esclarecer que os meios de comunicações como rádio e televisão não fazem parte do cotidiano na Terra Indígena Wajãpi, eles só estabelecem comunicação não presencial através da central de rádio amador instalado em algumas aldeias, dentre elas, Aramirã, CTA, Manilha.

A fim de traçar a análise do perfil sociolinguístico da comunidade pesquisada, passar-se-á a demonstrar os resultados da pesquisa em que foram levados em conta os domínios linguísticos como a casa, a escola, a comunidade e a cidade mais próxima, que é Macapá, onde estabelecem várias formas de relações. Observem os gráficos<sup>18</sup> a partir da página seguinte, acompanhados respectivas perguntas e respostas.

Os resultados dos gráficos referem-se as respostas de acordo com o Questionário Sociolinguístico, constituído de 9 perguntas e aplicadas nos pontos de inquéritos já informados. Os pontos estão demonstrados no quadro 4.

**Quadro 4** – Relação número e nome de cada ponto pesquisado.

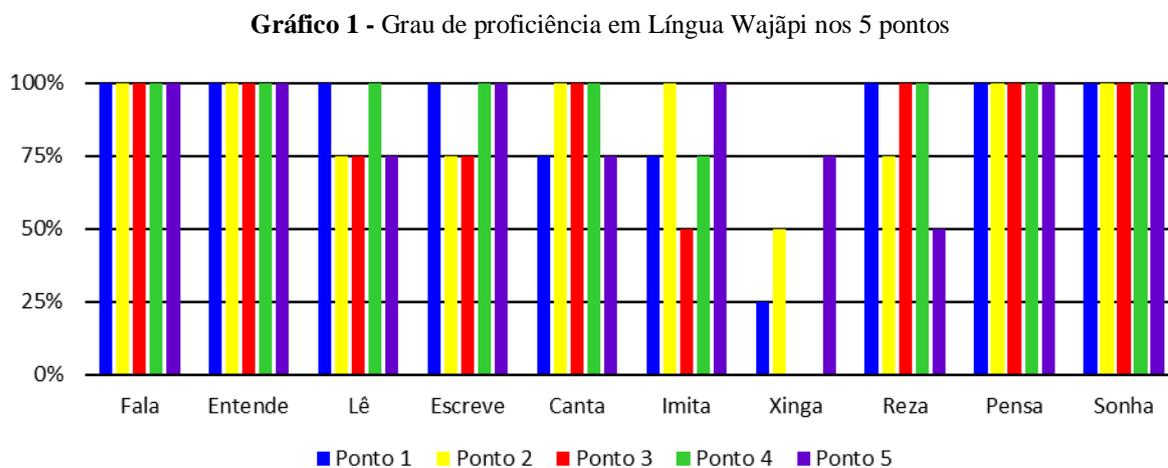
<b>Número do Ponto</b>	<b>Nome do ponto</b>
01	Aramirã
02	Paraikae
03	CTA
04	Mariry
05	Kurani'yty

Fonte: Elaborada pela autora, 2016

<sup>17</sup> Disponível: portal mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol4c.pdf. Acessado em 01 de novembro de 2016.

<sup>18</sup> Os resultados dos gráficos referem-se as respostas de acordo com o **Questionário Sociolinguístico**, em cada ponto de inquérito e com número de 4 informantes por ponto, com total de 20 colaboradores.

**Pergunta 1 - “Quanto ao Wajãpi (LI), qual é o grau de proficiência dos entrevistados?”**



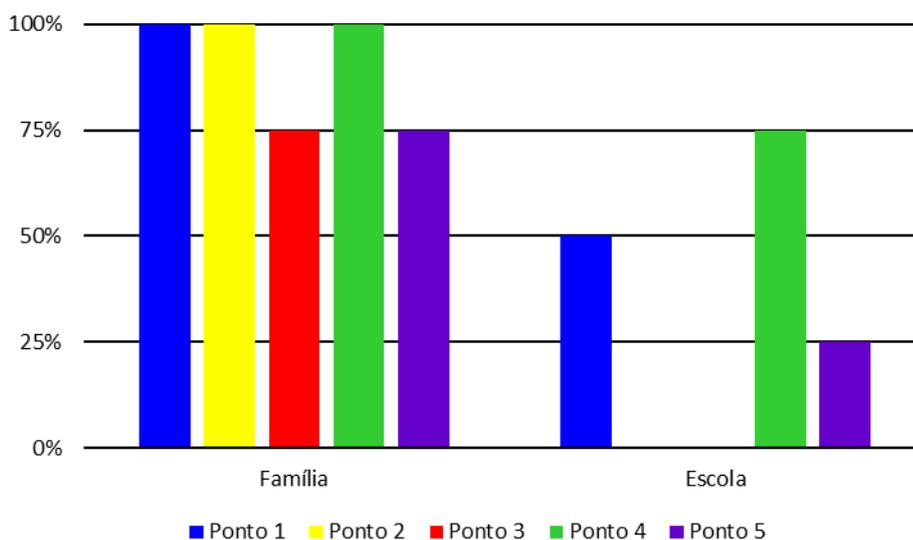
Fonte: Elaborado pela autora.

É importante enfatizar que “a língua falada por essa etnia é de tradição oral, ou seja, foi transmitida pelos seus antepassados por meio de narrativas orais, mas que atualmente, alguns moradores começam a praticar a linguagem escrita” (WAJãPI, CALBI, 2016). A fala de Calbi é confirmada nas análises dos gráficos a cima, pois percebe-se que a competência oral e a compreensão oral estão bem representadas nos gráficos em maiores porcentagens.

Os dados do gráfico 1 demonstram o conhecimento, ou seja, o grau de proficiência da língua materna dos indígenas nas aldeias pesquisadas. Esse gráfico, como mostrado acima, indica que 100% dos Wajãpi, falam, entendem, pensam e sonham na língua materna, independente de sexo, idade e escolaridade, e isso permite afirmar que os falantes Wajãpi, estão preocupados com a transmissão da língua/cultura, pois está sendo feito um trabalho de preservação, desenvolvido pelas famílias, sobretudo pelos mais velhos, avós, pais e pelos professores. É, assim, fato notório que os falantes Wajãpi são os agentes que promovem a própria vitalidade da língua materna.

## Pergunta 2 - “Como aprendeu a falar Wajãpi (LI)?”

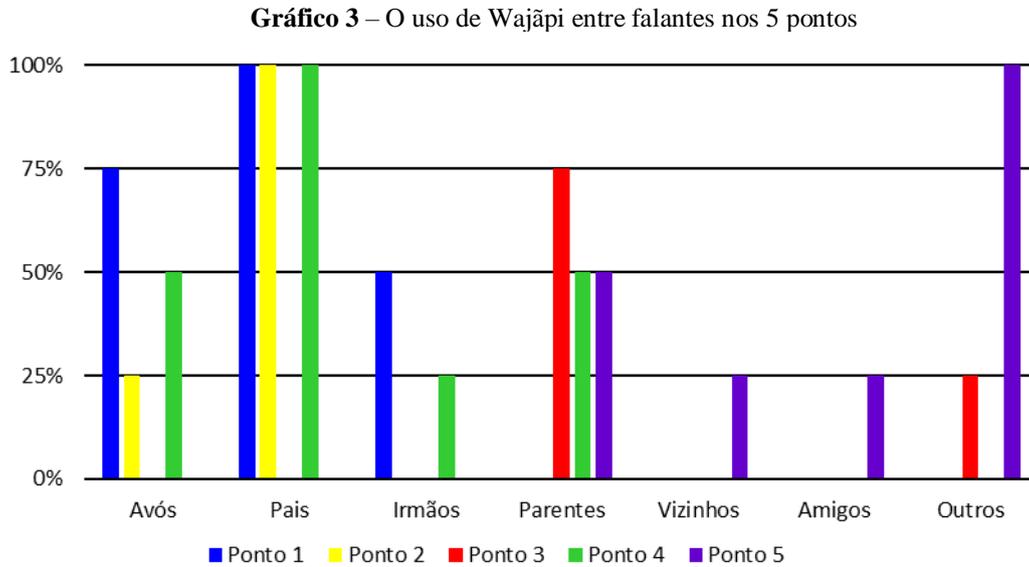
**Gráfico 2** – Aprendizado da língua materna por domínio social nos 5 pontos



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados apresentados no gráfico de número 2 evidenciam como a aquisição da língua materna é resultado do processo natural de interação, em situações autênticas de comunicações, cujo desenvolvimento de aquisição acontece de maneira informal e espontânea, primeiro na família, nas interações do cotidiano representadas nos pontos 1, 2 e 4 com 100% e no ponto 3 e 5, com 75% da aquisição no domínio da família respectivamente. Em seguida, aparece a escola, no ponto 4, com 75%, o que revela que a aprendizagem também acontece nas interações, na escola, com os professores, na qual se desenvolve o processo de apropriação, de construção de sentidos e da alfabetização na língua materna. Os resultados do gráfico acima, corroboram também os resultados revelados no primeiro gráfico, pois, possibilitam dizer que está sendo feito um trabalho de preservação, desenvolvido pelas famílias, sobretudo pelos mais velhos, avós, pais e pelos professores para a vitalidade da língua materna.

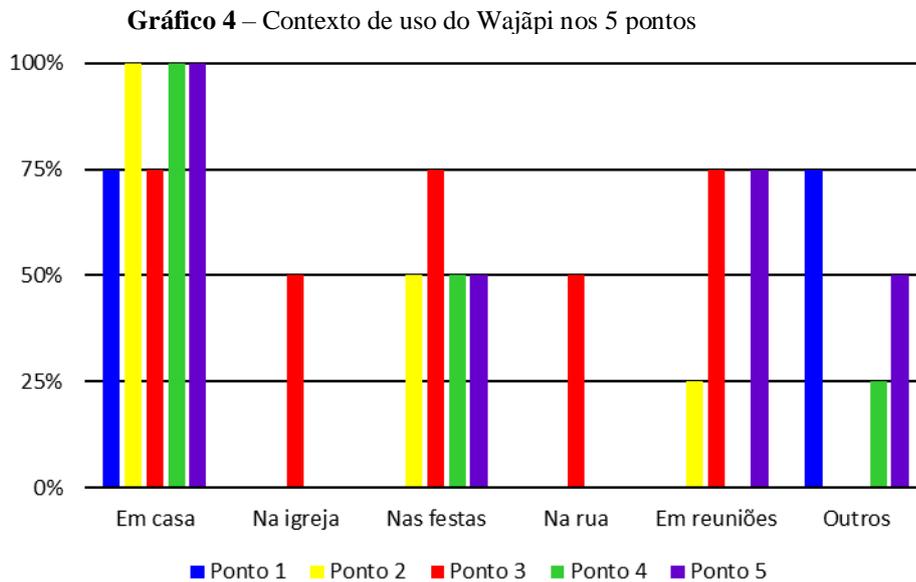
### Pergunta 3 – “Com quem você fala Wajãpi (LI)?”



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados apresentados no gráfico de número 3 revelam com quem se fala a língua materna, pois as interações acontecem no contexto das relações sociais, entre os interlocutores que são os pais, verifica-se significativa porcentagem, com 100% de incidência nos pontos 1, 2 e 4 respectivamente. Já, no ponto 5 aparece também uma representatividade de 100% em comunicação com outros, ou seja, com os professores. Há uma significativa predominância de distribuição dos usos da língua Wajãpi nesses domínios que são resultados das interações, em situações autênticas de comunicações, nas quais o desenvolvimento da aquisição se processa de maneira natural, informal e espontânea, primeiro na família, nas interações do cotidiano, e depois, na escola, com os professores. Assim, o uso nasce das relações voluntárias, sendo a escrita ainda pouco praticada, visto que a transmissão é feita a partir das narrativas orais, em situações autênticas de comunicação.

#### Pergunta 4 – “Em que locais e situações você fala Wajãpi (LI)?”

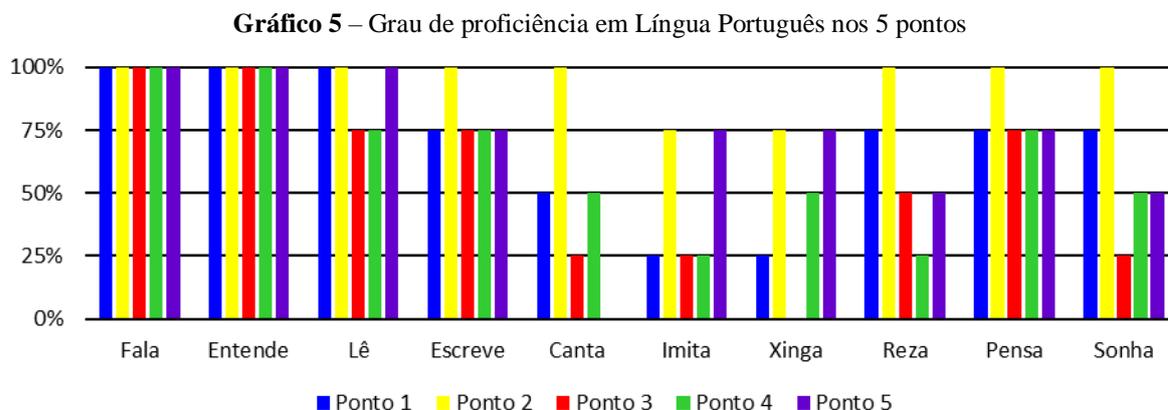


Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados apresentados no gráfico 4 ratificam onde e em quais situações se fala a língua materna. Ocorrem nos domínios linguísticos da casa, com 100%, nos 2, 4 e 5. Acontecem também nos domínios da casa, nas festas, na rua e nas reuniões com 75%, nos pontos 1, 3, 3 e 5.

Nesses contextos, as relações de interações entre os interlocutores são estabelecidas com os parentes, os avós, os pais, os irmãos e outros, como é possível observar com os resultados do gráfico acima, ou seja, há uma significativa predominância de distribuição dos usos da língua Wajãpi nesses domínios, que são resultados das interações, e dos usos nas situações autênticas de comunicações, nas quais o desenvolvimento da aquisição da língua materna acontece no ambiente natural, informal e inconsciente primeiro em casa. Depois, nas festas, na rua e nas reuniões, a partir das interações verbais com diferentes atores sociais; e por fim, nas festas, nas relações de comunicações mais espontâneas possíveis. Esses domínios linguísticos que são ambientes propícios para se estabelecerem as interações da língua/cultura, em que são desenvolvidas as competências linguísticas dos falantes. São contextos da diversidade sociolinguística.

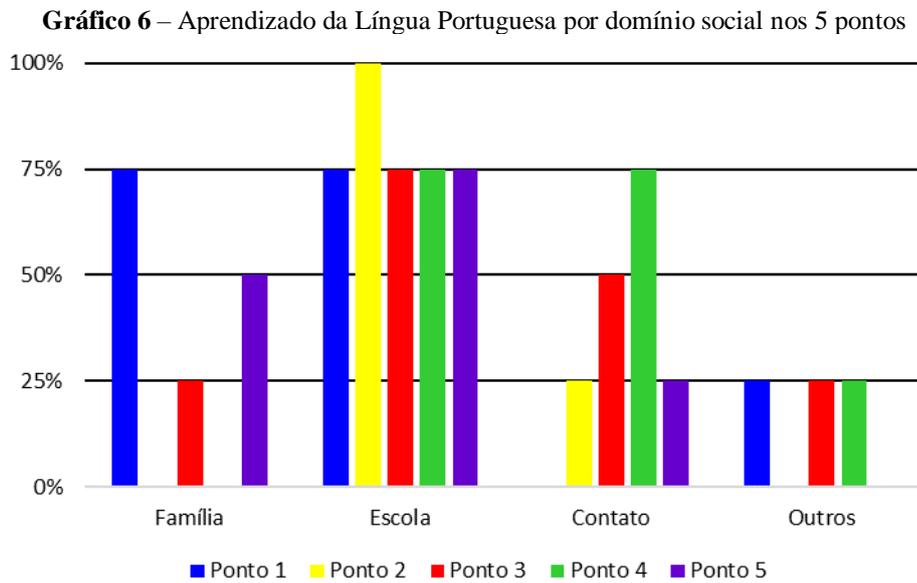
**Pergunta 5 – “Quanto ao Português, qual é o grau de proficiência dos entrevistados?”**



Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se no gráfico 5 o grau de proficiência em Língua Portuguesa dos falantes Wajãpi. Há significativa incidência de 100% nas competências de expressão e compreensão oral, nos cinco pontos inqueridos; já a compreensão escrita é de 100% somente nos pontos 1 e 2; seguidos das competências de escrever, cantar, rezar, pensar e sonhar, com 100% apenas no ponto 2. É oportuno destacar como aconteceu o processo de aquisição da língua/cultura Wajãpi “a língua falada por essa etnia é de tradição oral, ou seja, foi transmitida pelos seus antepassados por meio de narrativas orais, mas que, atualmente, alguns moradores começam a praticar a linguagem escrita” Calbi Wajãpi (2016). Esse registro deixa claro que, só tardiamente, começou a aprendizagem da escrita em língua materna. E essa metodologia, com relação a aprendizagem da língua materna, parece está sendo transferida para a aprendizagem da segunda língua.

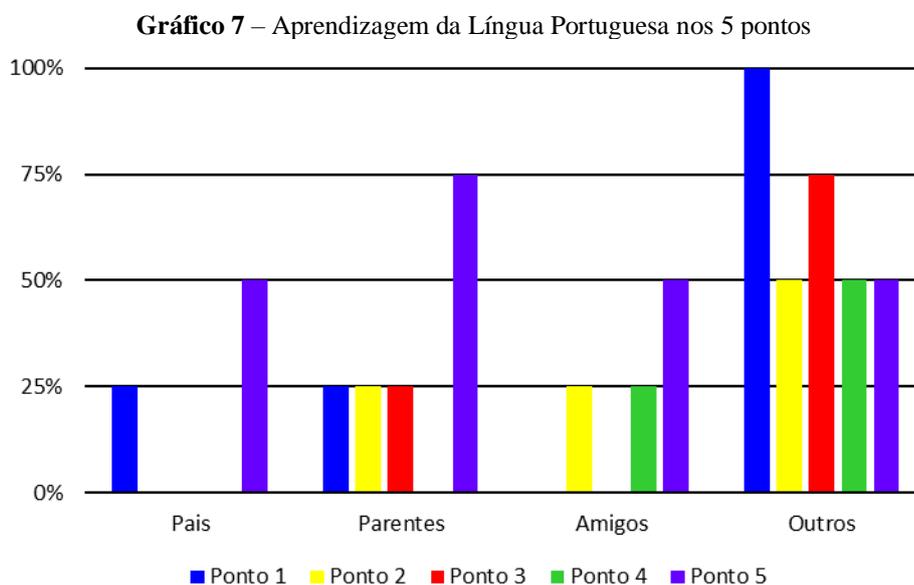
### Pergunta 6 – “Como aprendeu a falar Português (LS/LE)?”



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados do gráfico 6 confirmam que os falantes Wajãpi aprendem a falar português na escola, sendo aprendido de 100% apenas no ponto 2; seguido de 75% nos pontos 1,3,4 e 5. Percebe-se que a aprendizagem do Português acontece na família, somente no ponto 1, com 75%. Seguido da aprendizagem a partir das relações contato que se processam nos pontos 2, 3, 4 e 5 com as porcentagens de 25%, 50%, 75% e 25%, respectivamente. Isto possibilita afirmar que a aprendizagem é fruto de um contexto educacional, que as interações são menos espontâneas, pois acontecem em ambiente institucionalizado, o que requer maior engajamento por parte dos aprendizes para interagir a partir de situações de comunicação exigidas pelo contato.

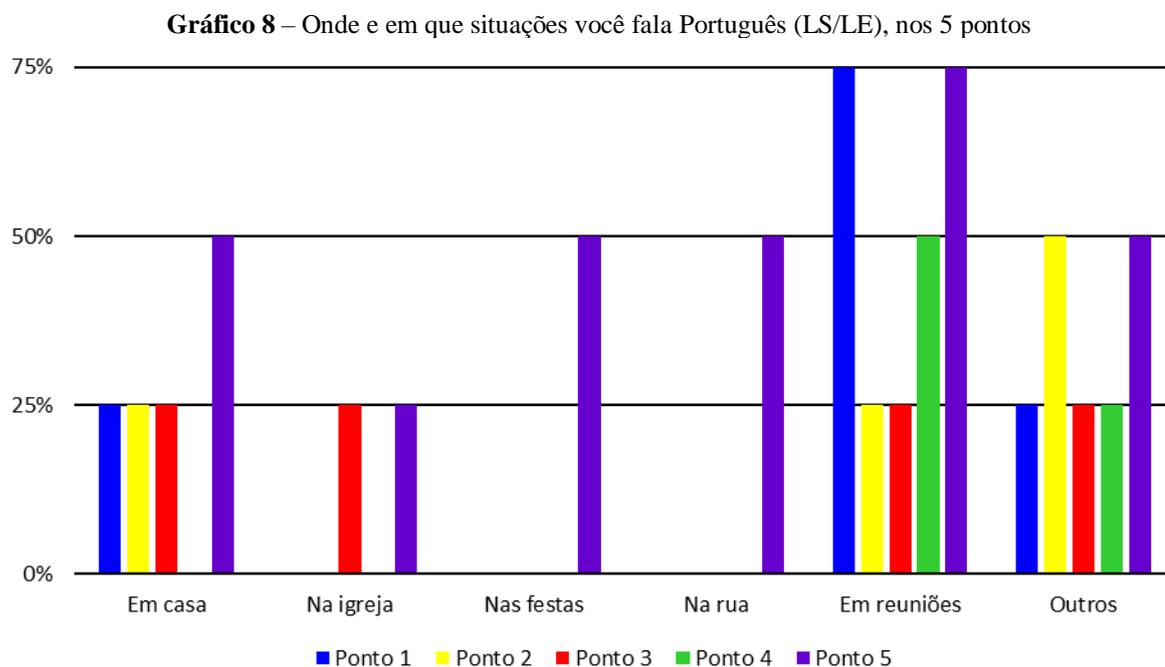
**Pergunta 7 – “Com quem você aprendeu a falar Português (LS/LE)?”**



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados apresentados no gráfico 7 mostram o interlocutor do falante wajãpi, com quem ele utiliza a Língua Portuguesa, pois as interações acontecem no contexto das relações sociais, entre os interlocutores que são outros, na maioria das vezes, os professores. Verifica-se significativa porcentagem, com 100% de incidência no ponto 1; já no ponto 3, a porcentagem é 75%; quanto aos pontos 2, 4 e 5, as incidências são de 50%. Já, no ponto 5 aparece também uma representatividade de 75% com parentes. Há uma significativa predominância de distribuição dos usos da Língua Portuguesa nesses domínios, que são resultados das interações, com parentes, professores etc., em situações autênticas de comunicação, nas quais o desenvolvimento da aquisição se processa de maneira natural, informal e espontânea primeiro, nas interações do cotidiano, a partir do contato com professores e outros, e depois, em casa, com os parentes. Assim, o uso nasce das relações mais autênticas e naturais.

### Pergunta 8 – “Em que locais e situações você fala português (LS/LE)?”

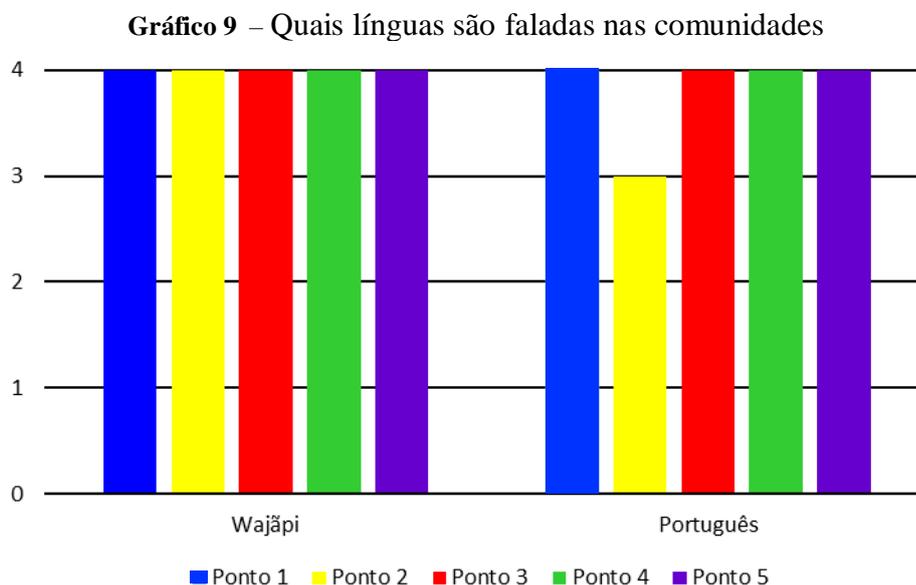


Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados apresentados no gráfico 8 corroboram onde e em quais situações se fala a língua portuguesa. A ocorrência se dá nos domínios linguísticos das reuniões, com 100%, nos pontos 1 e 5. Registra-se também nos domínios das reuniões e rua, nos pontos 4 e 5, com 50%. Já nos outros domínios como casa, igreja etc., constata-se variação em torno de 25%.

Nesses contextos, as relações de interações entre os interlocutores são estabelecidas com os parentes, os avós, os pais, os irmãos e outros, como é possível observar nos resultados do gráfico acima. Há, pois, uma significativa predominância de distribuição dos usos da língua portuguesa nesses domínios, que é resultado das interações e dos usos nas situações autênticas de comunicações, nas quais o desenvolvimento da aquisição da segunda língua acontece no ambiente natural, informal e espontâneo, primeiramente nas reuniões. Depois, nas festas, na rua e nas reuniões, a partir das interações verbais com diferentes atores sociais; por fim, nas festas, nas relações de comunicações mais naturais possíveis, de forma a proporcionar a diversidade sociolinguística dos falantes.

### Pergunta 9 – “Quais línguas são faladas na comunidade?”



Fonte: Elaborado pela autora.

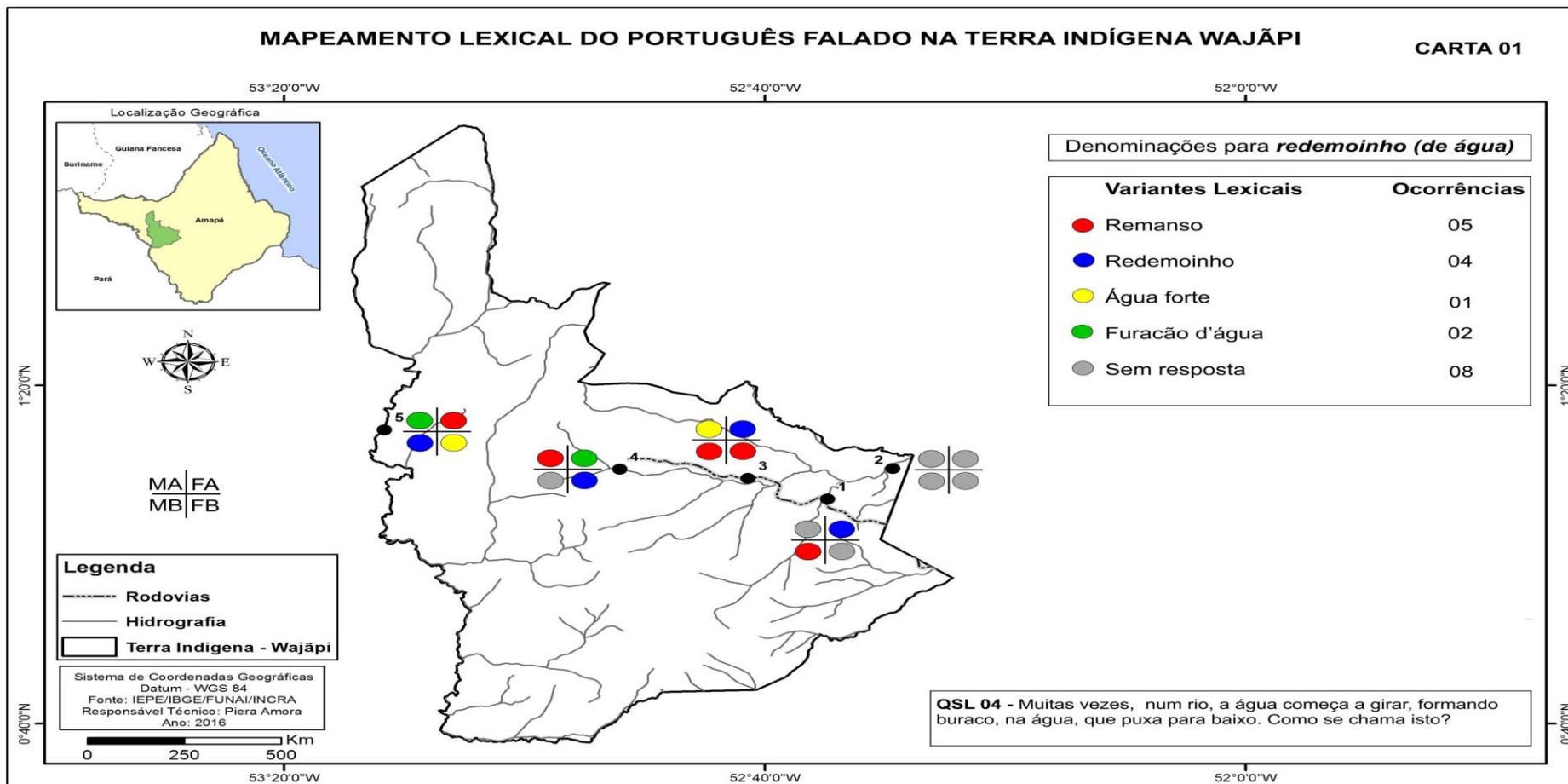
Os dados do gráfico 9 demonstram um amplo conhecimento das línguas faladas nas comunidades em estudo. Eles indicam que 100% dos Wajãpi são proficientes em língua materna, e independentemente de idade e sexo, entendem e falam sua língua como confirmam as porcentagens de 100% nos pontos 1, 2, 3, 4 e 5. No entanto, com relação à língua portuguesa, a segunda língua, que é falada em situações contato com seu idioma, também se percebe as incidências de 100%, nos pontos 1, 3, 4, e 5, e somente no ponto 2 o resultado é de 75%.

Assim, vale afirmar que os gráficos possibilitam um panorama do perfil sociolinguístico da comunidade pesquisada, retratando todos os aspectos pesquisados e configurando um retrato do comportamento linguístico dos falantes de Wajãpi e Português. Vale dizer, ainda, que, infelizmente, no âmbito das discussões concernentes aos direitos linguísticos, existem algumas correntes de pensamento que consideram as línguas indígenas como “línguas minoritárias”, as quais contrastam com a visão de que é necessário que sejam excluídos preconceitos bipolares e excludentes como homogeneidade/heterogeneidade, língua/dialeto, unidade/diversidade. Isto implica, em assegurar, como direitos fundamentais, o direito ao falante a aprender e a desenvolver-se livremente na sua própria língua materna, a ser alfabetizado a partir dela, a usá-la nas interações sociais e a aprender adequadamente a língua dita “majoritária”. É o “mínimo” que se espera de um país dito “plurilíngue” e “pluriétnico”.

## 4.2 Análise geográfica

Esta seção é destinada a análise diatópica, através das cartas, que estão apresentadas por campo semântico. Neste tópico apresentamos também tabelas e gráficos que representam as análises das 20 cartas linguísticas, com os números de ocorrências das variantes e das percentagens de acordo com a totalização do referido *corpus*.

### **a) Análise da carta 01, do campo semântico acidentes geográficos**

Carta 1 – Item lexical **redemoinho** (de água)

Fonte: Elaborada pela autora.

A carta linguística 01 refere-se ao item lexical 04 do questionário semântico-lexical (QSL) do ALiB/2001- **redemoinho (de água)**. É apresentada a seguinte pergunta “**Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto**”? Foram obtidas, como respostas, as seguintes variantes: **remanso, redemoinho, água forte, furacão d’água**. A tabela 03, seguinte, demonstra a frequência dessas variantes lexicais.

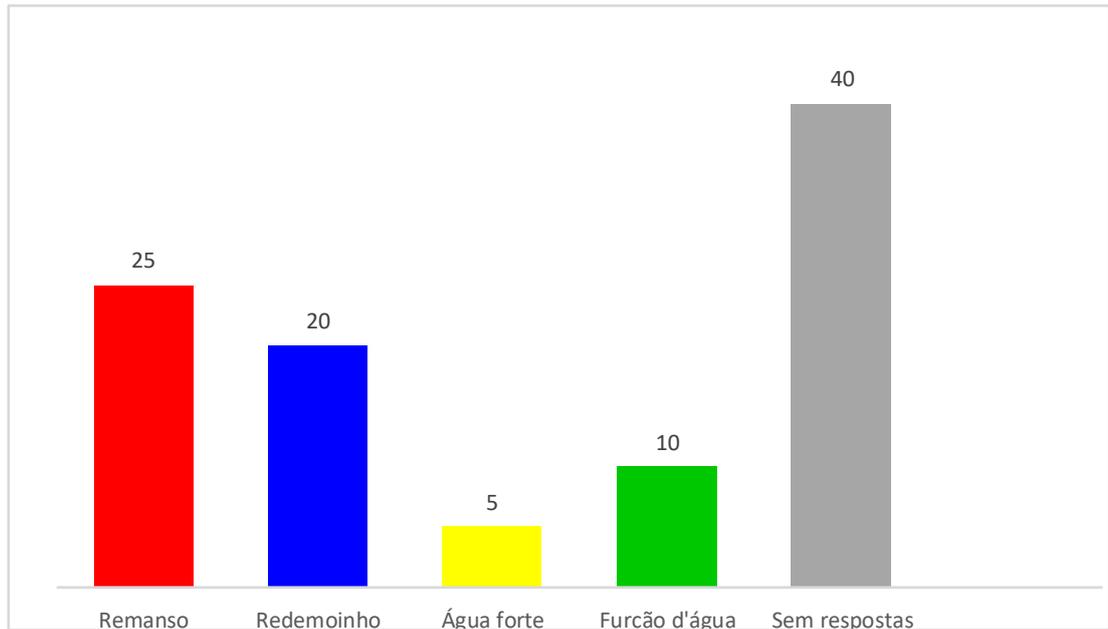
Tabela 3– Frequência das variantes lexicais por localidade (**redemoinho de água**)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Remanso	25%	-	50%	25%	25%
2. Redemoinho	25%	-	25%	25%	25%
3. Água forte	-	-	25%	-	-
4. Furacão d’água	-	-	-	25%	25%
5. Sem respostas	50%	100%	-	25%	25%

Fonte: Elaborado pela autora.

Como observa-se na carta linguística 01, são apresentadas 04 variantes lexicais. O item **remanso** é o mais produtivo no ponto 03- CTA com (50%). Destaca-se também o item lexical **redemoinho** nos pontos 01- Aramirã, 03- CTA, 04- Mariry, 05- Kurani’yty com frequência de (25%), assim como podemos averiguar o uso da variante **água forte** no ponto 03 (25%) e nos outros pontos não se percebe a frequência desse item. Somente nos pontos 04 e 05 é apresentado o uso da variante **furacão d’água** (25%). Atenta-se para a categoria **sem respostas** no ponto 02- Pairakae que teve uma totalidade de (100%) e nos demais pontos 01,04 e 05 com (50%, 25% e 25%), respectivamente, também demonstrando o não uso ou o desconhecimento do item em questão.

Gráfico 10 - Ocorrências em porcentagem para o item 04 – Redemoinho (de água)

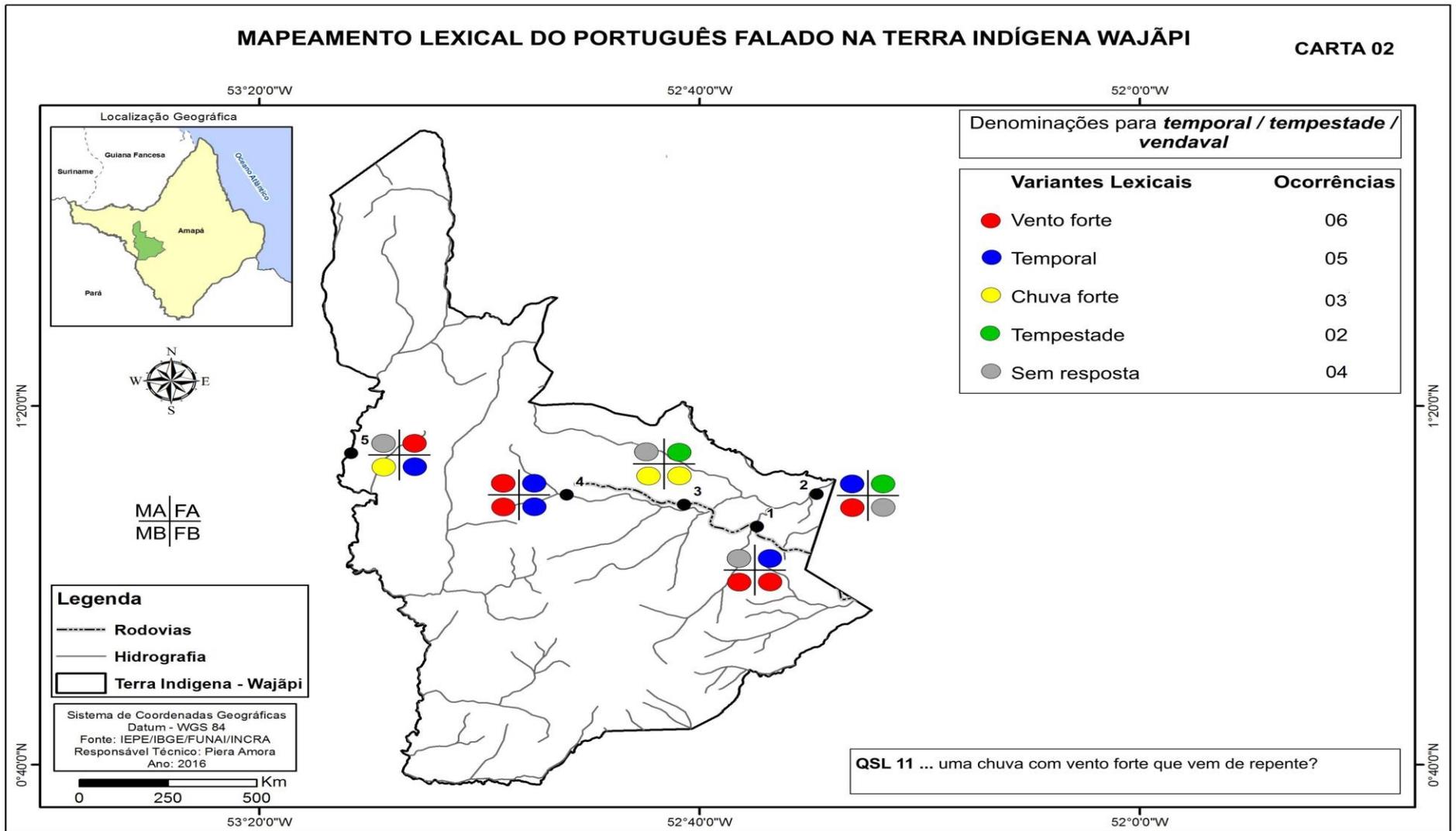


Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 10 demonstra que **remanso** foi a variante lexical com mais predominância nas comunidades pesquisadas, com 25% de ocorrências, seguida de **redemoinho** com 20%, **vento forte** com 5% e **furcão d'água** com 10%. Assim, podemos inferir que a produtividade para o referido item lexical é um tanto relevante, apesar dos índices baixos, na comunidade pesquisada, seja por desconhecimento da palavra ou talvez por esse fenômeno não ser muito recorrente na região onde vivem, apesar de os falantes do local terem contato com rios é provável que ainda não tenham observado esse fenômeno denominado 'redemoinho'.

**b) Análise das cartas 02 e 03 do campo semântico fenômenos atmosféricos.**

Carta 2 – Item lexical **temporal / tempestade / vendaval**



Fonte: Elaborada pela autora.

Na carta 02 com as denominações lexicais **temporal / tempestade/ vendaval** pertencentes à questão 11 do QSL”. Foi perguntado para o informante “... **uma chuva com vento forte que vem de repente?** Foram obtidas as seguintes variantes: **temporal, vento forte e tempestade**. Na tabela 04, observa-se com mais detalhes esses usos.

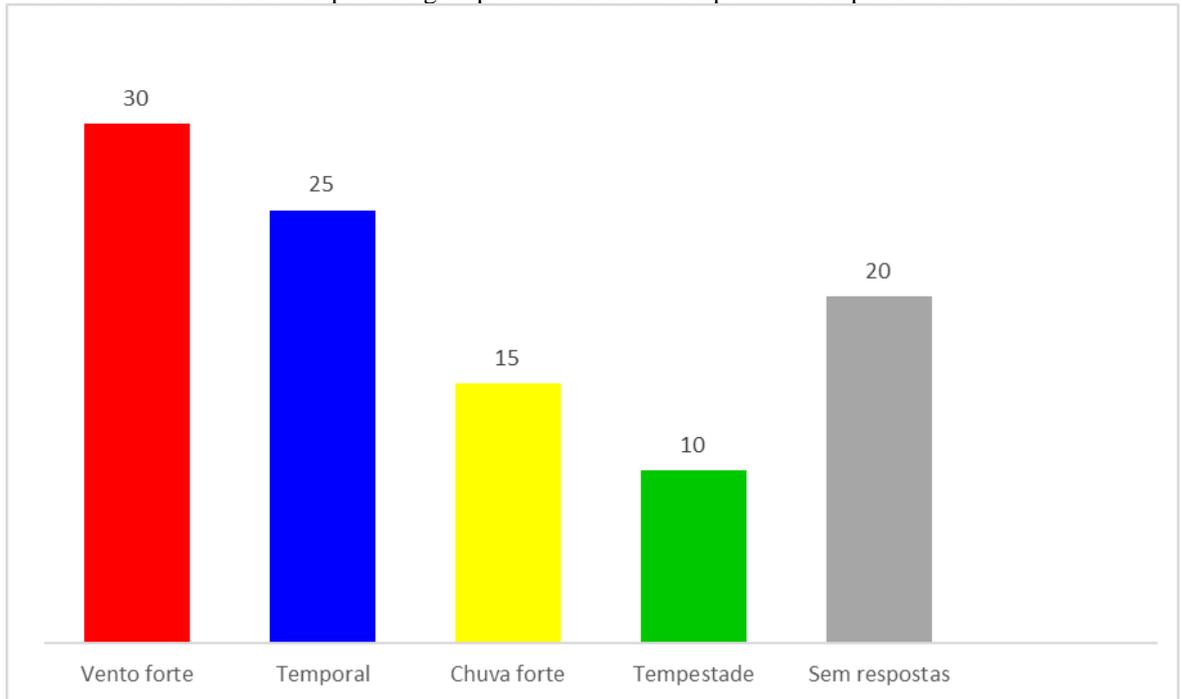
**Tabela 4** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Tempestade/Temporal/Vendaval)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Vento forte	50%	25%	-	50%	25%
2. Temporal	25%	25%	-	50%	25%
3. Chuva forte	-	-	50%	-	25%
4. Tempestade	-	25%	25%	-	-
5. Sem respostas	25%	25%	25%	-	25%

Fonte: Elaborada pela autora.

Na análise da carta 02, juntamente com a tabela 04 percebe-se que as variantes mais relevantes foram **vento forte, temporal e chuva forte (50%)**, apresentadas respectivamente, nos pontos 01-Aramirã, 04- Mariry e 03- CTA. Podem-se notar também a ocorrência de (25%) nos pontos de inquiridos 02 e 05 (vento forte), 01, 02, e 05 (temporal), 05 (chuva forte) e 02 e 03 (tempestade). Notou-se ainda que uma porcentagem de (25%) nos pontos 01, 02, 03, e 05, pois os consultados não souberam responder, de forma que se enquadram nas ocorrências sem respostas.

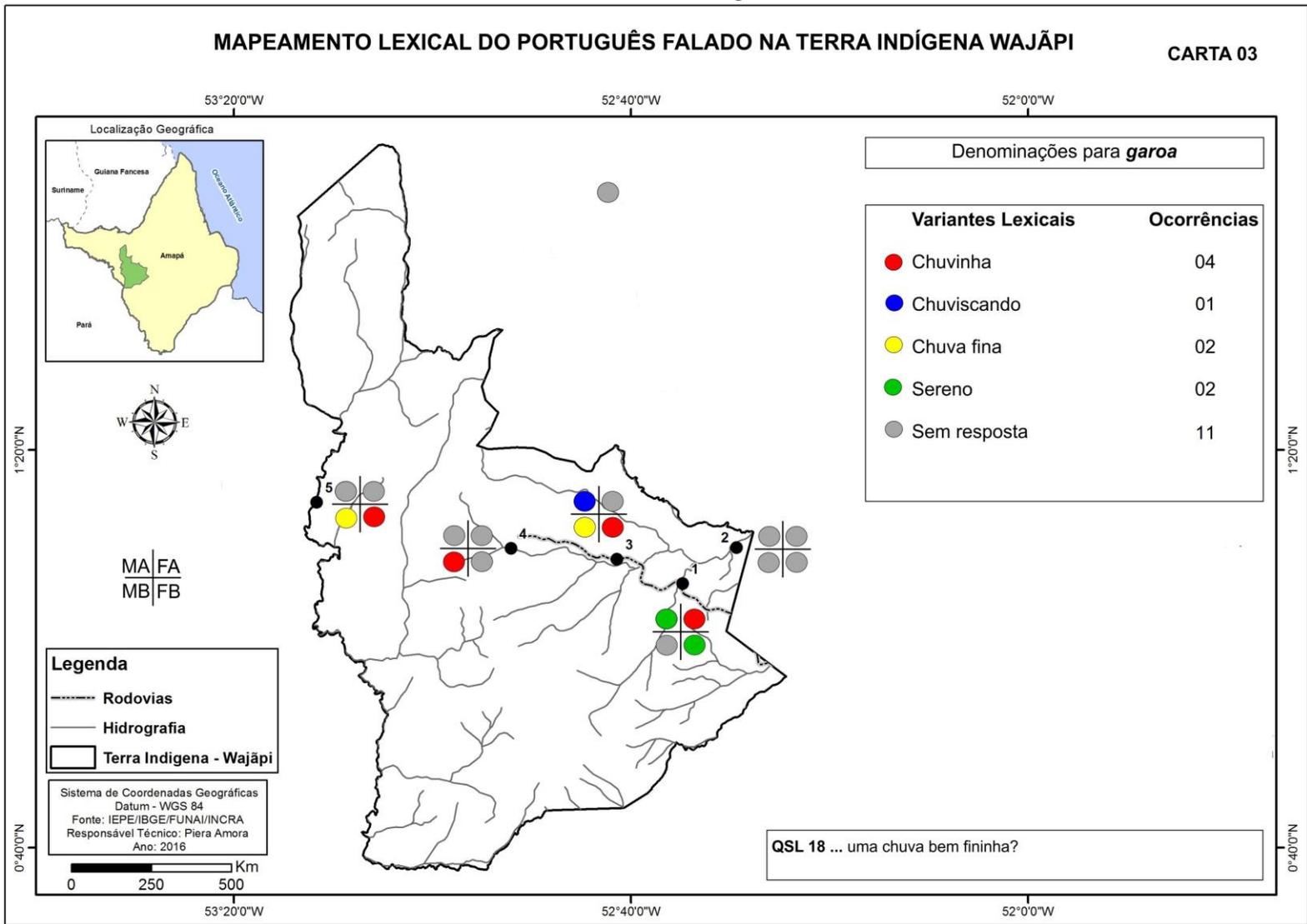
Gráfico 11- Ocorrências em porcentagem para o item 11 – Tempestade/Temporal/Vendaval



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 11 reflete as ocorrências para o item 11, em que o termo **vento forte** aparece com mais frequência, cerca de 30% do total, seguido da variante **temporal** com 25% e mais abaixo **chuva forte** com predominância de 15%, acompanhada de **tempestade** com 10%. Aqui também se verifica uma produtividade relevante para o item lexical em tela, visto que há quatro formas de registros para denominação do fenômeno descrito na questão.

Carta 3 – Item lexical *garoa*



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao se observar a carta 03, percebe-se que ela retrata os resultados referentes à questão 18 do QSL, com a denominação - **Garoa**, para a qual foi apresentada a pergunta “... **uma chuva bem fininha**? As respostas dadas pelos 20 informantes foram as seguintes: **chuvinha**, **chuviscando**, **chuva fina** e **sereno**. Para uma visão mais ampla verifica-se na tabela 05 a frequência dessas variantes.

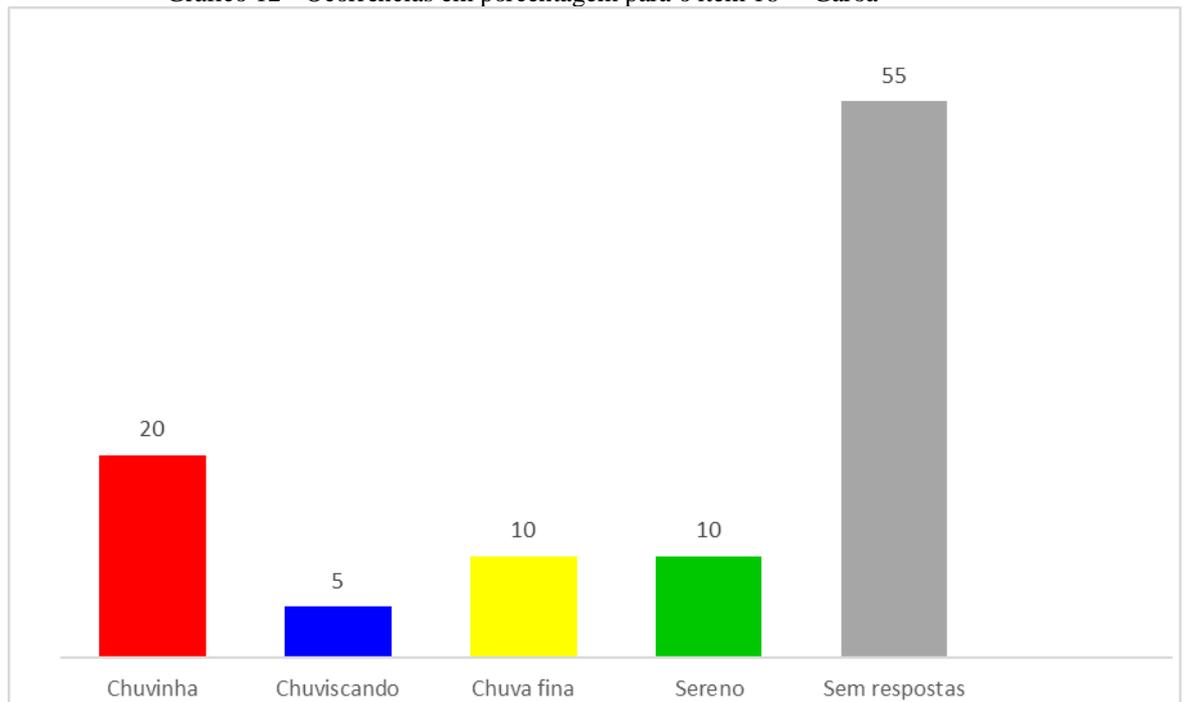
**Tabela 5** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Garoa)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Chuvinha	25%	-	25%	25%	25%
2. Chuviscando	-	-	25%	-	-
3. Chuva fina	-	-	25%	-	25%
4. Sereno	50%	-	-	-	-
5. Sem respostas	25%	100%	25%	75%	50%

Fonte: Elaborado pela autora.

Além disso, pode-se notar na tabela 05, em conformidade com a carta 03 o léxico **sereno** foi o que mais se revelou no ponto 01(50%) e não apareceu mais em nenhum outro ponto; já as demais variantes apareceram com (25%) nos pontos. Ao passo que nos postos 01, 03, 04, 05 ocorreu o item (**chuvinha**); no ponto 03 registra-se (**chuviscando**), e nos pontos 03 e 05 verifica-se (**chuva fina**). Vale destaca que nos pontos 02, 04, 05 se sobressaem aqueles que não responderam simultaneamente, o que aparece com as frequências de (100%), (75%) e (50%).

Gráfico 12 - Ocorrências em porcentagem para o item 18 – Garoa

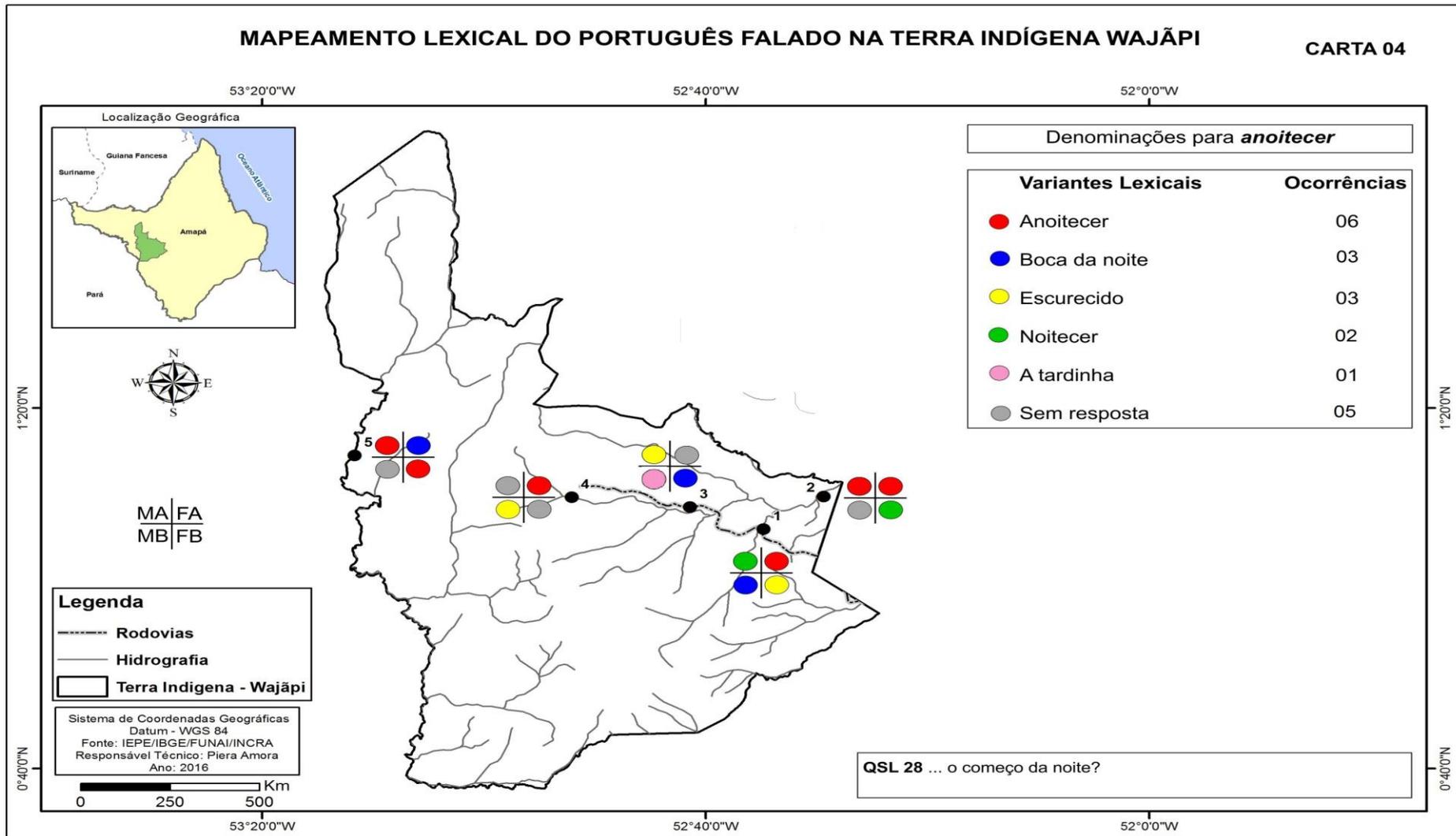


Fonte: Elaborado pela autora.

Ao averiguar as ocorrências em porcentagem desse item **Garoa** percebe-se no gráfico 12 que **chuvinha** foi o léxico que mais se destaca (20%), seguido de **chuva fina** e **sereno** (10%), finalizando com a variante **chuviscando** com (5%). Novamente temos o caso aqui de baixa produtividade para o item, dados os percentuais de uso e um elevado registro de não respostas.

c) Análise das cartas 04 e 05 do campo semântico **astros e tempos**

Carta 4 - Item lexical anoitecer



Fonte: Elaborada pela autora.

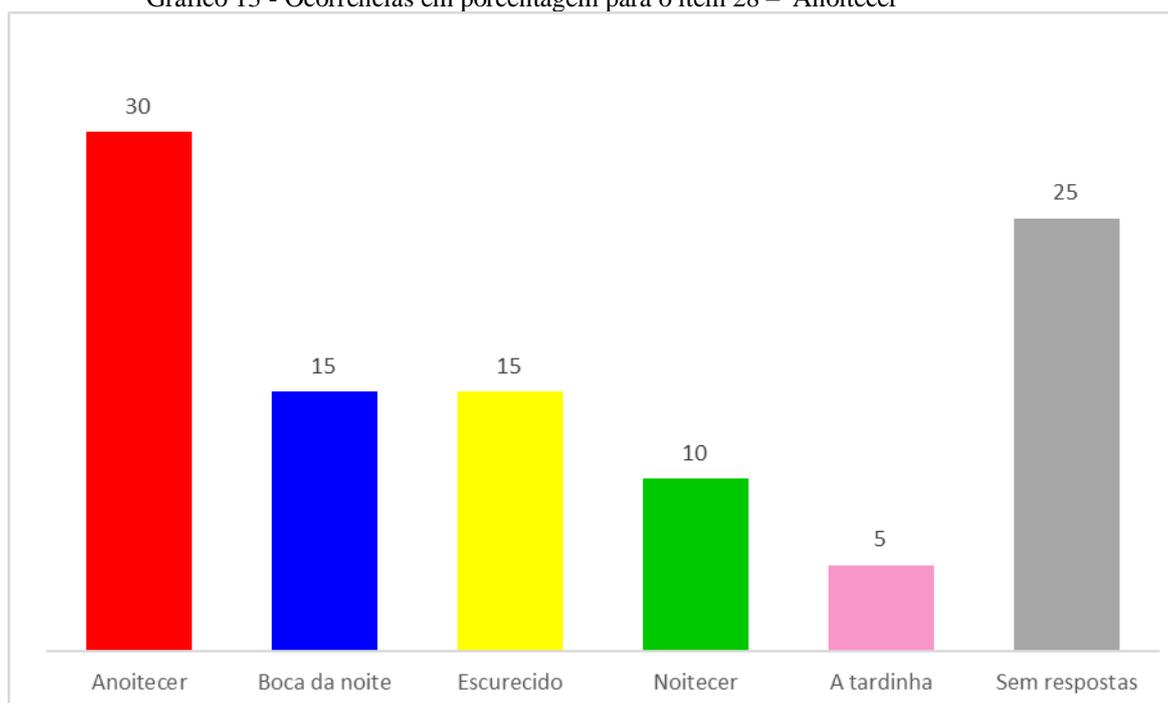
A carta 04, com a denominação **anoitecer**, apresenta em sua composição um total de 05 variantes, as quais são: **anoitecer**, **boca da noite**, **escurecido**, **noitecer** e **à tardinha**, todas obtidas a partir da indagação do QSL 28 “...o começo da noite?”. A tabela 06 explicita de forma mais compreensiva as ocorrências desses lexemas.

**Tabela 6** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Anoitecer)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05
VARIANTES					
1. Anoitecer	25%	50%	-	25%	50%
2. Boca da noite	25%	-	25%	-	25%
3. Escurecido	25%	-	25%	25%	-
4. noitecer	25%	25%	-	-	-
5. À tardinha	-	-	25%	-	-
6. Sem resposta	-	-	25%	50%	25%

Fonte: Elaborada pela autora.

**Gráfico 13** - Ocorrências em porcentagem para o item 28 – Anoitecer



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 13 mostra as ocorrências em porcentagem para o item 28 – **anoitecer**, sendo o termo mais frequente foi **anoitecer**, com 30%, acompanhado de **boca da noite** e **escurecido**, com 15%, **noitecer** com 10% e **à tardinha** com 5%. Esses registros configuram, de certa forma, uma produtividade maior das variantes em relação às anteriores. Talvez isso ocorra em função de o fenômeno retratado na questão ser mais presente no dia-a-dia dos falantes, pois denota algo diário e frequente em seu cotidiano.



A carta 05, em que tem as denominações: **estrela cadente/ estrela filante/ meteoro e zelação**, apresenta como indagação o item 31 do QSL: “**De noite, muitas vezes, pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, e faz um risco de luz. Como chama isso?** ”. A partir dessa pergunta foram obtidas 04 variantes: **estrela cadente, satélite, estrela da noite e meteoro**. Logo abaixo, na tabela 07, se percebe a frequência dessas variantes por localidade.

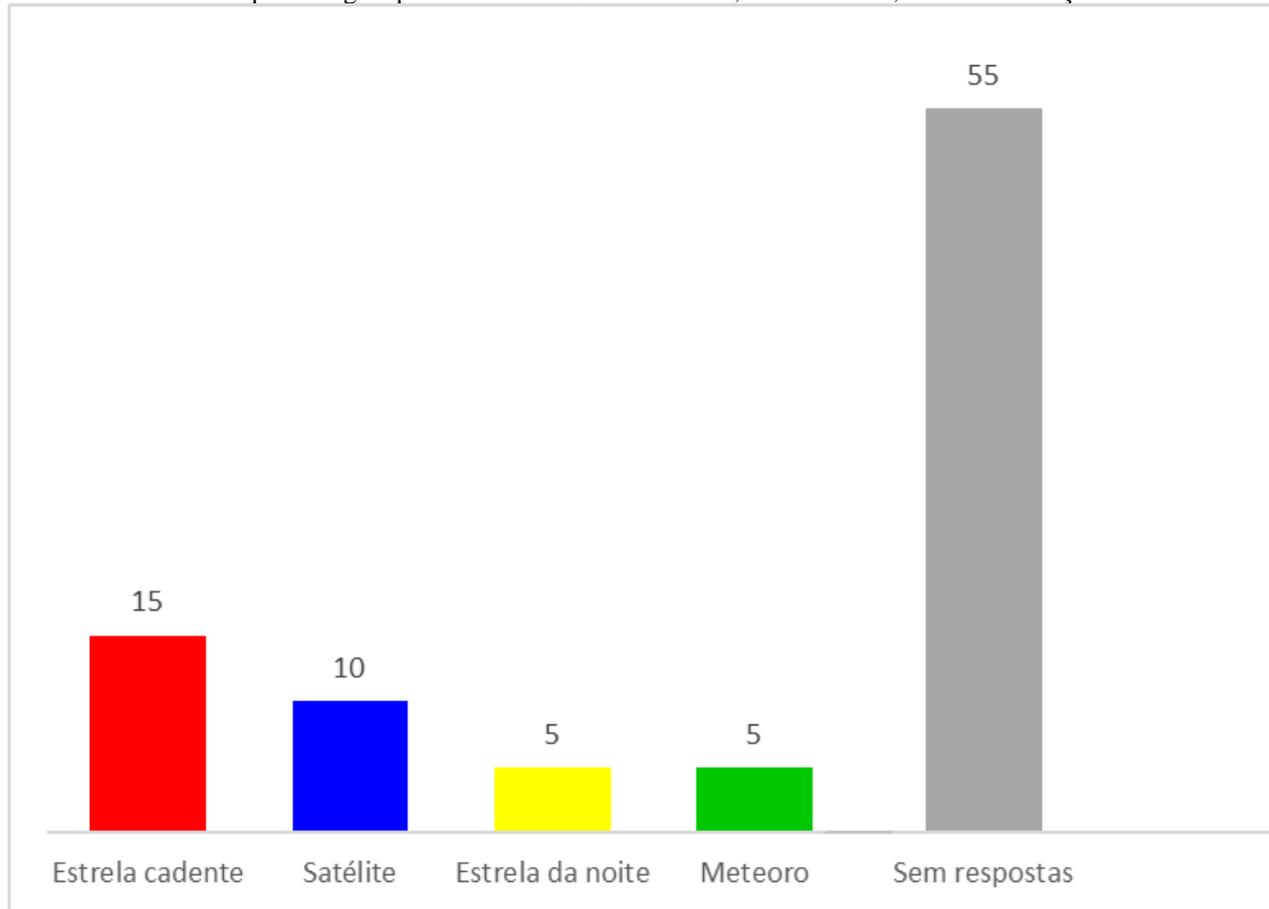
**Tabela 7**– Frequência das variantes lexicais por localidade (Estrela cadente/Estrela filante)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Estrela cadente	25%	25%	-	25%	-
2. Satélite	50%	-	-	-	-
3. Estrela da noite	-	-	25%	-	-
4. Meteoro	-	-	-	-	25%
5. Bola de fogo	-	-	-	-	-
6. Sem resposta	25%	75%	75%	75%	75%

Fonte: Elaborada pela autora.

Na tabela 07, é perceptível que a maioria dos informantes não soube responder ao item 31 do questionário, pois como pode-se perceber nos pontos 02, 03, 04, 05 houve um quantitativo de (75%) sem respostas. O léxico **satélite** se sobressai no ponto 01, com (50%) e outras variantes têm frequência de (25%) em pontos diferenciados, como nos pontos 01, 02, 04 (**estrela cadente**), no ponto 03 (**estrela da noite**), e no ponto 05 (**meteoro**).

Gráfico 14 - Ocorrências em porcentagem para o item 31– Estrela cadente, estrela filante, meteoro e zelação.



Fonte: Elaborada pela autora.

No gráfico 14, o léxico denominado **estrela cadente** é o que aparece com mais ocorrências 15%; já o vocábulo **satélite** se apresenta com 10%, seguido de **estrela da noite** e **meteoro** com 5%. Esses resultados reforçam nossa tese de que quanto menos o fenômeno faz parte do dia-a-dia do informante, menor produtividade ele apresenta em suas variantes. Essa carta deixa essa ideia bem clara.

**d) Análise da carta 06 do campo semântico atividades agropastoris.**



A carta 06 está inserida no campo semântico atividades agropastoris. Apresenta as denominações **bolsa/bruaca**, que é o item lexical **58 do QSL**. A fim de obter respostas relativas a essa pergunta, foi pedido o seguinte: **“e quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? ”**. Surgiram 04 variantes: **jamaxi**, **cesto**, **panacu** e **triamante**. Na tabela 08, pode-se averiguar as frequências dessas variantes por localidade.

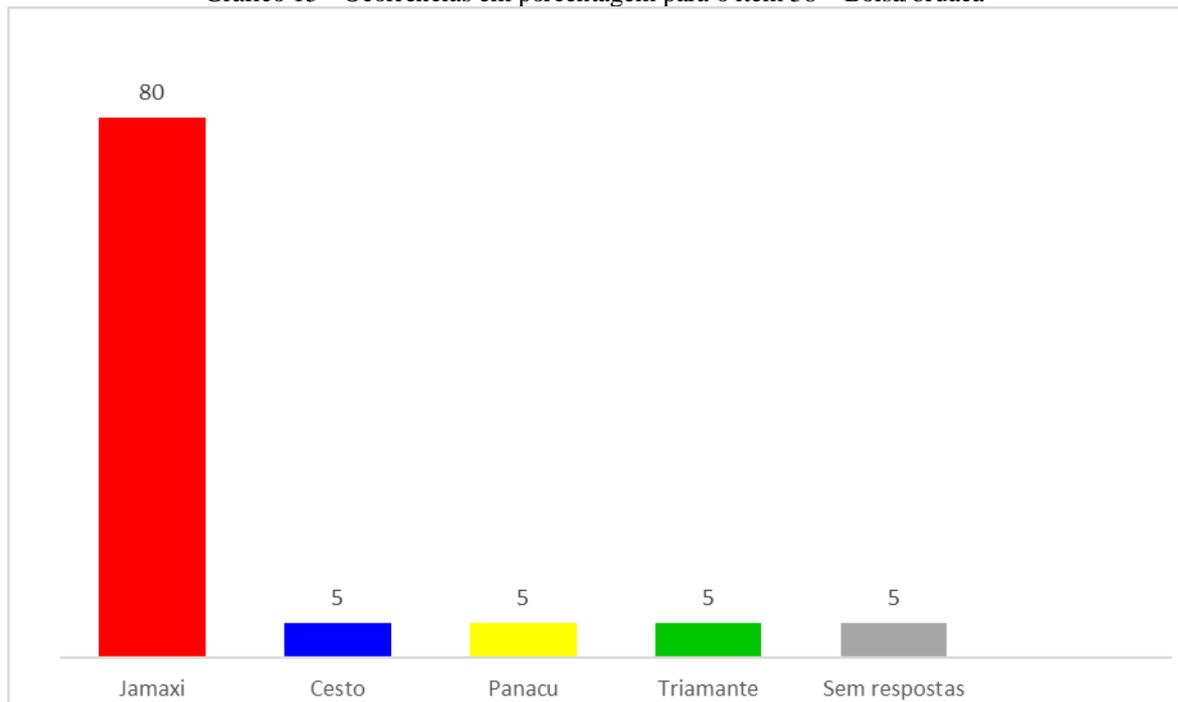
**Tabela 8** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Bolsa)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05
VARIANTES					
1. Jamaxi	50%	75%	100%	100%	75%
2. Cesto	25%	-	-	-	-
3. Panacu	-	-	-	-	25%
4. Triamante	-	25%	-	-	-
5. Sem respostas	25%	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pela autora.

Nessa tabela, em conformidade com a carta lexical 06, é notável que o item lexical **Jamaxi** é mais destacado nos pontos 01 (50%), 02 e 05 (75%) e 03 e 04 com (100%) de ocorrências. As variantes: **cesto**, **panacu** e **triamante** ocorrem com porcentagem de (25%) sequencialmente nos pontos 01, 05 e 02.

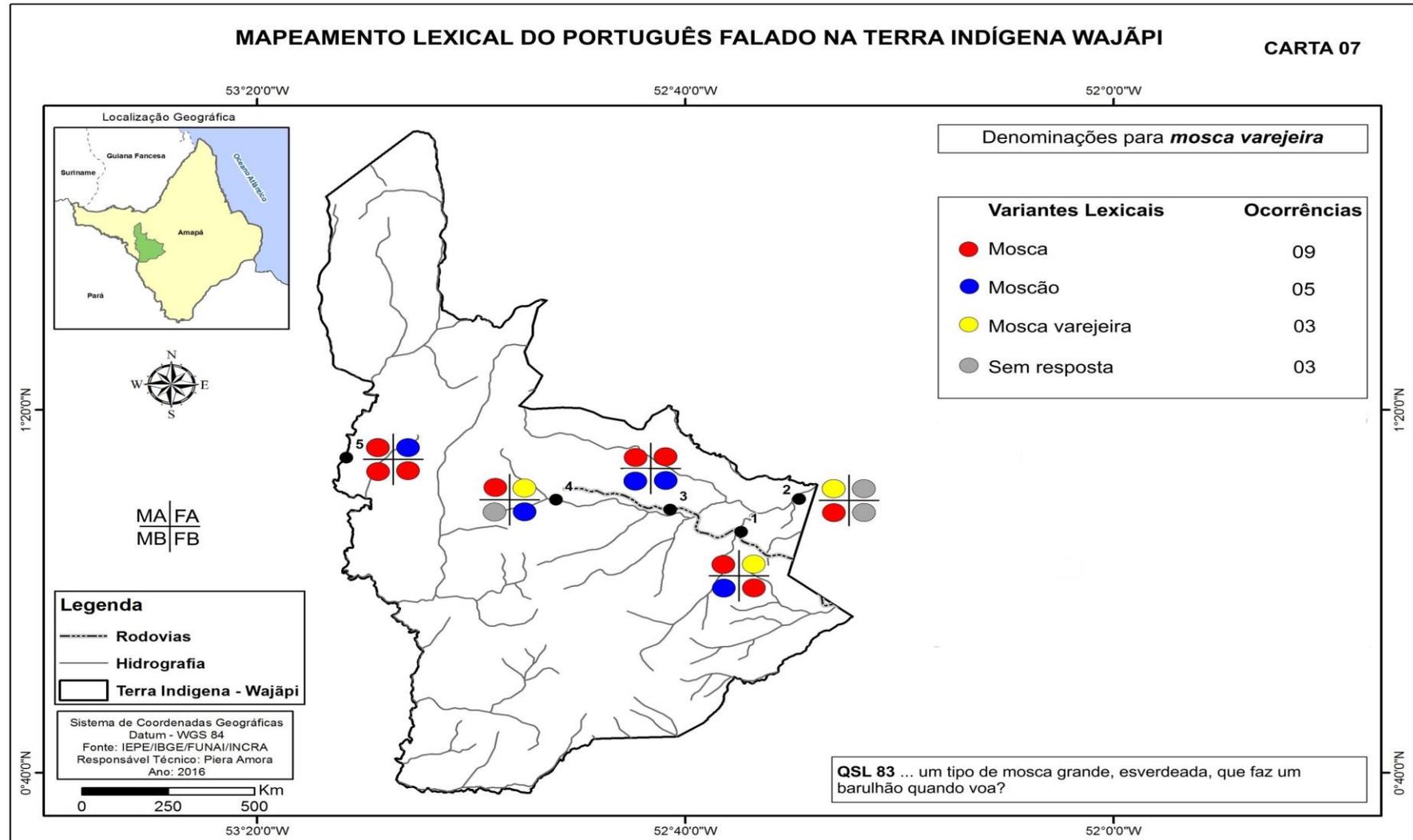
Gráfico 15 - Ocorrências em porcentagem para o item 58 – Bolsa/bruaca



Fonte: Elaborada pela autora.

Ao constatar as ocorrências em porcentagem desse item **bolsa/bruaca**, pode-se perceber que no gráfico 15 o léxico **jamaxi** é mais empregado com 80% de frequência, seguido de **cesto**, **panacu** e **triamante** com 5%. Essa carta tem baixa produtividade sobretudo pela ocorrência quase categórica da variante 'jamaxi', além de retratar que o objeto em questão faz parte da realidade cotidiana dos falantes Waiãpi.

e) Análise da carta 07 e 08 do campo semântico fauna.

Carta 7 - Item lexical *mosca varejeira*

Fonte: Elaborada pela autora.

A carta 07 com denominação **mosca varejeira** corresponde ao QSL 83, um item lexical que é do campo semântico fauna. Nela são apresentadas as 03 variantes produzidas pelos falantes das localidades em foco, que são: **mosca**, **moscão** e **mosca varejeira**. O resultado dessas variantes foi adquirido por meio da seguinte pergunta, “... **um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?** ”. Mais abaixo na tabela 09, pode-se verificar o nível de frequências desses lexemas.

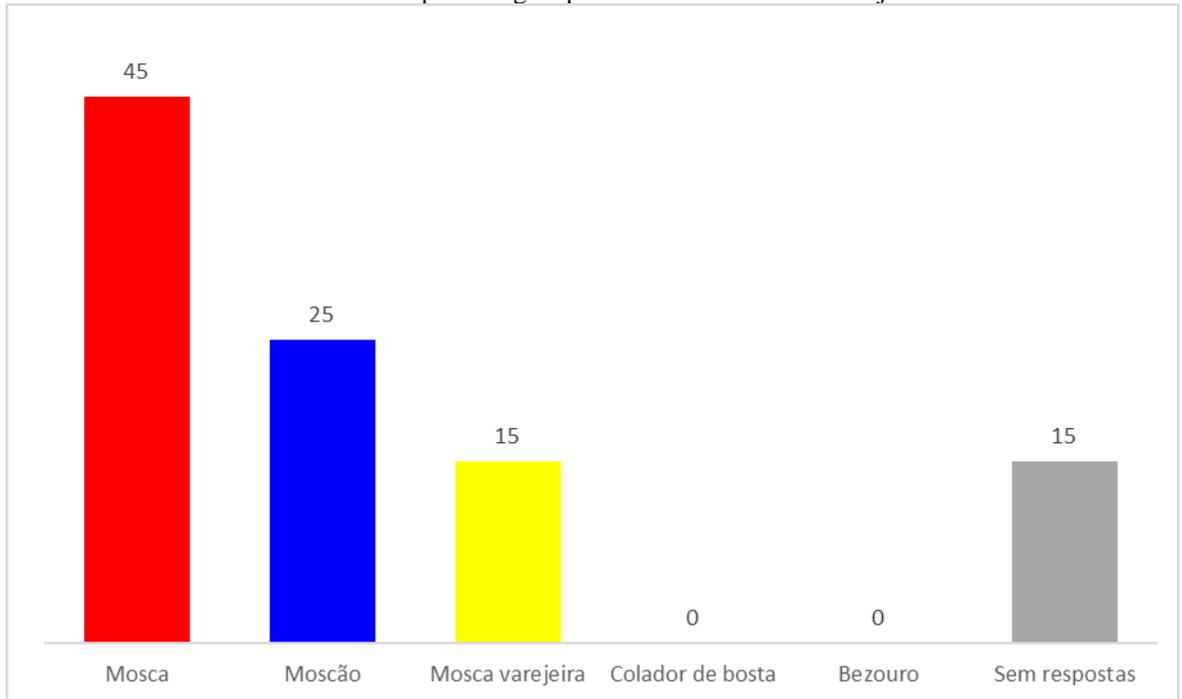
**Tabela 9** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Mosca Varejeira)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Mosca	50%	25%	50%	25%	75%
2. Moscão	25%	-	50%	25%	25%
3. Mosca varejeira	25%	25%	-	25%	-
4. Colador de bosta	-	-	-	-	-
5. Bezouro	-	-	-	-	-
6. Sem respostas	-	50%	-	25%	-

Fonte: Elaborada pela autora.

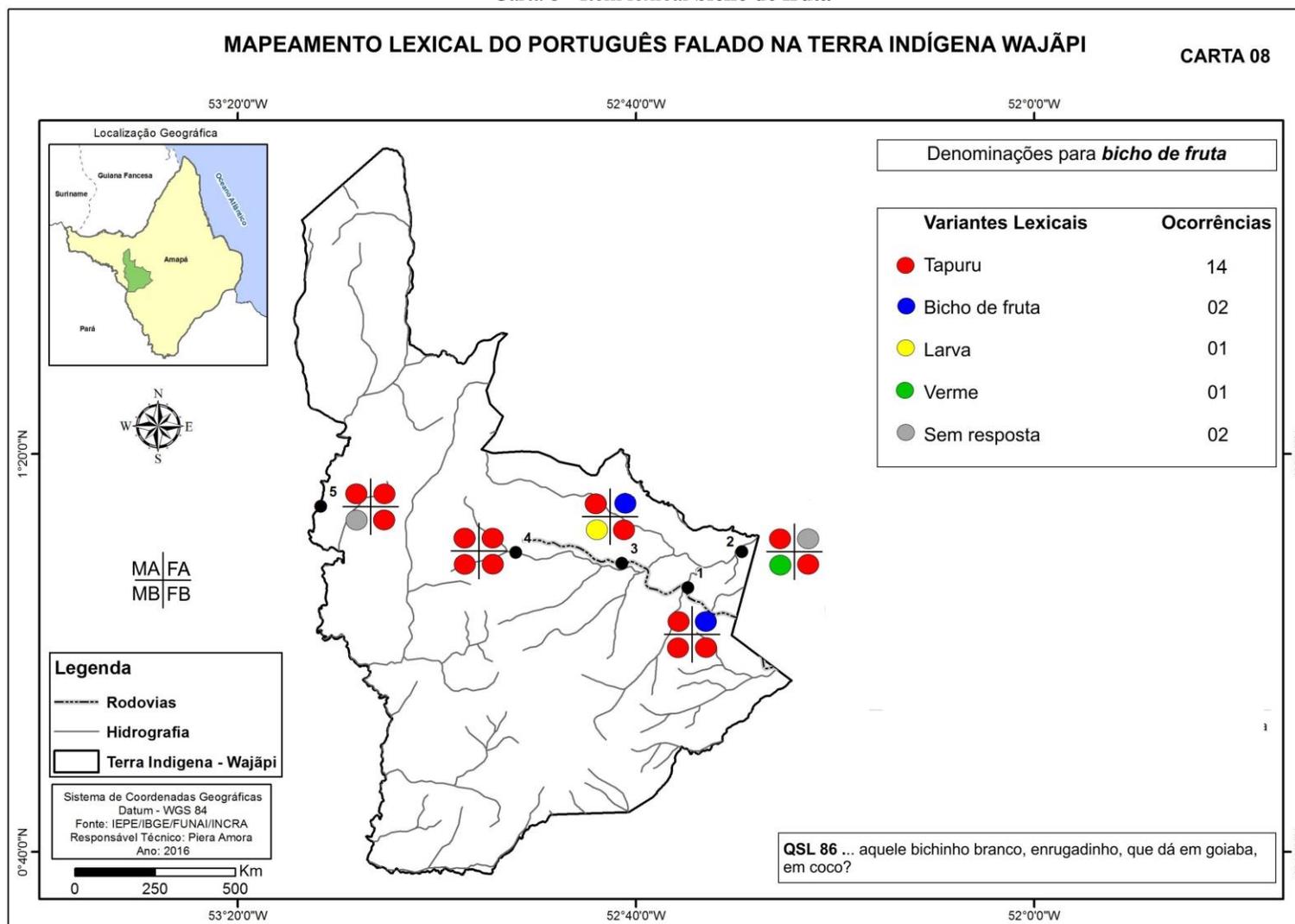
A partir da leitura da carta 07 e da análise da tabela 09, nota-se que **mosca** é o léxico que mais se destaca em certos pontos, com nos pontos 01 e 03, com (50%), e no ponto 05, com (75%), assim como também a variante **moscão** que se sobressai no ponto de inquérito 03, com (50%). Ocorreram duas variantes que não tiveram frequência, as quais “**colador de bosta**” e “**besouro**”, o que ocorreu em todos os pontos por localidade. Os termos **moscão** e **varejeira** aparecem no ponto 01 e 04 (25%), e ainda com a mesma porcentagem **mosca varejeira** é frequente nos pontos 01, 02 e 04, com (25%).

Gráfico 16 - Ocorrências em porcentagem para o item 83 – Mosca varejeira.



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 16 que demonstra a forma lexical **mosca** como a de maior ocorrência 45%; seguida de **moscão** se apresenta com 25%; e **mosca varejeira** com 15%. As demais variantes aparecem com 0%. De forma geral, consideramos o item dessa questão com produtividade e índice de ocorrência baixos, dada a resposta referir-se a um inseto bastante conhecido na região.

Carta 8 - Item lexical **bicho de fruta**

Fonte: Elaborada pela autora.

A carta 08 refere-se também ao campo semântico fauna, e sua denominação é **bicho de fruta**. A partir da pergunta do QSL 86 “... **aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?** ”, foram obtidas as seguintes ocorrências: **tapuru, bicho de fruta, larva** e **verme**. Na tabela 10, vê-se as frequências dessas variantes lexicais por cada localidade.

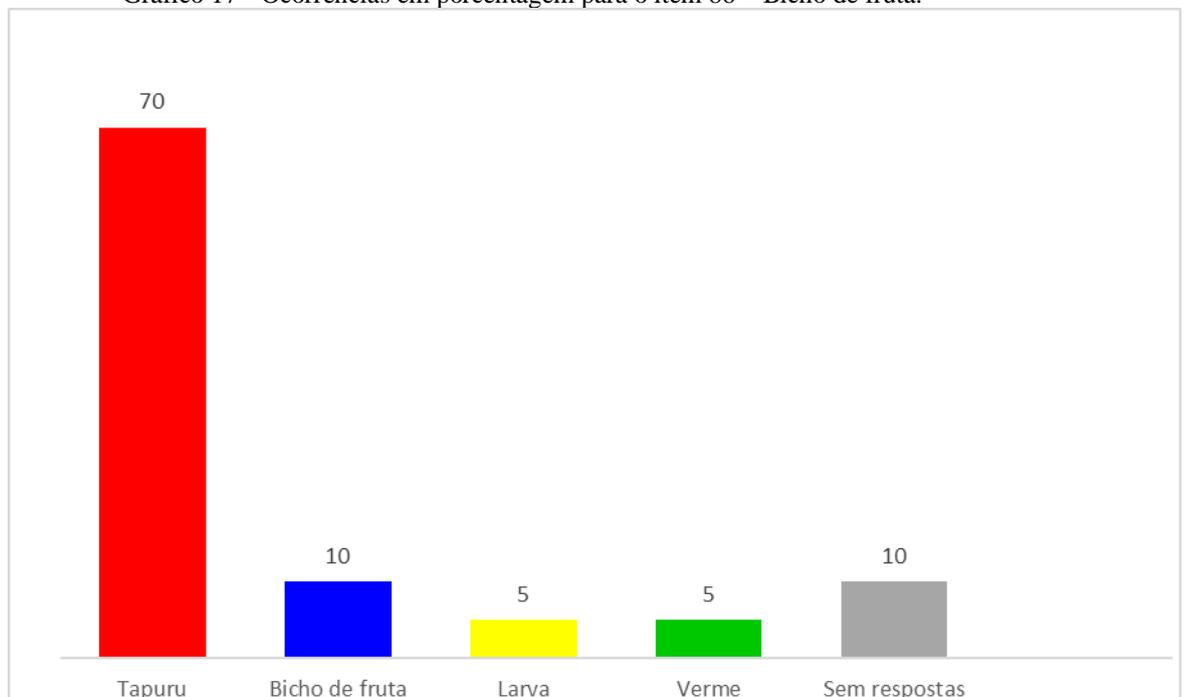
**Tabela 10** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Bicho de fruta)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Tapuru	75%	50%	50%	100%	75%
2. Bicho de Fruta	25%	-	25%	-	-
3. Larva	-	-	25%	-	-
4. Verme	-	25%	-	-	-
5. Sem respostas	-	25%	-	-	25%

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao analisar a tabela 10, notou-se que o léxico mais frequente foi **tapuru**; nos pontos 01 e 05, com (75%), 02 e 03, com (50%) e 04, em sua totalidade de uso (100%). As demais variantes aparecem nos pontos 01 e 03 (**bicho de fruta**), no ponto 03 (**larva**) e somente no ponto 2 (**verme**) com porcentagem de (25%).

Gráfico 17 - Ocorrências em porcentagem para o item 86 – Bicho de fruta.



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 17 do item lexical **bicho de fruta** retrata a variante **tapuru** com mais ocorrências, com 70%, seguido de **bicho de fruta** com 10%, **larva** e **verme** com 5%.

Portanto, o termo em questão é presente na realidade dos falantes, mas realiza-se com baixas variantes, tendo apenas uma como predominante.

**f) Análise das cartas 09, 10,11,12 do campo semântico corpo humano.**



A carta 09 representa as denominações **desdentado** e **banguela**, correspondente ao item lexical do QSL. 100 do campo semântico corpo humano, para o qual foi feita a seguinte pergunta “...a pessoa que não tem dentes? ”. Foram obtidas 04 variantes: **sem dente**, **desdentado**, **banguela**, **dente dentado**. Segue abaixo a tabela 11, com as frequências de uso dessas variações apresentadas.

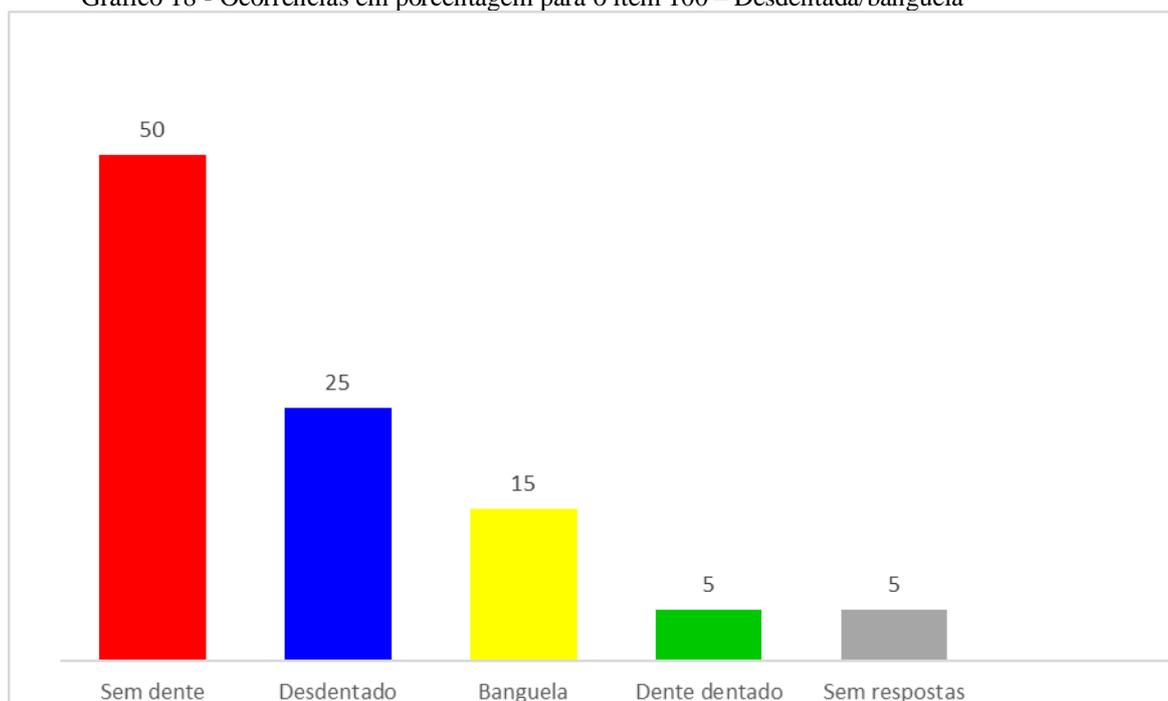
**Tabela 11** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Desdentada/Banguela)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Sem dente	50%	75%	25%	25%	75%
2. Desdentado	25%	25%	25%	25%	25%
3. Banguela	-	-	50%	25%	-
4. Dente dentado	-	-	-	25%	-
5. Sem respostas	25%	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela 11, em acordo com a carta lexical 09, representa a frequência dos lexemas que as comunidades usam em seu contexto de fala. Pode-se verificar que **sem dente** é a variante mais expressiva, com (50%) no ponto 01 e com (75%) nos pontos 02 e 05. Nota-se também que o outro lexema relevante foi **banguela**, que aparece no ponto 03, com (50%) e com (25%) no ponto 04. Percebe-se que **desdentado** teve porcentagem de (25%) nos pontos 01, 02, 03, 04 e 05. Já **dente dentado** aparece somente no ponto 04 com (25%).

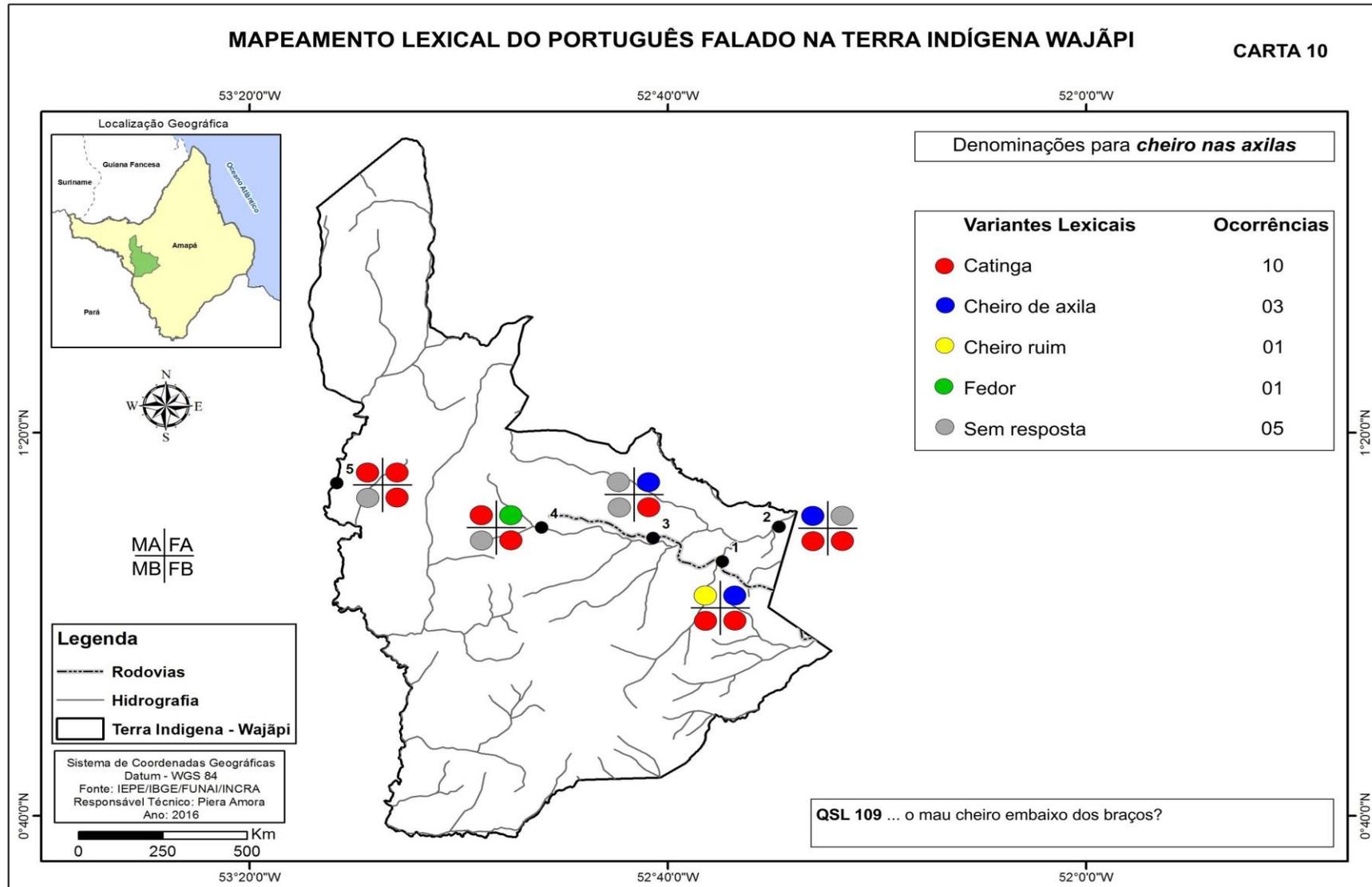
Gráfico 18 - Ocorrências em porcentagem para o item 100 – Desdentada/banguela



Fonte: Elaborada pela autora.

O gráfico 18 reflete que a variante **sem dente** é mais expressiva, com 50%; seguida de **desdentado** com 25%; **banguela** com 15%; e **dente dentado** com ocorrência de 5%. Novamente neste caso temos produtividade de variantes, mas com percentuais de uso bem diferentes, em que apenas uma configura-se como a mais recorrente na localidade.

Carta 10 - Item lexical **cheiro nas axilas**



Fonte: Elaborada pela autora.

A carta 10 é representada pela denominação **cheiro nas axilas**, item lexical QSL 109, para o que foi feita a seguinte questão “... o mau cheiro embaixo dos braços?”. Por meio desse questionamento verificaram-se 04 ocorrências: **catinga**, **cheiro de axila**, **cheiro ruim** e **fedor**. Vejamos abaixo as frequências delas por localidade.

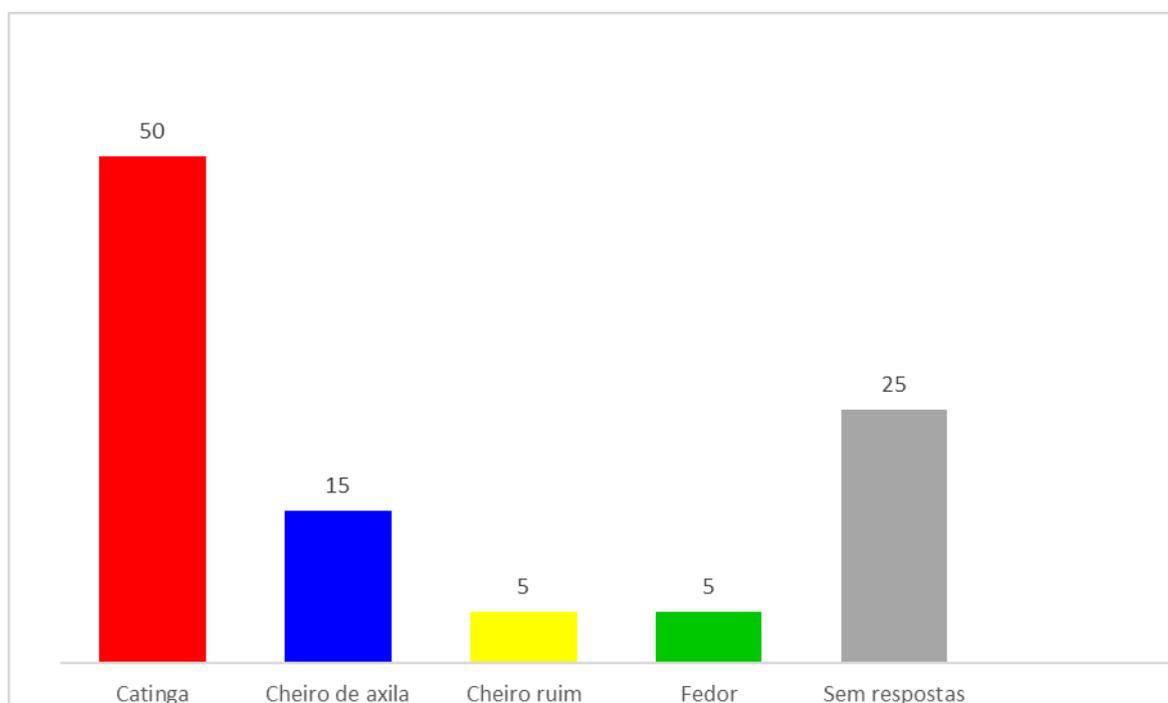
**Tabela 12** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Cheiro nas axilas)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Catinga	50%	50%	25%	50%	75%
2. Cheiro de axila	25%	25%	25%	-	-
3. Cheiro ruim	25%	-	-	-	-
4. Fedor	-	-	-	25%	-
5. Sem respostas	-	25%	50%	25%	25%

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela 12, em conformidade com a carta lexical 10, demonstra que a variante **catinga** aparece com mais frequência nos pontos 01, 02 e 04, com 50%, e ainda relevante no ponto 05, com 75%. Por outro lado, os lexemas: **cheiro de axila** nos pontos 01, 02 e 03, com (25%), **cheiro ruim** no ponto 01, com (25%) e **fedor** no ponto 04 também aparece com frequência de (25%).

Gráfico 19 - Ocorrências em porcentagem para o item 109 – Cheiro nas axilas



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir das análises da carta 10 do item lexical 109-**cheiro nas axilas** em acordo com a tabela 12 podemos verificar o gráfico 19 que confirma a forma lexical **catinga** como aquele

com maior ocorrência, com 50%, seguida de **cheiro de axila**, com 15%. Percebe-se também que **cheiro ruim** e **fedor** teve frequência equivalente a 5%. Esse resultado reflete os demais observados nas cartas anteriores relativas às questões voltadas ao corpo humano, em que a produtividade de variantes ocorre, mas sendo a maioria com percentuais de uso pequeno, apresentado somente uma variante como a mais usada na comunidade, explicitada em percentuais acima de 50%.



A carta 11 também faz parte do campo semântico corpo humano, e tem como denominação o item lexical **perneta**. A pergunta para análise foi retirada do **QSL 114 “... a pessoa que não tem uma perna?”** Com essa indagação se obteve as seguintes variedades lexicais: **aleijado**, **perneta**, **deficiente** e **saci**. Na tabela 13 podemos observar com mais detalhes a frequência dessas variantes.

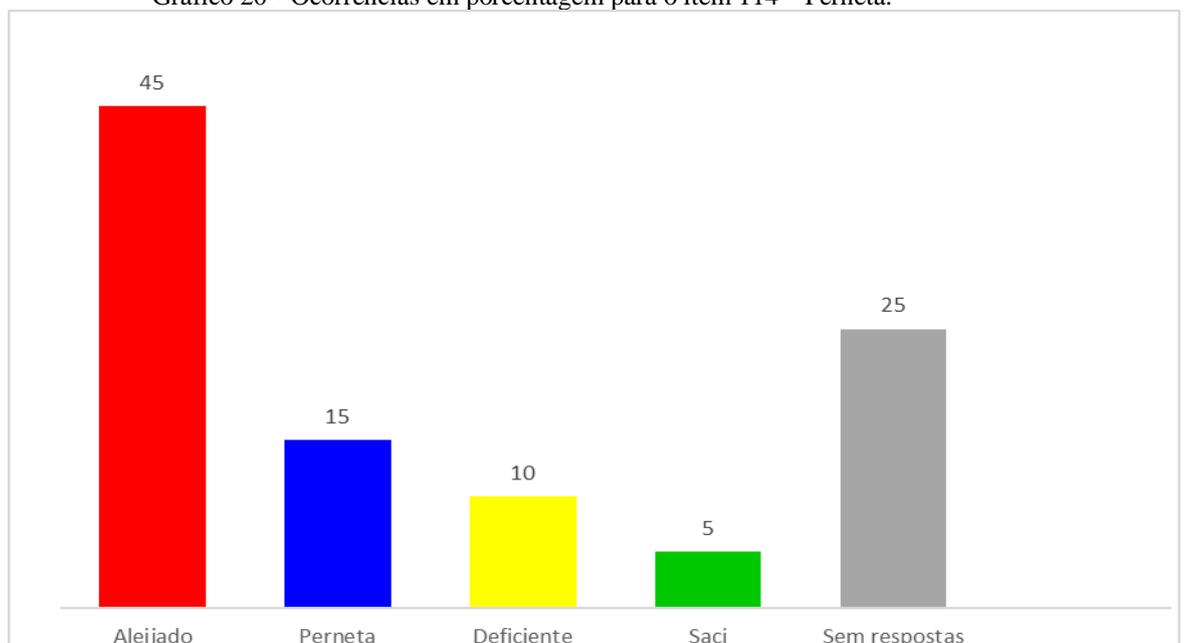
**Tabela 13** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Perneta)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05
VARIANTES					
1. Aleijado	25%	-	75%	25%	100%
2. Perneta	25%	25%	-	25%	-
3. Deficiente	25%	25%	-	-	-
4. Saci	-	-	-	25%	-
5. Sem respostas	25%	50%	25%	25%	-

Fonte: Elaborada pela autora.

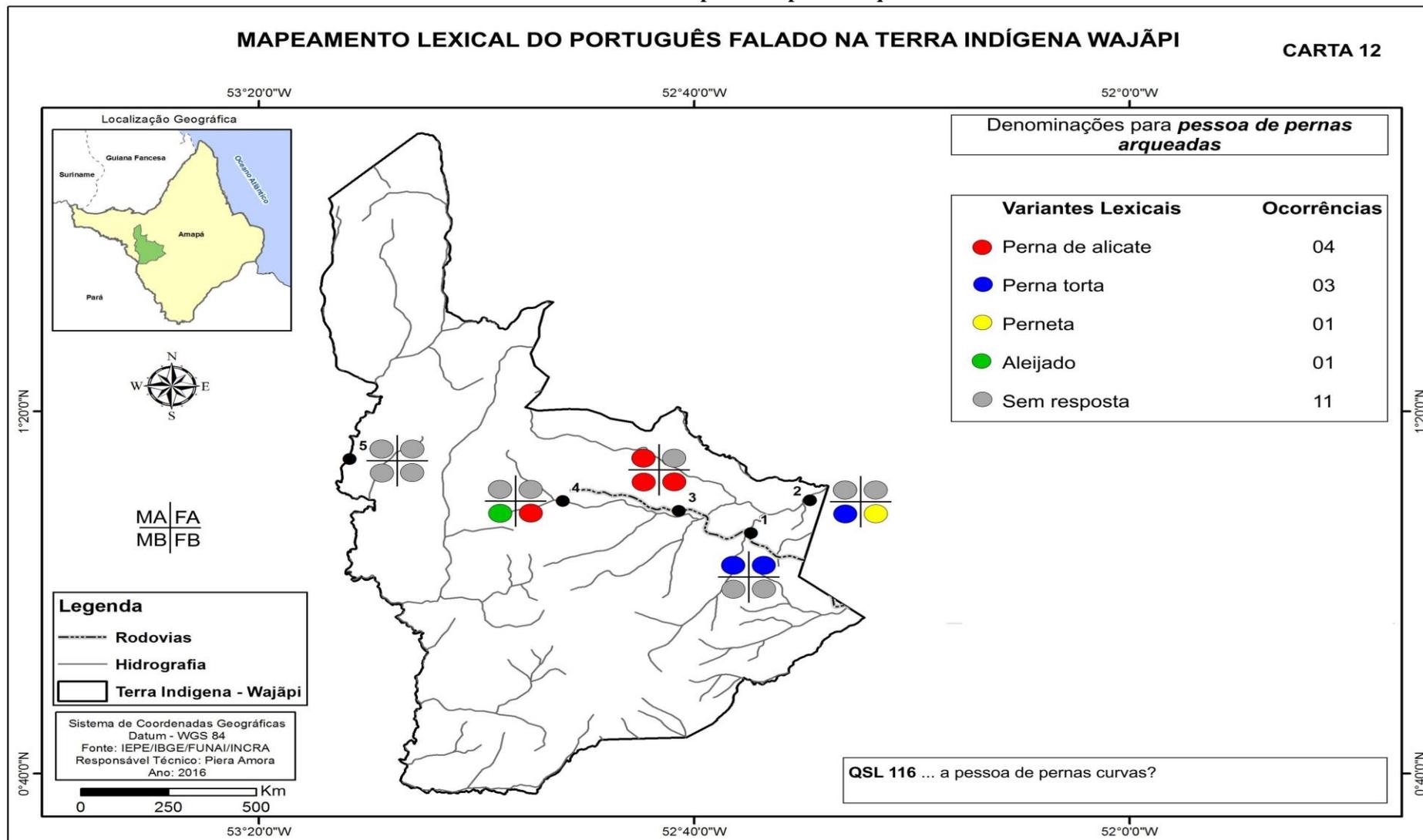
Com base na carta 11 e análise da tabela 13 nota-se que o léxico **aleijado** foi o que mais teve frequência no ponto 03 com 75% e no ponto 05 com 100%, sendo que nos pontos 01 e 04 obteve 25%. As demais variantes aparecem com frequência de 25%; nos pontos 01, 02 e 04 – **perneta**, 01 e 02- **deficiente** e somente no ponto 04- **saci** também com frequência de 25%.

Gráfico 20 - Ocorrências em porcentagem para o item 114 – Perneta.



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 20 representa em percentuais a carta lexical 11, demonstrando que a variante **aleijada** aparece com mais ocorrências, com 45%, seguido da variante **perneta**, com 15%; acompanhado da variedade **deficiente**, com 10% e **saci** com ocorrência apenas de 5%. A questão da produtividade nesta carta não apresenta nenhuma em termos de produtividade de uso em relação às anteriores, visto que novamente aqui se repete o registro de apenas uma variante como a mais empregada em detrimento das demais que aparece na localidade.

Carta 12 – Item lexical *peessoa de pernas arqueadas*

Fonte: Elaborada pela autora.

A carta 12 também faz parte do campo semântico corpo humano, e nela está contida a denominação **pessoa de pernas arqueadas**. Com o intuito de saber quais variantes são utilizadas para essa denominação, foi indagado o seguinte, pergunta retirada do **QSL 116**, “...a pessoa de pernas curvas? ”. A partir de então se obteve os seguintes resultados: **perna de alicate**, **perna torta**, **perneta** e **aleijado**. A tabela 14 explicita a frequência dos itens, de acordo com as localidades a tabela 14.

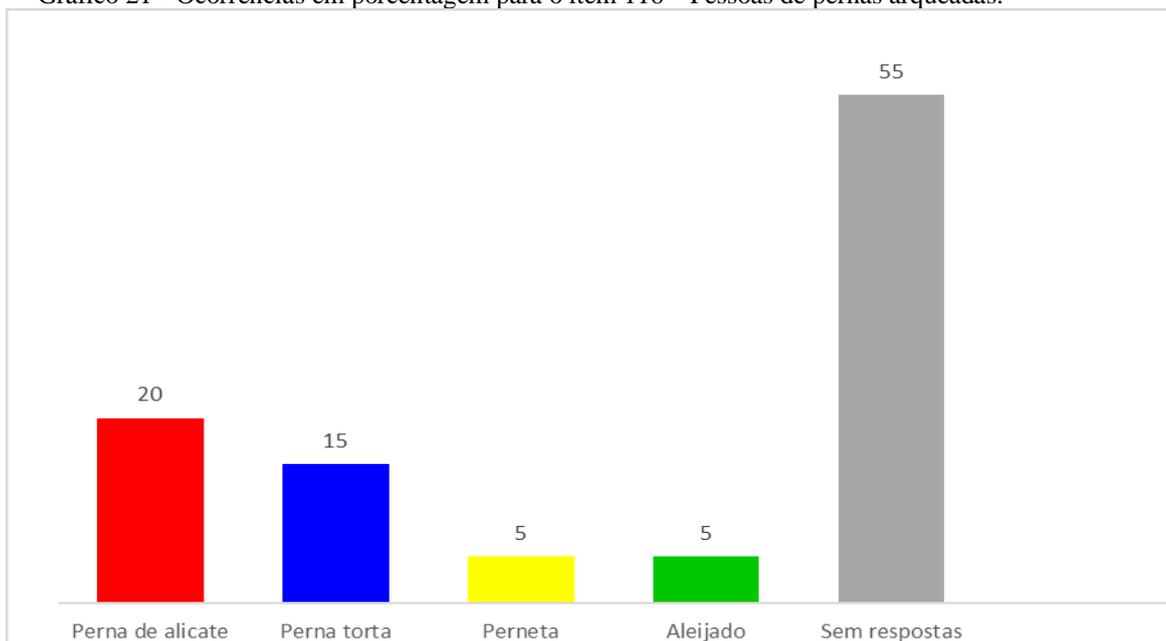
**Tabela 14** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Pessoa de pernas arqueadas)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05
VARIANTES					
1. Perna de alicate	-	-	75%	25%	-
2. Perna torta	50%	25%	-	-	-
3. Perneta	-	25%	-	-	-
4. Aleijado	-	-	-	25%	-
5. Sem respostas	50%	50%	25%	50%	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela 14 representa o item lexical **pessoa de pernas arqueadas**. Nela pode-se averiguar que o item lexical mais relevante por localidade foi **perna de alicate**, no ponto 03, com (75%). Esse item aparece também no ponto 04, com (25%). Outra variante que se sobressai é **perna torta**, no ponto 01, com (50%), e com frequência de (25%) no ponto 02. A variedade **perneta** aparece é utilizada apenas no ponto de inquérito 02, com (25%), assim como o item **aleijado** que também tem frequência de uso apenas no ponto 04, com (25%). Ressalta-se o ponto 05, com (100%) de informantes que não responderam com nenhuma das variantes lexicais. Os demais pontos em relação a esse quesito ficaram com frequência de (50%) nos pontos 01, 02 e 04 e com (25%), no ponto 03.

Gráfico 21 - Ocorrências em porcentagem para o item 116 – Pessoas de pernas arqueadas.

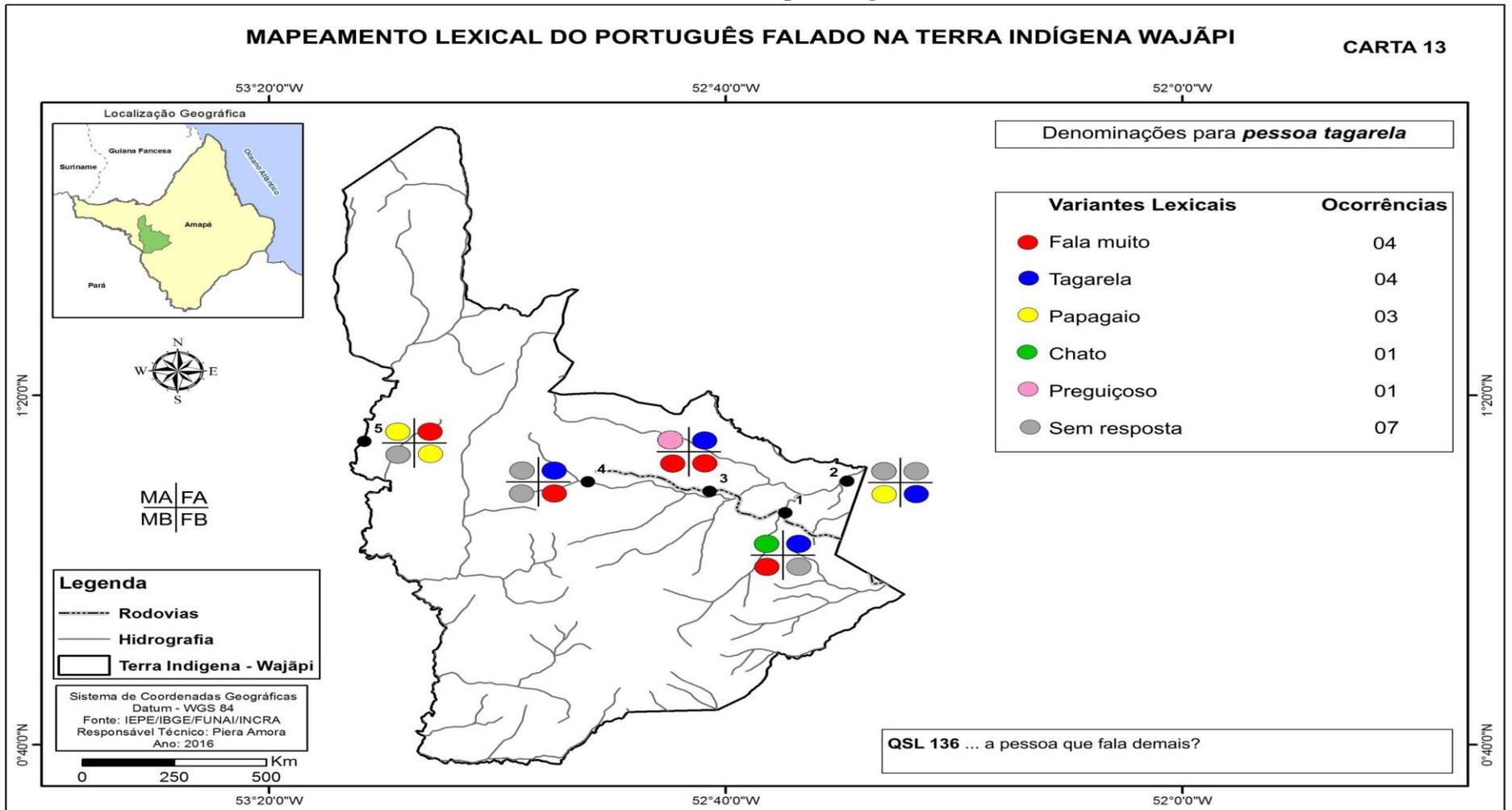


Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 21 demonstra que não houve muita ocorrência em relação aos itens lexicais elencados na carta 12. Percebe-se que o léxico com mais ênfase foi **perna de alicate** com 20%, seguido de **perna torta**, com 15% , e depois **perneta** e **aleijado**, com 5%. Portanto, para este item lexical verificamos uma frequência de uso muito reduzida para as variantes empregadas, confirmada ainda pelo grande índice de não respostas verificadas em todas as localidades de pesquisa. Novamente levantou-se aqui a questão de o termo lexical em voga não fazer parte do cotidiano da comunidade, parece ser um termo desconhecido para a maioria dos informantes, dada a alta ocorrência de falantes que não souberam responder.

g) Análise das cartas 13,14,15,16 e 17 do campo semântico convívio e compromisso.

Carta 13 – Item lexical *peessoa tagarela*



Fonte: Elaborada pela autora.

A carta linguística 13 refere-se ao item lexical 136 do questionário semântico-lexical (QSL) do ALiB/2001- **pessoa tagarela**. Foi feita a seguinte pergunta “... a pessoa que **fala demais**”? Foram, assim, obtidas as variantes: **fala muito**, **tagarela**, **papagaio**, **chato** e **preguiçoso**. Assim na tabela 15 abaixo, são demonstradas as frequências dessas variantes lexicais.

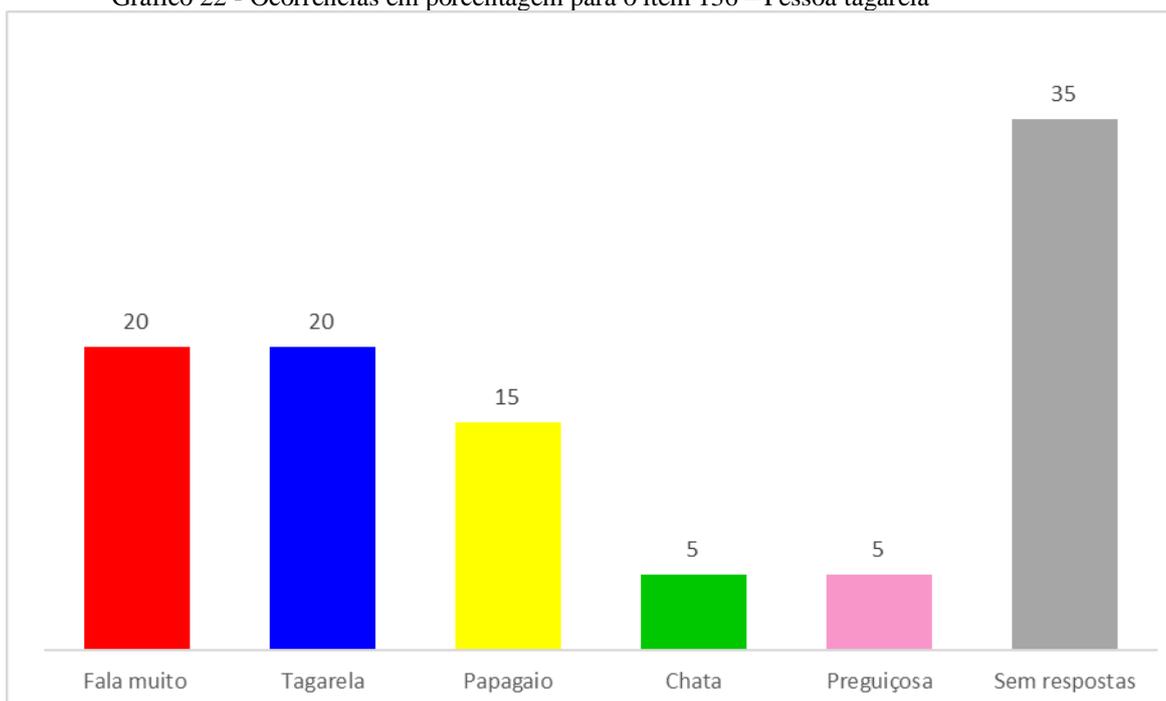
**Tabela 15** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Pessoa tagarela)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Fala muito	25%	-	50%	-	25%
2. Tagarela	25%	25%	25%	25%	-
3. Papagaio	-	25%	-	-	50%
4. Chato	25%	-	-	-	-
5. Preguiçoso	-	-	25%	-	-
6. Sem resposta	25%	50%	-	75%	25%

Fonte: Elaborada pela autora.

Como pode-se observar na carta linguística 13 e na tabela 15, 05 variantes lexicais são usadas por localidade. O item **fala muito** aparece com maior frequência no ponto 03, com (50%), assim como também o item **papagaio** no ponto 05, com (50%). Pode-se averiguar que com frequência de (25%) são apresentadas as seguintes variantes: **fala muito** nos pontos 01 e 05; **tagarela** nos pontos 01, 02, 03 e 04; **papagaio** no ponto 02; **chato** no ponto 01; e **preguiçoso**, no ponto 03.

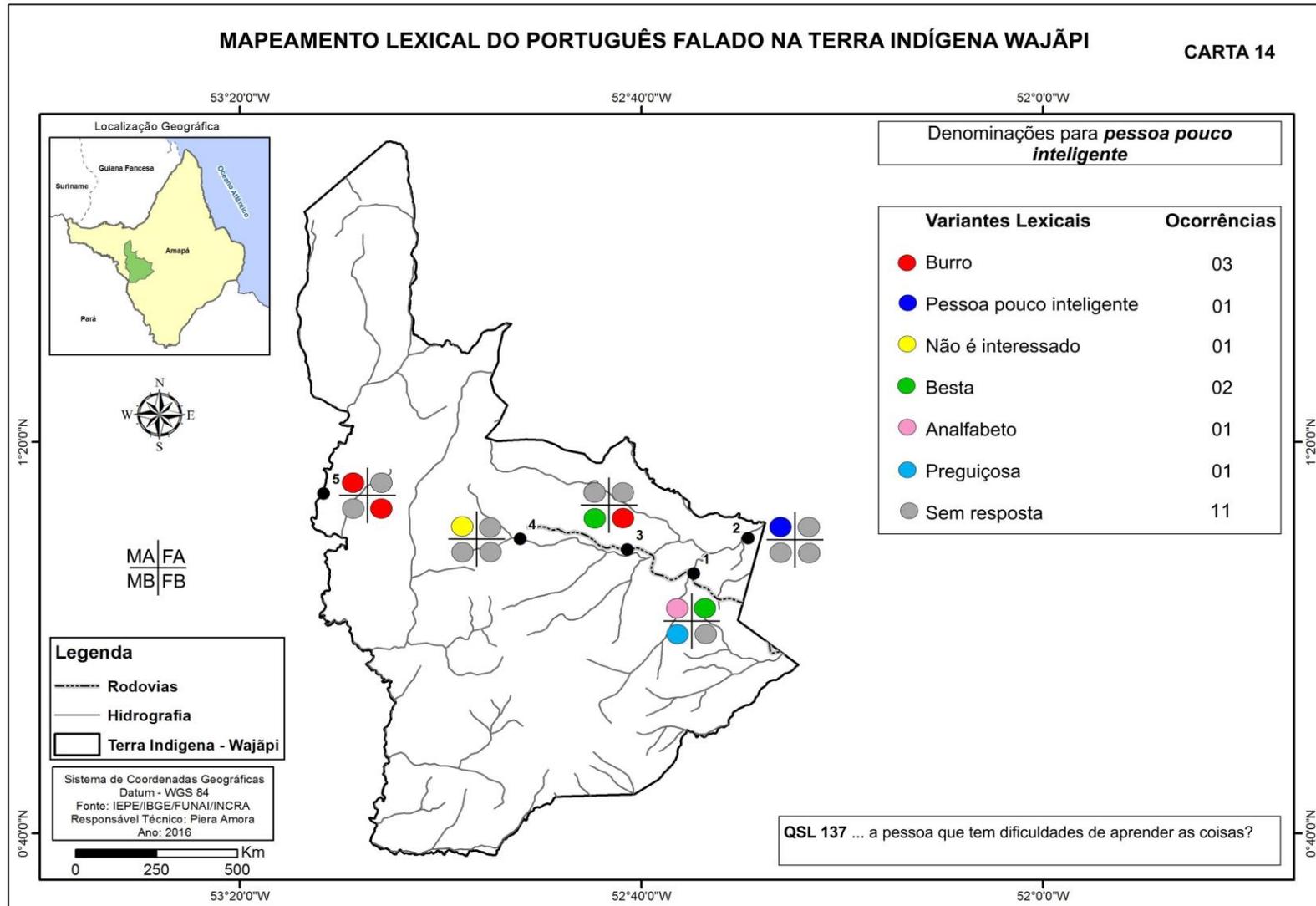
Gráfico 22 - Ocorrências em porcentagem para o item 136 – Pessoa tagarela



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar o gráfico 22, depreende-se que o lexema **fala muito e tagarela** aparecem com mais ocorrências, com 20% do total de pesquisados, seguido da variante **papagaio**, com 15% e mais abaixo **chata** e **preguiçosa**, com predominância de 5%. Repete-se aqui a baixa ocorrência de uso pelos falantes Wajãpi acerca das denominações para “**pessoa que fala demais**”. Chama atenção a resposta ‘preguiçosa’ que semanticamente não apresenta uma relação direta com a pergunta, talvez aqui o informante não tenha entendido adequadamente a questão ou tenha se confundido no momento de responder.

Carta 14 - Item lexical **pessoa pouco inteligente**



Fonte: Elaborada pela autora.

Na carta 14, com a denominação lexical **pessoa pouco inteligente**, está a questão 137 do QSL. Foi perguntado para o informante “... a **pessoa que tem dificuldades de aprender as coisas**”? Foram obtidas 06 variantes: **burro, pessoa pouco inteligente, não é interessado, besta, analfabeto, preguiçosa**. Na tabela 16 pode-se observar com mais detalhes esses usos.

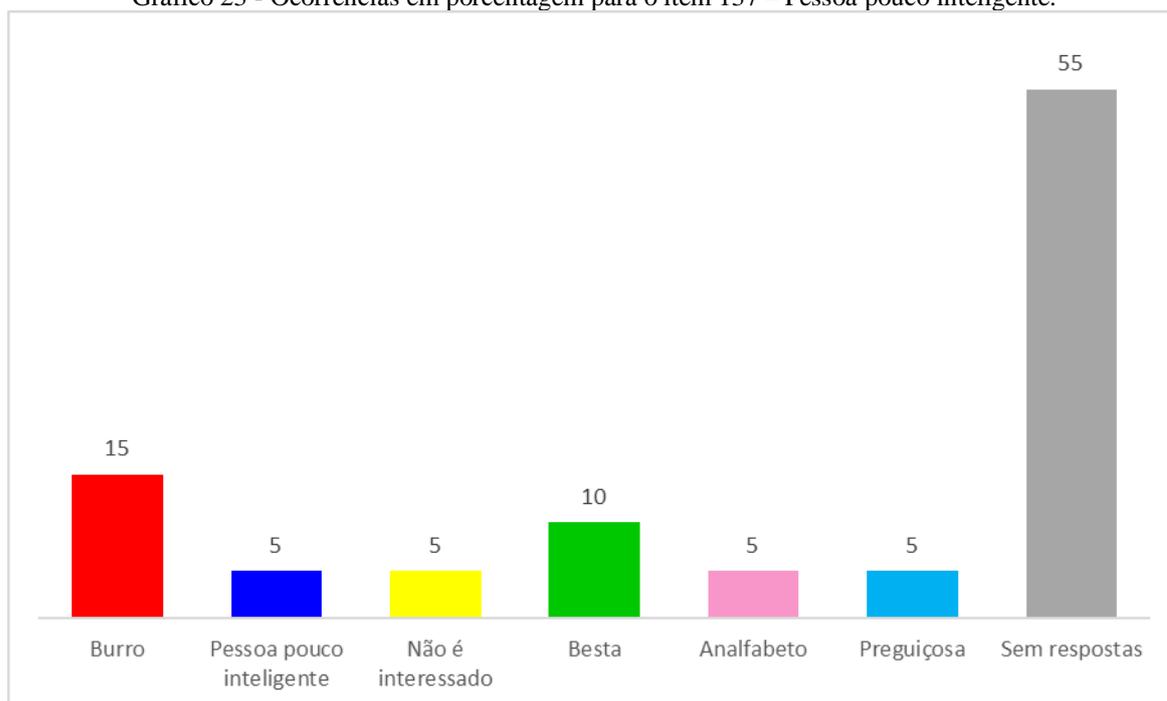
**Tabela 16** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Pessoa pouco inteligente)

LOCALIDADES	01	02	03	04	05
VARIANTES					
1. Burro	-	-	25%	-	50%
2. Pessoa pouco inteligente	-	25%	-	-	-
3. Não é interessado	-	-	-	25%	-
4. Besta	25%	-	25%	-	-
5. Analfabeto	25%	-	-	-	-
6. Preguiçosa	25%	-	-	-	-
7. Sem resposta	25%	75%	50	75%	50%

Fonte: Elaborada pela autora.

Na análise da carta 14, juntamente com a tabela 16, percebe-se que a variante mais relevante foi **burro** no ponto 05, com (50%). Esse lexema também aparece com 25%, no ponto 03. Percebe-se que **pessoa pouco inteligente** é enfatizada apenas no ponto 02, com (25%), e com a mesma frequência o lexema **não é interessado** no ponto 04, com (25%). Pode-se notar também que **besta analfabeto** e **preguiçosa** ocorrem com frequência de (25%), no ponto 01, sendo que **besta** é também usado pelos falantes na localidade/ponto 03, com (25%).

Gráfico 23 - Ocorrências em porcentagem para o item 137 – Pessoa pouco inteligente.

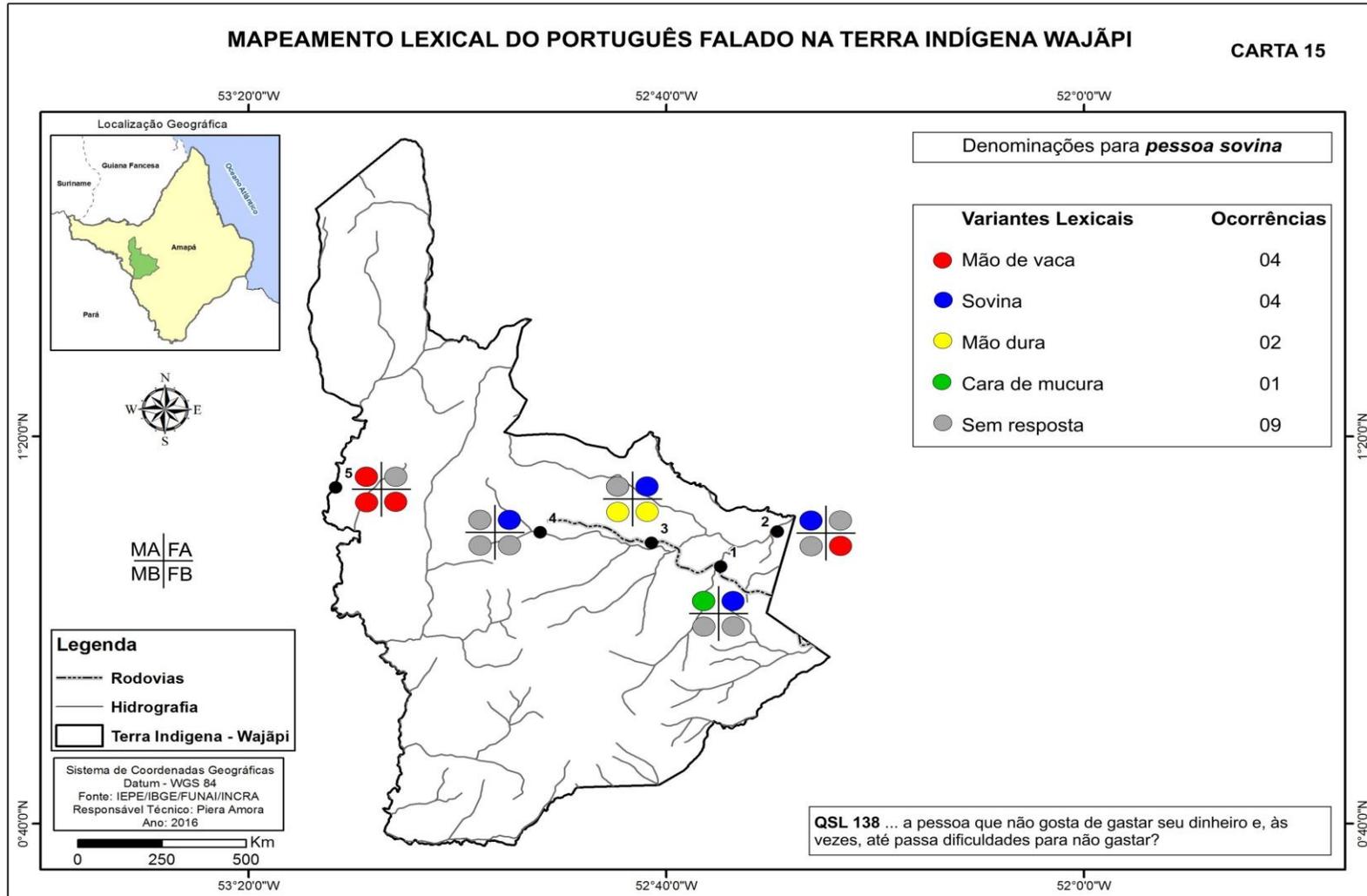


Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da análise da carta linguística 14, juntamente em acordo com a tabela 16, percebe-se no gráfico 23, que poucas ocorrências existem por comunidade, ou seja, por ponto de inquérito. Nota-se, por exemplo, que apenas o item lexical **burro** teve mais uso, com 15%, seguido pelo lexema **besta**, com 10%; e observou-se que **não é interessado**, **analfabeto** e **preguiçosa** têm ocorrência de 5% cada um.

Assim está claro através dos índices expressos que a variação desse item lexical tem ocorrência pequena, apesar de concretizar-se por meio de seis variantes, não se configura como usos produtivos dada a baixa realização de cada um e o grande número de não respostas ao questionamento.

Carta 15 - Item lexical pessoa sovina



Fonte: Elaborado pela autora.

A carta 15 está inserida no campo semântico convívio e comportamento, e expressa o conceito de **pessoa sovina**, que é o item lexical **138 do QSL**. A fim de obter respostas relativas a esse item, se perguntou o seguinte: “... **a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar**”? Foram dadas como respostas 04 variantes: **mão de vaca, sovina, mão dura e cara de mucura**. Na tabela 17, pode-se averiguar as frequências dessas variantes por localidade.

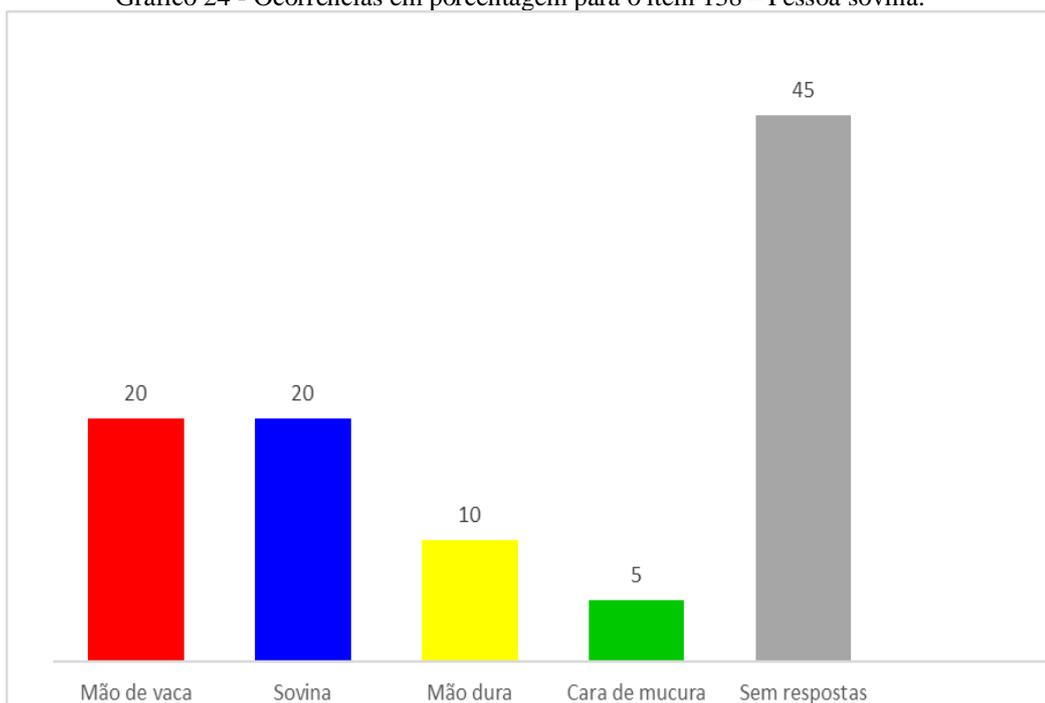
**Tabela 17** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Pessoa sovina)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Mão de vaca	-	25%	-	-	75%
2. Sovina	25%	25%	25%	25%	-
3. Mão dura	-	-	50%	-	-
4. Cara de mucura	25%	-	-	-	-
5. Sem respostas	50%	50%	25%	75%	25%

Fonte: Elaborada pela autora.

Na tabela 17, em conformidade com a carta lexical 15, é notável que o item lexical **mão de vaca** se destaca no ponto 05, com (75%) e no ponto 02, com frequência de (25%). O item **mão dura** no ponto 03 se sobressai com (50%). A variante **sovina** é usada em quase todos os pontos, com (25%), exceto no ponto 05. Outra variedade que tem a mesma frequência, mas que é utilizada apenas em um ponto de inquérito, é **cara de mucura, com** (25%), no ponto 01.

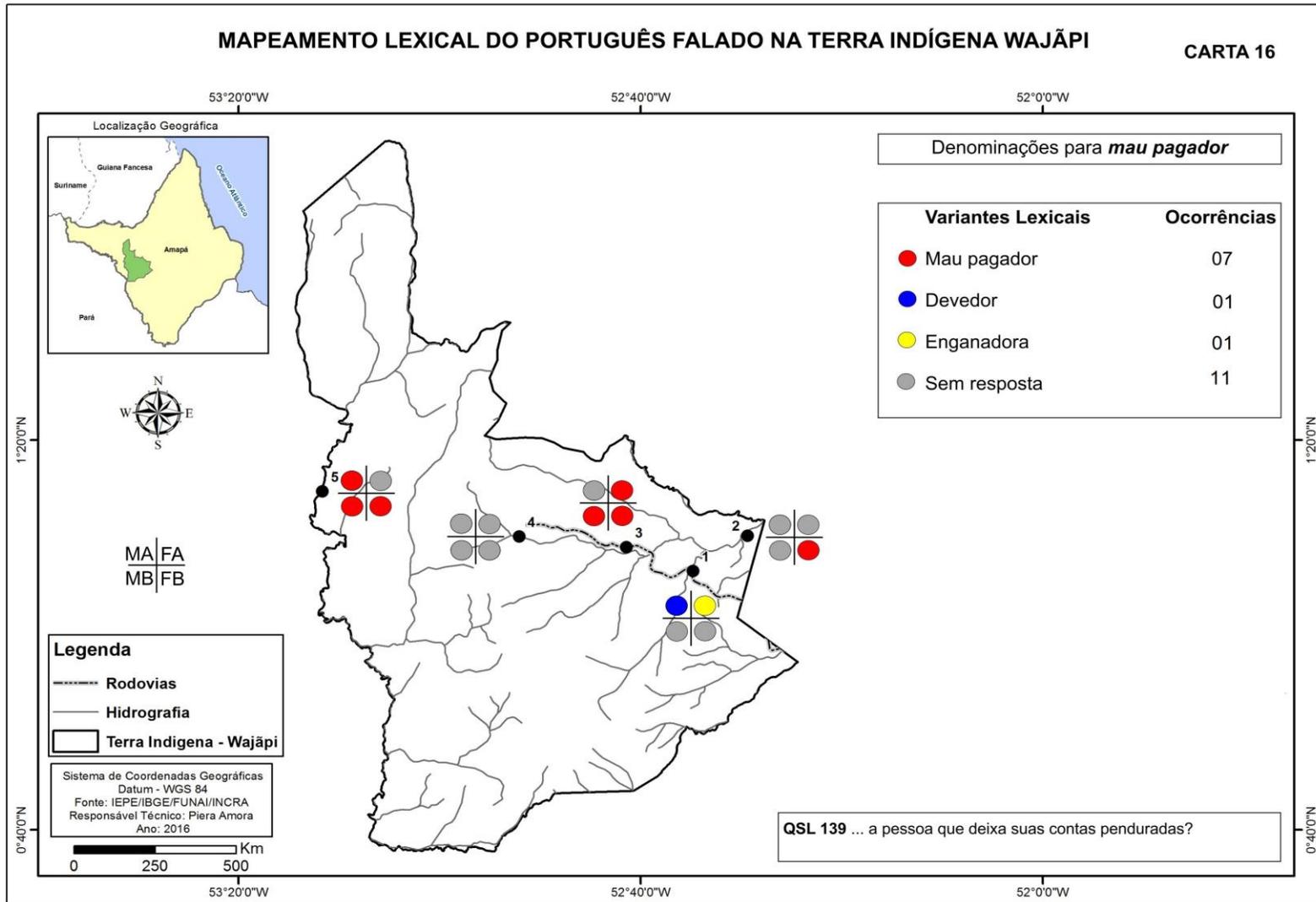
Gráfico 24 - Ocorrências em porcentagem para o item 138 – Pessoa sovina.



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 24 retrata as ocorrências desse item lexical, **pessoa sovina**, em que se percebe que tanto o lexema **mão de vaca**, como a variante **sovina**, apresentam-se com 20% de frequência uso, sendo assim mais relevante, quando comparado à **mão dura**, que ocorre em apenas 10% dos falantes e **cara de mucura**, em 5%. Portanto, confirma-se novamente as baixas realizações para as variantes que aparecem na comunidade, assim como pelo número um tanto alto de ocorrências para não respostas.

Carta 16 - Item lexical **mau pagador**



Fonte: Elaborada pela autora.

A carta 16 está inserida no campo semântico convívio e compromisso, e apresenta como conceito lexical **mau pagador**, as quais são: **mau pagador**, **devedor** e **enganadora**, estes lexemas foram obtidos a partir da indagação do QSL 139 “... a pessoa que deixa suas contas penduradas?”. Percebe-se mais abaixo na tabela 18, de maneira mais explicativa as ocorrências desses lexemas distribuídos por ocorrências, de acordo com cada localidade.

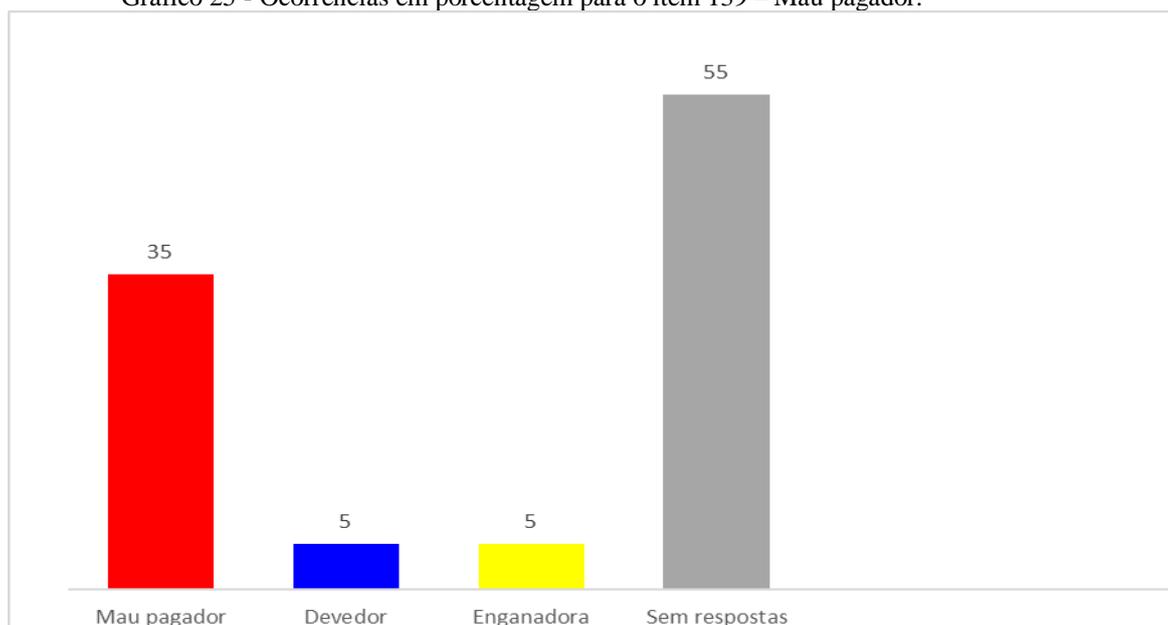
**Tabela 18** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Mau pagador)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Mau pagador	-	25%	75%	-	75%
2. Devedor	25%	-	-	-	-
3. Enganadora	25%	-	-	-	-
4. Sem respostas	50%	75%	25%	100%	25%

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir da leitura da carta 16 e a análise da tabela 18, percebeu-se que o lexema **mau pagador** foi a variante mais frequente nos pontos 03 e 05, com (75%). E ainda no ponto 02, essa mesma variedade teve frequência de (25%). Com assiduidade de (25%) também as variáveis **devedor** e **enganadora** tanto uma quanto outra no ponto 01. Vale dizer que no ponto 04, não teve frequência de nenhuma variante.

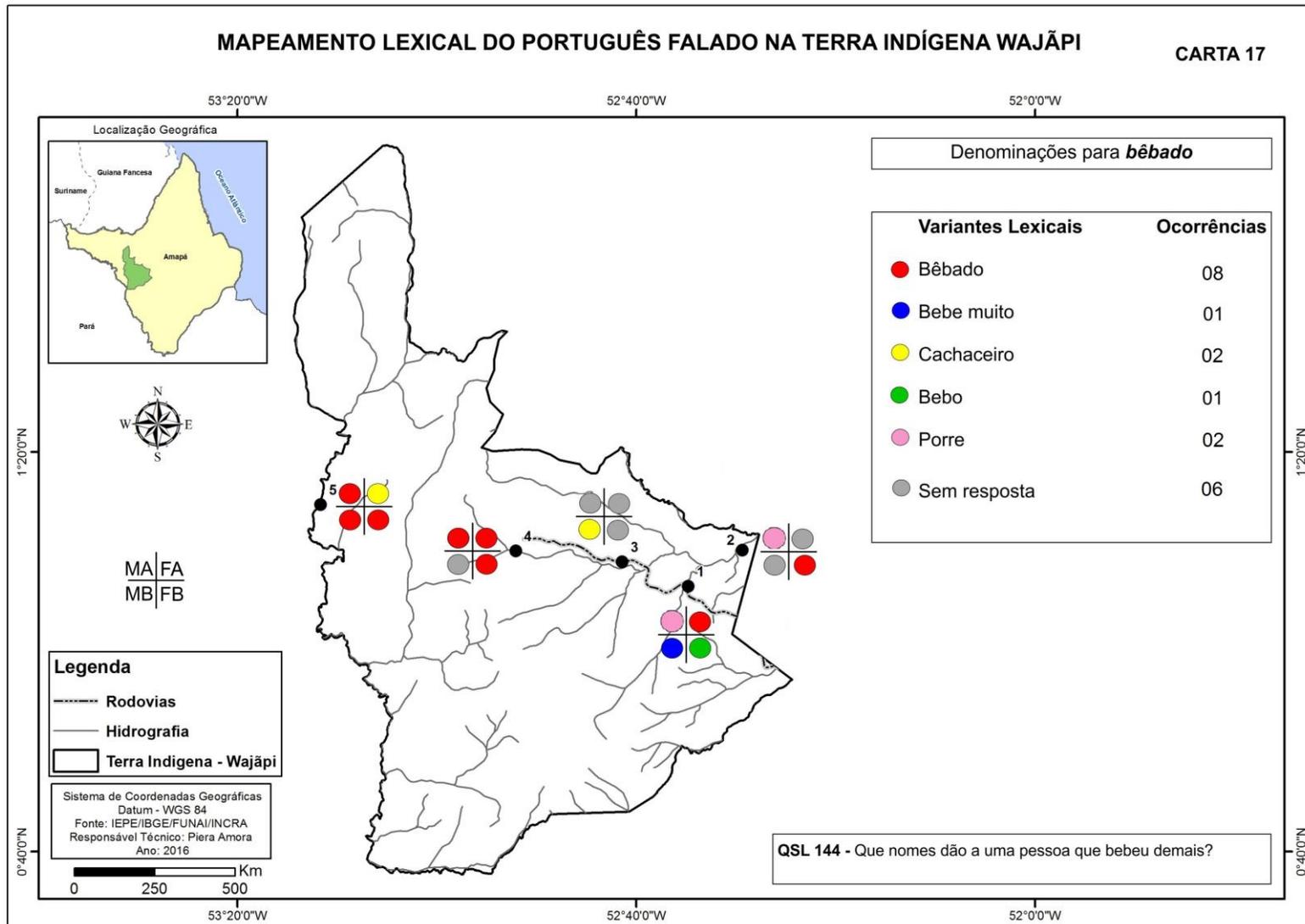
Gráfico 25 - Ocorrências em porcentagem para o item 139 – Mau pagador.



Fonte: Elaborado pela autora.

Como verifica-se no gráfico 25, a respeito das ocorrências e percentuais elencadas no item 139, a variante **mau pagador** foi a mais frequente, com 35% das ocorrências. As demais que ocorrem em outras duas localidades são: **devedor** e **enganadora**, ambas com apenas 5% de registro cada uma. Dessa forma, o gráfico nos permite inferir a baixa produtividade da variação do item lexical em voga na comunidade, a qual se traduz tanto através do pequeno número de variantes, como por meio do elevado índice de não respostas.

Carta 17 - Item lexical *bêbado*



Fonte: Elaborada pela autora.

Na carta 17, **bêbado** representa a resposta ao item 144 do QSL, na qual retrata a seguinte pergunta: “**Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?**”. A partir dessa questão, obteve-se 06 variantes: **bêbado, bebe muito, cachaceiro, bebo, porre e chapado**. Logo abaixo na tabela 19, percebe-se a frequência das ocorrências detalhada por localidade.

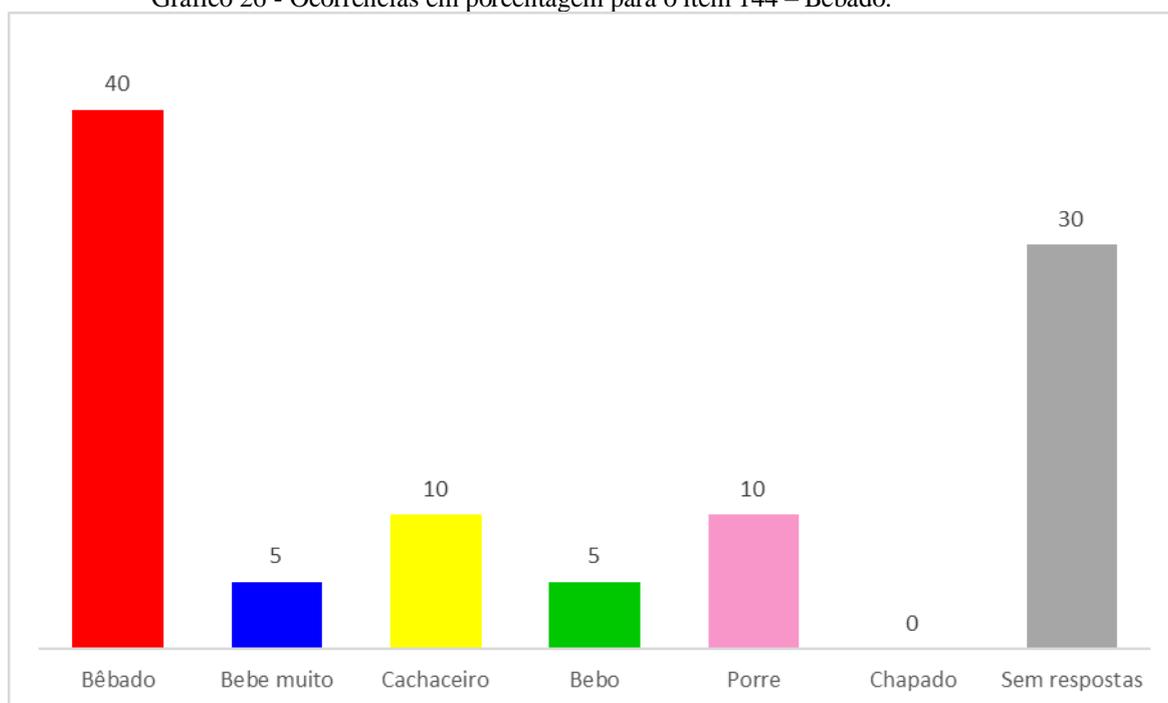
**Tabela 19** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Bêbado)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Bêbado	25%	25%	-	75%	75%
2. Bebe muito	25%	-	-	-	-
3. Cachaceiro	-	-	25%	-	25%
4. Bebo	25%	-	-	-	-
5. Porre	25%	25%	-	-	-
6. Chapado	-	-	-	-	-
7. Sem resposta	-	50%	75%	25%	-

Fonte: Elaborada pela autora.

Na tabela 19 é válido afirmar que a variante mais relevante foi **bêbada**, nos pontos 04 e 05, com (75%); e nos pontos 01 e 02 com (25%). Com a frequência de (25%) em pontos diversificados aparecem as seguintes variedades: **bebe muito, bebo**, no ponto 01; **cachaceiro**, nos pontos 03 e 05; **porre** – pontos 01 e 02. Destaca-se que o vocábulo **chapado** que não teve frequência, o que deve ser desconsiderado.

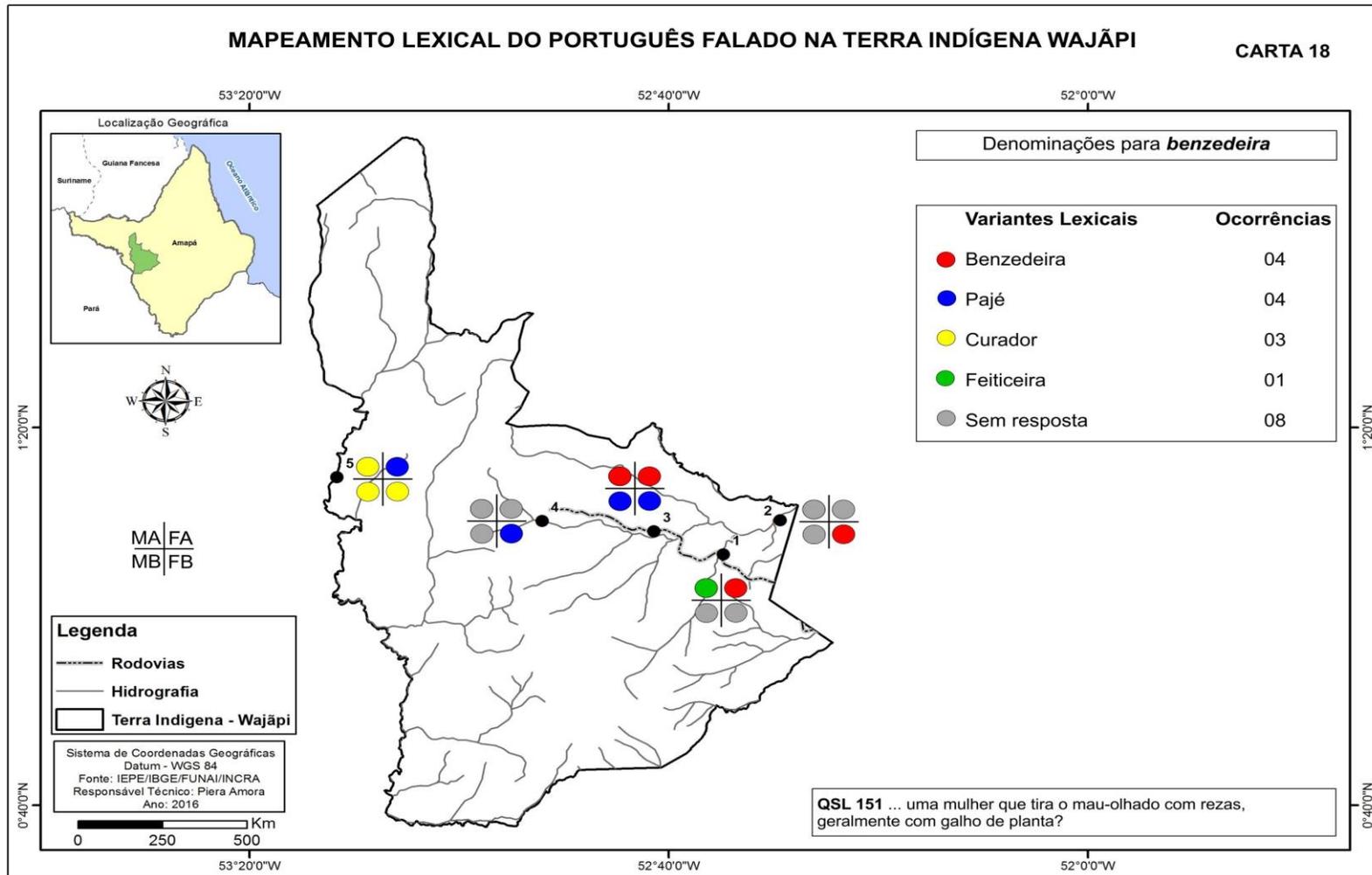
Gráfico 26 - Ocorrências em porcentagem para o item 144 – Bêbado.



Fonte: Elaborada pela autora.

No gráfico 26 em concordância com a carta 17 e a tabela 19 é perceptível que o lexema **bêbado** prevalece em relação às demais ocorrências, com 40%; seguida de **cachaceiro** e **porre**, com 10%, e mais abaixo **bebe muito** e **bebo** com ocorrência de 5% cada. No caso deste item, já se verifica uma variação maior se compara às cartas anteriores, 15 e 16 por exemplo. Traduzida por um número maior de variantes, cinco, e também um registro menor de não respostas.

Carta 18 - Item lexical *benzedeira*



Fonte: Elaborada pela autora.

A carta 18 está inserida no campo semântico religião e crenças, ela apresenta o conceito de **benzedeira**, de acordo com o item lexical **151 do QSL**. A fim de obter respostas se perguntou o seguinte, “... **uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?**” Com isso surgiram 04 variantes: **benzedeira, pajé, curador e feiticeira**. Na tabela 20 é possível averiguar as frequências dessas variantes por localidade.

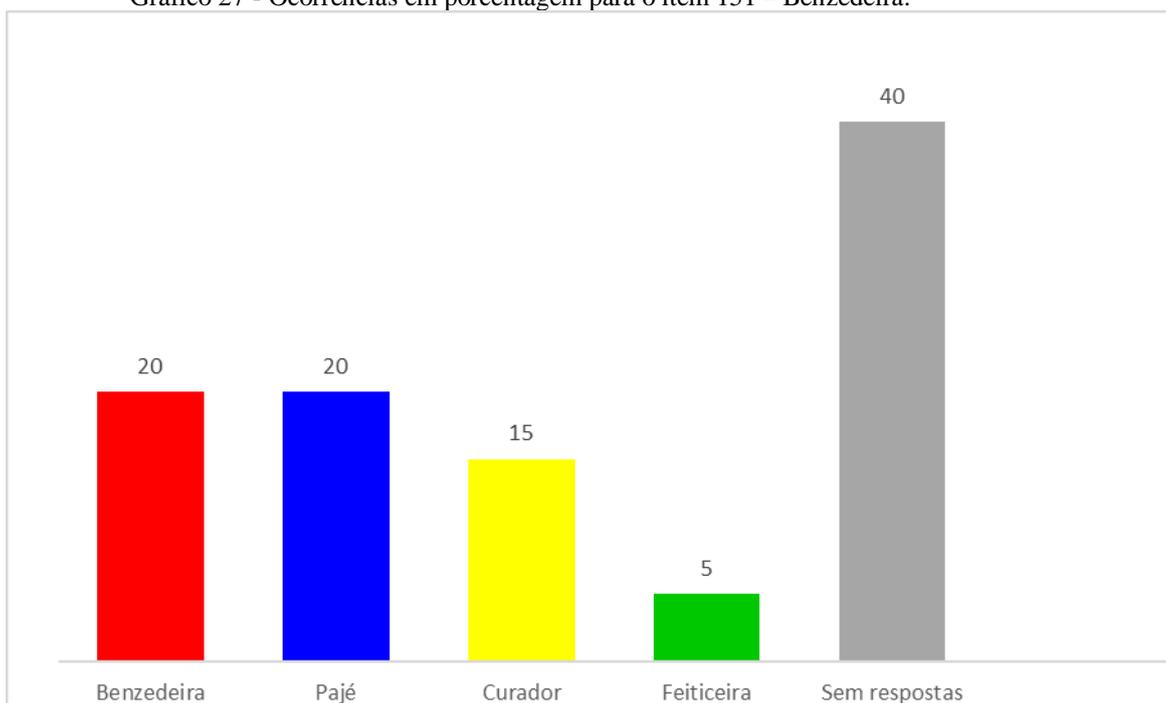
**Tabela 20** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Benzedeira)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Benzedeira	25%	25%	50%	-	-
2. Pajé	-	-	50%	25%	25%
3. Curador	-	-	-	-	75%
4. Feiticeira	25%	-	-	-	-
5. Sem respostas	50%	75%	-	75%	-

Fonte: Elaborada pela autora.

Na tabela 20 em conformidade com a carta lexical 18 é notável que os itens lexicais **benzedeira, pajé e curador** são mais frequentes, no ponto 03 **benzedeira e pajé**, com (50%) e no ponto **05**, o item curador se destaca, com (**75%**). Pode-se também observar que com frequência de 25% **benzedeira** aparece nos pontos 01 e 02; o item **pajé** nos pontos 04 e 05 e **feiticeira** apenas no ponto 01.

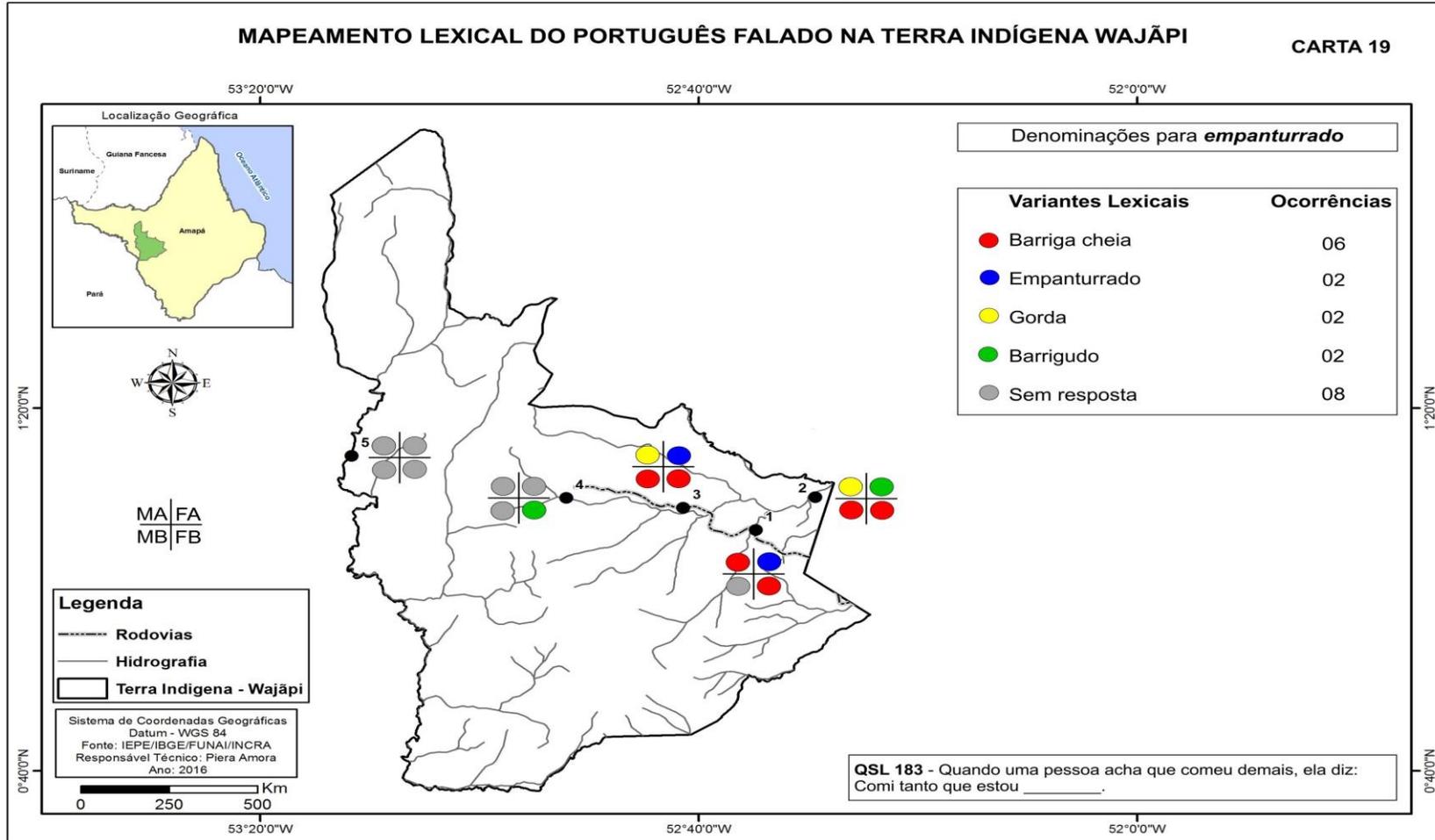
Gráfico 27 - Ocorrências em porcentagem para o item 151 – Benzedeira.



Fonte: Elaborada pela autora.

O gráfico 27 registra que **benzedeira** e **pajé** ocorrem com o mesmo percentual, seguidas pelo lexema **curador**, com 15% e **feiticeira** com ocorrência de 5%. A retratada por esse gráfico demonstra uma certa variação, não tão produtiva dada às baixas ocorrências das variantes e o índice de não respostas.

Carta 19 - Item lexical empanturrado



Fonte: Elaborada pela autora.

A carta 19 faz parte do campo semântico alimento e cozinha, e expressa o conceito de **empanturrado**, que é o item lexical **183 do QSL**. Nela são apresentadas as 04 variantes produzidas pelos falantes das localidades em análise, que são: **barriga cheia, empanturrado, gorda e barrigudo**. O resultado dessas variantes foi feito adquirido por meio da pergunta: “Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: **comi tanto que estou...?**”. Na tabela 21, abaixo, pode-se verificar o nível de frequências desses lexemas.

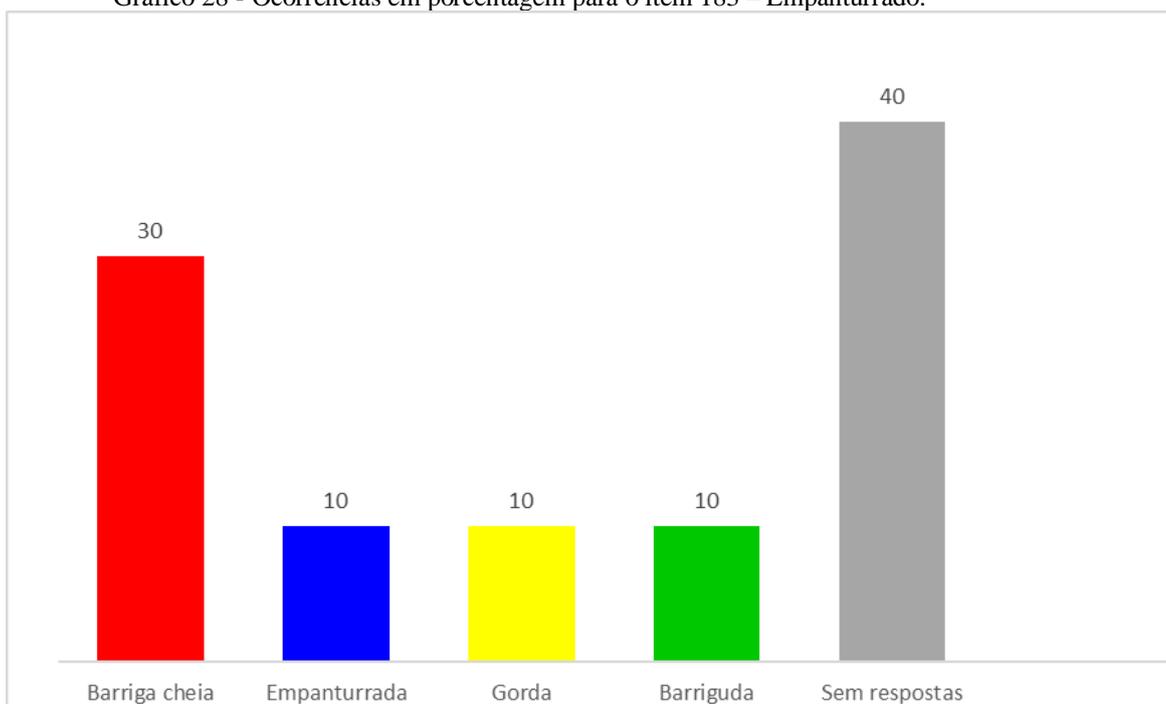
**Tabela 21** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Empanturrado)

LOCALIDADES VARIANTES	01	02	03	04	05
1. Barriga cheia	50%	50%	50%	-	-
2. Empanturrado	25%	-	25%	-	-
3. Gorda	-	25%	25%	-	-
4. Barrigudo	-	25%	-	25%	-
5. Sem respostas	25%	-	-	75%	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

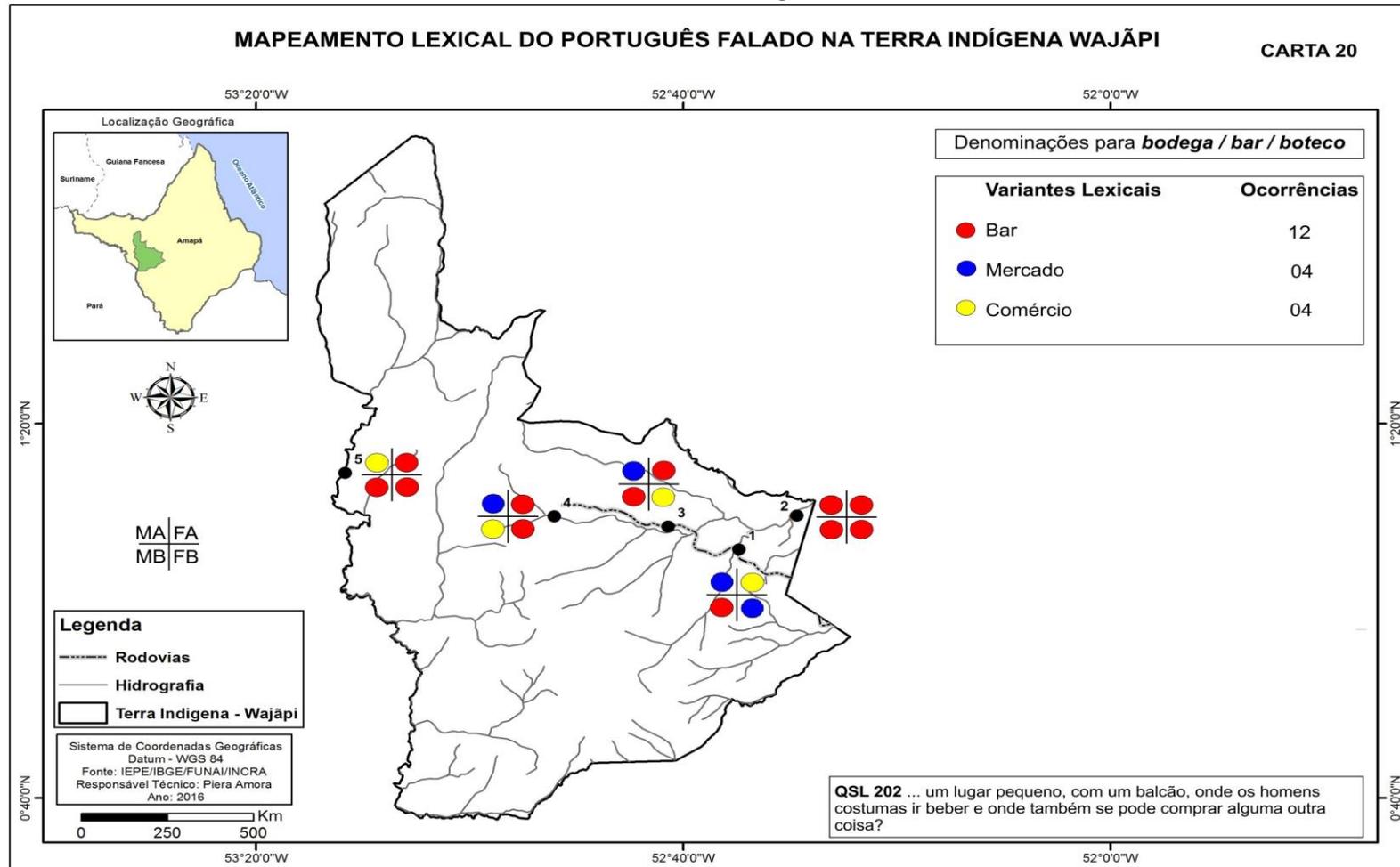
A partir, então, da leitura da carta 19 e em análise da tabela 21 nota-se que **barriga cheia**, é o lexema que se destaca nos pontos 01, 02 e 03, com (50%). Observou-se também que **empanturrado** teve frequência de (25%) nos pontos 01 e 03, assim como as variantes; **gorda**, nos pontos 02 e 03 e **barrigudo** nos pontos 02 e 04, com (25%).

Gráfico 28 - Ocorrências em porcentagem para o item 183 – Empanturrado.



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir das análises da carta 19 em acordo com a tabela 21 pode-se perceber no gráfico 28, o lexema **barriga cheia** como de maior ocorrência, com 30%, seguido de **empanturrado, gorda e barriguda** que se registram de forma equivalente com ocorrência de 10%. A variação neste caso é maior que o expresso nas cartas anteriores, haja vista o número de variantes registradas, o percentual de uso de cada uma e o índice de não respostas.

Carta 20 - Item lexical **bodega/bar/boteco**

Fonte: Elaborada pela autora.

A carta 20 refere-se ao campo semântico vida urbana, que exprimem os conceitos: **bodega, bar e boteco**. A partir da pergunta do QSL 202 “... **um lugar com balcão, onde os homens costumam ir beber e onde também se pode comprar outras coisas?**”. Obteve-se as seguintes ocorrências: **bar, mercado e comércio**. É possível observar na tabela 22, as frequências dessas variantes lexicais por cada localidade.

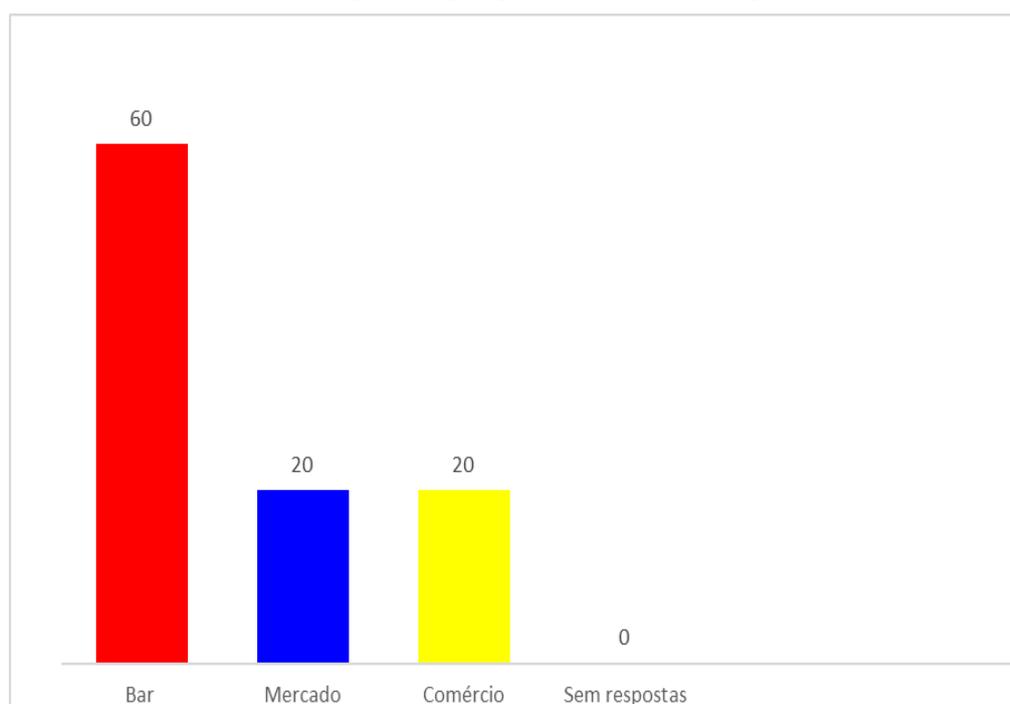
**Tabela 22** – Frequência das variantes lexicais por localidade (Bodega/ Bar/Boteco)

LOCALIDADES		01	02	03	04	05
VARIANTES						
1. Bar		25%	100%	50%	50%	75%
3. Mercado		50%	-	25%	25%	-
4. Comércio		-	-	25%	25%	25%
5. Sem respostas		-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao analisar a tabela 22 notou-se que o lexema mais frequente foi **bar**; no ponto, no ponto 02, com (100%); nos pontos 03, 04, com (50%) e ponto 05, com (75%). Observou-se que essa mesma variante aparece no **ponto 01**, com frequência de (25%). Percebeu-se que o lexema **mercado** foi bem enfatizado no ponto 01, com (50%); já nos **pontos 03 e 04**, ele aparece com estimativa de (25%), assim como também a lexema **comércio** que se apresenta com frequência de (25%) nos pontos 03, 04 e 05.

Gráfico 29 - Ocorrências em porcentagem para o item 202 – Bodega/bar/boteco.



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico 29 que representa os itens lexicais do QSL - **202- bodega/bar/boteco** ratifica-se que a variante **bar** é mais recorrente, com 60%, sendo que os lexemas **mercado** e **comércio** aparecem com a mesma frequência de 20%. Portanto, dados esses registros, verifica-se que para esse item lexical há uma variabilidade tímida, visto que o uso maior em todas as cinco localidades pesquisadas incide em apenas uma variante, o termo 'bar'.

### 4.3 Análise social

Esta seção destina-se à análise geossocial de algumas variáveis extralinguísticas das cartas que foram apresentadas na seção 4.2 e serão juntamente correlacionadas com as dimensões e parâmetros elencados neste trabalho, as quais caracterizam a pluridimensionalidade da pesquisa à luz da Dialetologia Pluridimensional e Relacional descritas no item 2.3. Essas dimensões compreendem aspectos da engrenagem social em que se considera o plano vertical, na rede de pontos em estudo, pois explicitam a realidade da fala e são corroboradas com os números de ocorrências das variantes e das percentagens de acordo com a totalização do referido *corpus*.

O item **redemoinho (de água)** é o primeiro analisado, ele se refere a carta 01, que está representada abaixo na tabela 23 sobre as frequências sociais. Primeiramente, analisa-se a tabela a partir da variante diageracional, representada pelo lexema **remanso**, que apareceu na realização da fala dos informantes de segunda faixa etária (MB), com maior produtividade de 40%. Assim como, o lexema **redemoinho**, que se destaca na fala da primeira faixa etária (FA) com 40%. Em relação ao lexema **água forte** ocorreu somente na primeira faixa etária (MA) com 20%. Sendo que, o lexema **furacão d'água** apareceu nas faixas etárias (FA) e (FB) com 20%.

Ao observar a mesma tabela a partir da dimensão diagenérica, percebeu-se que os lexemas mais recorrentes são: **remanso** e **redemoinho**, respectivamente na fala dos homens (MB) e na fala das mulheres (FA) com porcentagem de 40%. Processo inverso que ocorreu com o lexema **água forte** que se registrou somente no sexo masculino (MA), com 20%, ao passo que, **furacão d'água** se apresentou apenas no sexo feminino (FA) e (FB), ambos com 20%, com tudo isso pode-se afirmar que o lexema de maior relevância na fala tanto dos homens quanto das mulheres é **remanso**, pois se enfatiza em todas as variantes diagenéricas destacadas na tabela abaixo.

Tabela 23 - Frequência das variáveis sociais (Redemoinho de água).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Remanso	1	20 %	1	20 %	2	40 %	1	20 %	0	0 %
Redemoinho		%	2	40 %	1	20 %	1	20 %	1	20 %
Água forte	1	20 %		%		%		%	4	80 %
Furacão d'água		%	1	20 %		%	1	20 %	3	60 %
		%		%		%		%		
Sem resposta	3	60 %	1	20 %	2	40 %	2	40 %	-3	-60 %

Fonte: Elaborada pela autora.

O próximo item a ser averiguado é **temporal/tempestade/vendaval** que está destacado na carta 02, representado abaixo na tabela 24. No que se retratam as variantes diageracionais observou-se que, **vento forte** aparece com maior produtividade na segunda faixa etária (MB) com porcentagem de 60%, já o lexema **temporal** lidera com 40% nas faixas etárias do primeiro (FA) e segundo grupo (FB). A variante **água forte** é mais recorrente na segunda faixa etária (MB) com 40% e o lexema **tempestade** se apresenta apenas na primeira faixa etária (FA) com porcentagem de 40%.

Ao enfatizar as variantes no aspecto diagenérico percebeu-se que os lexemas: **vento forte** e **chuva forte** são mais utilizados por homens (MB), sequencialmente com porcentagem de 60% e 40%, sendo que, a variante **temporal** é mais predominante na fala das mulheres (FA) e (FB) com porcentagem de 40%, assim como, o lexema **tempestade** que é falado com maior ênfase por mulheres (FA) com porcentagem de 40%. Observou-se que em relação ao contato das línguas Wajãpi/português algumas variantes em português são inovadoras na fala dos jovens de ambos os sexos, por exemplo, os lexemas: **temporal e tempestade**. Já o lexema **chuva forte**, em relação a língua portuguesa não é produtiva no contexto diageracional e diagenérico do grupo I, denotando assim o conservadorismo da língua Wajãpi por parte dos falantes mais novos.

Tabela 24 - Frequência das variáveis sociais (temporal/tempestade/vendaval).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Vento forte	1	20 %	1	20 %	3	60 %	1	20 %	-1	-20 %
Temporal	1	20 %	2	40 %		%	2	40 %	0	0 %
Chuva forte		%		%	2	40 %	1	20 %	2	40 %
Tempestade		%	2	40 %		%		%	3	60 %
Sem respostas	3	60 %		%		%	1	20 %	1	20 %
		%		%		%		%		

Fonte: Elaborada pela autora.

O terceiro item analisado é o da carta 03 denominado **garoa**, mostrado abaixo por frequência social na tabela 25. Em relação as variantes diageracionais o lexema **chuvinha e chuva fina** obtiveram maior índice na segunda faixa etária, concomitantemente (FB) e (MB) com porcentagem de 40%. Já o lexema **chuviscando** aparece com 20% na primeira faixa etária (MA).

Observando-se a distribuição diagenérica nota-se que o lexema **chuvinha** é mais falado pelas mulheres (FB) com porcentagem de 40% e com essa mesma percentualidade o lexema **chuva fina** que é falado somente por homens (MB), assim como a variante **chuviscando**, que teve baixa produtividade, pois também se registrou somente na fala dos

homens (MA) com 20% de frequência. O lexema **sereno** é mais usual pelos homens (MA) 20% e mulheres (FB) também com baixa frequência de 20%. Constata-se que não houve variabilidade na fala das mulheres mais jovens e na fala dos homens mais idosos. Percebe-se que a língua Wajãpi ainda é bem preservada em relação ao contato com a Língua Portuguesa, devido ao alto índice de informantes que não responderam (S/R).

Tabela 25 - Frequência das variáveis sociais (Garoa).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Chuvinha		%	1	20 %		%	2	40 %	1	20 %
Chuiscando	1	20 %		%		%		%	4	80 %
Chuva fina		%		%	2	40 %		%	3	60 %
Sereno	1	20 %		%		%	1	20 %	3	60 %
Sem respostas	3	60 %	4	80 %	2	40 %	2	40 %	-6	-120 %
		%		%		%		%		

Fonte: Elaborado pela autora.

O próximo item retratado é o da carta 04 denominada **anoitecer**, apresentado na tabela 26 de acordo com as frequências das variáveis sociais. No quesito diageracional o lexema **anoitecer** é o que mais se destaca com 60% de ocorrências (FA) e 40% (MA). Com relação a análise diagenérica, observa-se que as variantes predominam na fala das mulheres (FA) com porcentagem de 60% e 20% (FB) na utilização dos lexemas: **anoitecer**, **boca da noite**, **escurecido e noitecer** (FB).

Tabela 26 - Frequência das variáveis sociais (**Anoitecer**).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Anoitecer	2	40 %	3	60 %		%	1	20 %	-1	-20 %
Boca da noite		%	1	20 %	1	20 %	1	20 %	2	40 %
Escurecido	1	20 %		%	1	20 %	1	20 %	2	40 %
Noitecer	1	20 %		%		%	1	20 %	3	60 %
A tardinha		%		%	1	20 %		%	4	80 %
		%		%		%		%		
Sem respostas	1	20 %	1	20 %	2	40 %	1	20 %		

Fonte: Elaborada pela autora.

O quinto item analisado é retirado da carta 05, o qual é representado abaixo pela tabela 27. Comprova-se a partir da verificação diageracional que o lexema **estrela cadente** foi o mais utilizado pela primeira faixa etária (FA) 40% e também se percebe que, essa mesma variante, assim como: **satélite e meteoro** aparecem na mesma faixa etária com porcentagem de 20% (MA). Já ao enfatizar as variações diagenéricas compreende-se que **estrela cadente** e **estrela da noite** são essencialmente inovadoras pelas mulheres mais novas (FA), assim como, **estrela cadente**, **satélite e meteoro**, são lexemas variáveis utilizados pelos homens mais jovens (MA).

Tabela 27 - Frequência das variáveis sociais (Estrela cadente/ Estrela filante/meteoro/zelação).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Estrela cadente	1	20 %	2	40 %		%		%	2	40 %
Satélite	1	20 %		%	1	20 %		%	3	60 %
Estrela da noite		%	1	20 %		%		%	4	80 %
Meteoro	1	20 %		%		%		%	4	80 %
Bola de fogo		%		%		%		%		
Sem respostas		%		%		%		%		
	2	15 %	2	15 %	4	31 %	5	38 %		

Fonte: Elaborada pela autora.

O item **bolsa/bruaca** é a sexta variante a ser analisada, ela está relacionada à carta 06, representada abaixo pela tabela 28 sobre frequências sociais. Inicialmente, retratam-se as variantes a partir do quesito diageracional, no qual se verificou que o lexema **jamaxi** foi o mais utilizado por todas as faixas etárias, respectivamente, (MA) 80%, (FA) - (MB) 100% e (FB) 40%, isso se deve ao fato de que esse lexema é de origem Tupí- Guaraní e por isso mais recorrente pela maioria dos informantes, assim como o item **panacu**, que é também de origem tupi, e falado pelas mulheres (FB), com 20% e significa um espécie de cesto, que é tecido pela também pelas mulheres.

Ao analisar a mesma tabela a partir da dimensão diagenérica, entende-se que o lexema mais predominante é **jamaxi** falado por homens e mulheres: 80% (MA), 100% (FA) -(MB) e 40% (FB), já os lexemas **panacu** e **triamante** são apenas utilizados por mulheres (FB) com porcentagem de 20%. No contexto social de interação da fala, entende-se que esse resultado se deve ao fato de que essas variantes são mais faladas por mulheres, porque esse item é um utensílio de trabalho das mulheres, o qual é especificamente confeccionado por elas, destinado para coleta de macaxeira e mandioca.

Tabela 28 - Frequência das variáveis sociais (Bolsa/bruaca).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Jamaxi	4	80 %	5	100 %	5	100 %	2	40 %	-11	-220 %
Cesto	1	20 %		%		%		%	4	80 %
Panacu		%		%		%	1	20 %	4	80 %
Triamante		%		%		%	1	20 %	4	80 %
Sem respostas		%		%		%	1	20 %	4	80 %
		%		%		%		%		

Fonte: Elaborada pela autora.

O sétimo item analisado é o da carta 07 denominado **mosca varejeira**, mostrado abaixo por frequência social na tabela 29. Em relação às variantes diageracionais o lexema **mosca** obteve maior variabilidade, sequencialmente, nas faixas etárias de: (MA) 80%, (MB) – ((FB) com 40% e (FA) com porcentagem de 20%. Sendo que, o lexema **moscão** é mais produtivo na segunda faixa etária, concomitantemente (MB) e (FB) com porcentagem de 40%. Já o lexema **mosca varejeira** registra-se na primeira faixa etária com 20% (MA) e 40% (FA).

A respeito das variantes diagenéricas denota-se que o lexema **mosca** é mais relevante na fala dos homens (MA) 80% e (MB) 40%, assim como pelas mulheres com porcentagem de 20% (FA) e 40% (FB). Já o lexema **moscão** tem predominância na fala tanto de homens quanto de mulheres, ambos com 40% em (MB) e (FB).

Tabela 29 - Frequência das variáveis sociais (Mosca varejeira).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Mosca	4	80 %	1	20 %	2	40 %	2	40 %	-4	-80 %
Moscão		%	1	20 %	2	40 %	2	40 %	0	0 %
Mosca varejeira	1	20 %	2	40 %		%		%	2	40 %
Colador de bosta		%		%		%		%		
Bezouro		%		%		%		%		
		%		%		%		%		
Sem respostas		%	1	33 %	1	33 %	1	33 %		

Fonte: Elaborada pela autora.

O item **bicho de fruta** é a próxima variante analisada, ela é retirada da carta 08, abaixo pode-se verificar as frequências sociais desse item na tabela 30. Ao analisar as variantes diageracionais pode-se salientar que o lexema **tapuru** se sobressai com maior nível de variabilidade, sequencialmente, nas faixas etárias de: (MA) - (FB) com 100% e (FA) - (MB) com 40%. Com uma frequência mais baixa o lexema **bicho de fruta** aparece na primeira faixa etária (FA) com porcentagem de 40%.

Ao analisar as variantes diagenéricas observa-se que o lexema **tapuru** é mais falado tanto por homens (MA) 100% e (FB) 40% quanto por mulheres (FA) 40% e (MB) 100%. Sendo que o lexema **bicho de fruta** é usado apenas por mulheres (FA) 40% e os lexemas: **larva e verme** são usados somente por homens (MB) 20%. Ressalta-se que assim como o lexema **jamaxi**, a variante **tapuru** tão falada pelos Wajãpi é também de origem Tupí-Guaraní, esse lexema segundo o dicionário do Léxico Tupi-Português (2008, p.945) significa a “verme que vive no oco das taquaras”. O lexema **bicho de fruta** foi introduzido no léxico dos falantes Wajãpi, provavelmente, no contexto de interações pelos técnicos da Secretária Estadual de Saneamento e de Saúde, ao promoverem a formação dos agentes indígenas de saúde (AIS) e agentes indígenas de saneamento (AISAN).

Tabela 30 - Frequência das variáveis sociais (Bicho de fruta).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Tapuru	5	100 %	2	40 %	2	40 %	5	100 %	-9	-180 %
Bicho de fruta		%	2	40 %		%		%	3	60 %
Larva		%		%	1	20 %		%	4	80 %
Verme		%		%	1	20 %		%	4	80 %
Sem respostas		%	1	20 %	1	20 %		%	3	60 %
		%		%		%		%		

Fonte: Elaborada pela autora.

O nono item analisado é o da carta 09 denominado **desdentado/banguela** mostrados abaixo, por frequência social na tabela 31. Sobre as variantes diageracionais destacam-se o

lexema **sem dente**, o qual obteve maior índice de utilização em todas as faixas etárias, como: (MA) – (FA) e (FB) com percentagem de 60%, já em (MB) com percentagem de 20%. O próximo lexema mais usado pelos informantes é **desdentado**, esse que foi falado pela primeira faixa etária (MA) – (MB) com percentagem de 40% e usado também pela segunda faixa etária (MB) com percentagem de 20%.

Analisando as variantes diagenéricas nota-se que o lexema **sem dente** é usado por homens e mulheres (MA) – (FA) e (FB) com frequência de 60%, mais em seguida vem o lexema **desdentado** que é menos usado pelos sexos masculinos e femininos (MA) e (MB) 40%.

Tabela 31 - Frequência das variáveis sociais (Desdentado/banguela).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Sem dente	3	60 %	3	60 %	1	20 %	3	60 %	-5	-100 %
Desdentado	2	40 %	2	40 %	1	20 %		%	0	0 %
Banguela		%		%	2	40 %	1	20 %	2	40 %
Dente dentado		%		%		%	1	20 %	4	80 %
Sem respostas		%		%	1	20 %		%	4	80 %
		%		%		%		%		

Fonte: Elaborada pela autora.

O próximo item a ser averiguado é cheiro **nas axilas** que está enfatizado na carta 10, representado abaixo na tabela 32. Ao se retratar das variantes diageracionais observou-se que **caatinga** aparece com maior produtividade na segunda faixa etária (FB) com percentagem de 100% e em frequência menor nas faixas etárias seguintes: (MA), (FA) e (MB) com 40%.

Ao sublinhar as variantes no aspecto diagenérico observou-se que o lexema mais produtivo é **caatinga** usados por homens (MA) – (MB) com percentagem de 40% e por mulheres (FA) - (FB), respectivamente com percentagem de 20% e 100%. O próximo lexema com maior ênfase é usado mais por mulheres (FA) com percentagem de 40%.

Tabela 32 - Frequência das variáveis sociais (Cheiro nas axilas).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Catinga	2	40 %	1	20 %	2	40 %	5	100 %	-5	-100 %
Cheiro de axila	1	20 %	2	40 %		%		%	2	40 %
Cheiro ruim	1	20 %		%		%		%	4	80 %
Fedor		%	1	20 %		%		%	4	80 %
Sem respostas	1	20 %	1	20 %	3	60 %		%	0	0 %
		%		%		%		%		

Fonte: Elaborada pela autora.

O item **perнета** é a décima primeira variante a ser analisada, ele está relacionada à carta 11, representado abaixo na tabela 33 sobre frequências sociais. Primeiramente, retratam-

se as variantes diageracionais, no qual se verificou que o lexema **aleijado** foi o mais utilizado pela primeira faixa etária (MA) com 60% e (FA) com 40% e na segunda faixa etária aparece com percentagem de 40% em (MB) – (FB).

Ao considerar a mesma tabela a partir da dimensão diagenérica, entende-se que o lexema mais predominante é **aleijado** falado por homens e mulheres: 60% (MA), (FA) - (MB) e (FB) com percentagem de 40%, ainda nesse mesmo contexto o lexema **perнета** é mais falado por mulheres (FB) com percentagem de 40%.

Tabela 33 - Frequência das variáveis sociais (Perneta).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Aleijado	3	60 %	2	40 %	2	40 %	2	40 %	-4	-80 %
Perneta		%	1	20 %		%	2	40 %	2	40 %
Deficiente	1	20 %		%		%	1	20 %	3	60 %
Saci		%	1	20 %		%		%	4	80 %
Sem respostas	1	20 %	1	20 %	3	60 %		%	0	0 %
		%		%		%		%		

Fonte: Elaborada pela autora.

O próximo item a ser averiguado é **pessoa de pernas arqueadas**, o qual está destacado na carta 12, representado abaixo na tabela 34. No que se retratam as variantes diageracionais observou-se que **perna de alicate** aparece com maior produtividade na segunda faixa etária (FB) com percentagem de 40%.

Ao realçar as variantes no aspecto diagenérico percebeu-se que o lexema **perna de alicate** é falado com média frequência pelas mulheres (FB) 40%, já pelos homens esse mesmo lexema é utilizado com baixa frequência (MA) – (MB) 20%.

Tabela 34 - Frequência das variáveis sociais (Pessoa de pernas arqueadas).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Perna de alicate	1	20 %		%	1	20 %	2	40 %	1	20 %
Perna torta	1	20 %	1	20 %	1	20 %		%	2	40 %
Perneta		%		%		%	1	20 %	4	80 %
Aleijado		%		%	1	20 %		%	4	80 %
Sem respostas	3	60 %	4	80 %	2	40 %	2	40 %	-6	-120 %
		%		%		%		%		

Fonte: Elaborada pela autora

O décimo terceiro item analisado é o da carta 13 denominado **pessoa tagarela**, mostrado abaixo por frequência social na tabela 35. Sobre as variantes diageracionais destaca-se o lexema **fala muito** usado na segunda faixa etária (MB) com percentagem de 40%, assim como o lexema **tagarela** que é falado mais pela primeira faixa etária (FA) com percentagem de 60%.

Considerando as variantes diagenéricas percebe-se que o lexema **fala muito** é usado mais pelo sexo masculino (MB) com frequência de 40%, já o lexema **tagarela** é mais enfatizado pelos informantes do sexo feminino (FA) 40%. Nota-se também que com baixa

produtividade os lexemas: **papagaio chata** e **preguiçosa** são utilizados pelos homens em (MA) 20%.

Tabela 35 - Frequência das variáveis sociais (Pessoa tagarela).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
		%		%		%		%		%
Fala muito			1	20 %			1	20 %	1	20 %
Tagarela			3	60 %			1	20 %	1	20 %
Papagaio	1	20 %			1	20 %	1	20 %	2	40 %
Chata	1	20 %							4	80 %
Preguiçosa	1	20 %							4	80 %
Sem respostas	2	29 %	1	14 %	2	29 %	2	29 %		

Fonte: Elaborada pela autora.

O item **pessoa pouco inteligente** é a próxima variante analisada, ela é retirada da carta 14, abaixo pode-se verificar as frequências sociais desse item na tabela 36. Ao analisar as variantes diageracionais pode-se ressaltar que o lexema **burro** se sobressai apenas na segunda faixa etária (FB) com porcentagem de 40%. Sendo que na primeira faixa etária (MA) os lexemas: **burro**, **pessoa pouco inteligente**, **não é interessado** e **alfabeto** são usados com baixa porcentagem 20%.

Ao observar as variantes diagenéricas verificou-se que o lexema **burro** é mais usado por mulheres (FB) 40% e percebe-se também que esse mesmo lexema, juntamente com os demais: **pessoa pouco inteligente**, **não é interessado** e **analfabeto** são usados mais especificamente por homens (MA) com porcentagem 20%.

Tabela 36 - Frequência das variáveis sociais (Pessoa pouco inteligente).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
		%		%		%		%		%
Burro	1	20 %					2	40 %	2	40 %
Pessoa pouco inteligente	1	20 %							4	80 %
Não é interessado	1	20 %							4	80 %
Besta			1	20 %	1	20 %			3	60 %
Analfabeto	1	20 %							4	80 %
Preguiçosa					1	20 %			4	80 %
Sem respostas	1	9 %	4	36 %	3	27 %	3	27 %		

Fonte: Elaborada pela autora.

**Pessoa sovina** é a próxima variante a ser analisada, faz parte da carta 15, que é representada abaixo pela tabela 37. Primeiramente, ressaltam-se as variantes a partir do quesito diageracional, no qual verificou-se que os lexemas **mão de vaca** e **sovina** são os mais falados, isso, por faixa etária diferente, como: (FA) 60% e (FB) 40%.

Ao controlar a dimensão diagenérica, compreendeu-se que os lexemas mais predominantes são **mão de vaca** e **sovina** usados com mais frequência pelas mulheres (FA) 60% e (FB) 40%. Pode-se notar também que não só esses dois lexemas mais também **cara de mucura** são usados pelo sexo masculino com baixa frequência (MA) 20%. Destaca-se que, possivelmente, os Wajãpi fazem analogia ao utilizarem o lexema **cara de mucura** com o

próprio animal também do mesmo nome, denominado no dicionário Léxico Tupi- Português (2008, p. 684) por “gambá/ mucura”.

Tabela 37 - Frequência das variáveis sociais (Pessoa sovina).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Mão de vaca	1	20 %		%	1	20 %	2	40 %	1	20 %
Sovina	1	20 %	3	60 %		%		%	1	20 %
Mão dura		%		%	1	20 %	1	20 %	3	60 %
Total por gênero										
Cara de mucura	1	20 %		%		%		%	4	80 %
		%		%		%		%		%
		%		%		%		%		%
Sem respostas	2	22 %	2	22 %	3	33 %	2	22 %		

Fonte: Elaborado pela autora

O próximo item a ser examinado é **mau pagador**, o qual está destacado na carta 16, representado abaixo na tabela 38. No que se retratam as variantes diageracionais observou-se que **mau pagador** aparece com maior produtividade nas faixas etárias (FB) 60%, (MB) 40% e com menor frequência nas faixas etárias (MA) e (FA) 20%.

Sobre as variantes diagenéricas percebeu-se que o lexema **mau pagador** é falado pelos dois sexos, (MA) 20%, (MB) 40% e (FA) 20%, (FB) 60%. Percebe-se também, que o lexema **enganadora** é falado por mulheres, porém com baixa frequência (FA) 20%.

Tabela 38 - Frequência das variáveis sociais (Mau pagador).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Mau pagador	1	20 %	1	20 %	2	40 %	3	60 %	-2	-40 %
Devedor	1	20 %		%		%		%	4	80 %
Enganadora		%	1	20 %		%		%	4	80 %
Total por gênero										
		%		%		%		%		%
		%		%		%		%		%
Sem respostas	3	27 %	3	27 %	3	27 %	2	18 %		

Fonte: Elaborada pela autora

O décimo sétimo item analisado, oriundo da carta 17, chamado de **bêbado**, o qual está representado na tabela 39 abaixo. Sobre as variantes diageracionais destaca-se o lexema **bêbado**, usado pelos informantes com baixa e média frequência de ambas as faixas etárias: (MA) e (FA) 40%, (MB) 20% e (FB) 60%. O lexema também **porre** é falado com 40% de frequência (MA) 40%.

Avaliando as variantes diagenéricas verifica-se que o lexema **bêbado** é falado por homens e mulheres, (MA) e (FA) 40% e (FB) 60% e o lexema **porre** é falado por homens com frequência de 40%.

Tabela 39 - Frequência das variáveis sociais (Bêbado).

	MA	FA	MB	FB	S/R
Bêbado	2 40 %	2 40 %	1 20 %	3 60 %	-3 -60 %
Bebe muito	%	%	1 20 %	%	4 80 %
Cachaceiro	%	1 20 %	1 20 %	%	3 60 %
Bebo	%	%	%	1 20 %	4 80 %
Porre	2 40 %	%	%	%	3 60 %
Chapado	%	%	%	%	
Sem respostas	1 17 %	2 33 %	2 33 %	1 17 %	

Fonte: Elaborada pela autora.

O próximo item tratado é **benzedeira**, retirado da carta 18, o qual é exposto abaixo na tabela 40. Elencam-se primeiramente as variantes diageracionais, nas quais se apresentam quatro lexemas, sendo o mais significativo o lexema **benzedeira**, apresentado na primeira faixa etária (FA) com porcentagem de 40%, o outro lexema significativo é **pajé**, o qual tem registro de 40% na segunda faixa etária (FB). Tratando do aspecto diagenérico, ressalta-se que o lexema **benzedeira** é falado pelas mulheres mais jovens (FA) 40%, já **pajé** tem ocorrência por mulheres mais idosas (FB) 40%. Este vocábulo foi cristalizado nas falas dos Wajãpi a partir do contato com o português, uma vez que o mesmo também faz parte do léxico da língua portuguesa.

Tabela 40 - Frequência das variáveis sociais (Benzedeira).

	MA	FA	MB	FB	S/R
Benzedeira	1 20 %	2 40 %	%	1 20 %	1 20 %
Pajé	%	1 20 %	1 20 %	2 40 %	1 20 %
Curador	1 20 %	%	1 20 %	1 20 %	2 40 %
Feiticeira	1 20 %	%	%	%	4 80 %
	%	%	%	%	
	%	%	%	%	
Sem respostas	2 25 %	2 25 %	3 38 %	1 13 %	

Fonte: Elaborada pela autora

O décimo nono item analisado, oriundo da carta 19, é chamado de **empanturrado**, o qual está representado na tabela 41 abaixo. Sobre as variantes diageracionais destacam-se o lexema **barriga cheia**, utilizado com maior frequência pela segunda faixa etária (FB) 60% e (MB) 40%. Ainda nesta análise observa-se que os lexemas: **empanturrado** e **gorda** têm frequência somente na primeira faixa etária (FA) 40% e (MA) 40%.

Sobre as variantes diagenéricas verifica-se que o lexema **barriga cheia** é prevalente na fala das mulheres, (FB) com 60%, seguido do lexema **empanturrado** que se registra somente na fala das mulheres mais novas (FA) 40%, sendo que o lexema **gordo** é mais ocorrente na fala dos homens mais jovens (MA) com 40%.

Tabela 41 - Frequência das variáveis sociais (Empanturrado).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Barriga cheia	1	20 %		%	2	40 %	3	60 %	-1	-20 %
Empanturrada		%	2	40 %		%		%	3	60 %
Gorda	2	40 %		%		%		%	3	60 %
Barriguda		%	1	20 %		%	1	20 %	3	60 %
		%		%		%		%		
Sem respostas	2	25 %	2	25 %	3	38 %	1	13 %		

Fonte: Elaborada pela autora.

O último item a ser analisado é denominado de **bodega/bar/boteco**, o qual foi retirado da carta 20. Que mais abaixo é representado na tabela 42. Enfatizando o aspecto diageracional pode-se notar que **bar** é o lexema mais predominante nas faixas etárias: (FA) – (MB) 80%, seguido de (FB) com porcentagem de 60%. Verifica-se também que o lexema **mercado** indica uma predominância de registro na primeira faixa etária (MA) com 60%. Em relação ao quesito diagenérico observou-se que o lexema **bar** ocorre com mais produtividade pelas mulheres (FA) e pelos homens (MB), ambos com 80%, já o lexema **mercado** é mais ocorrente pelos homens (MA) 60%.

Tabela 42 - Frequência das variáveis sociais (Bodega/bar/boteco).

	MA		FA		MB		FB		S/R	
Bar	1	20 %	4	80 %	4	80 %	3	60 %	-7	-140 %
Mercado	3	60 %		%		%	1	20 %	1	20 %
Comércio	1	20 %	1	20 %	1	20 %	1	20 %	1	20 %
		%		%		%		%		
		%		%		%		%		
		%		%		%		%		

Fonte: Elaborada pela autora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo principal mapear, descrever e analisar A Variação Lexical do Português Falado pelos Wajãpi na TIW do Estado do Amapá, sendo que os dados foram analisados por meio da análise do perfil Sociolinguístico da comunidade pesquisada, da comunidade no aspecto horizontal (diatópica) e no aspecto vertical (diastrático).

No que tange a análise do perfil sociolinguístico constatou-se que a Língua Wajãpi está bem preservada e a sua transmissão está sendo feita dos adultos para os jovens, e conseqüentemente, para as crianças, pois, elas são todas alfabetizadas em língua materna, nas séries iniciais da escola, até aos 12 anos de idade. Elas são monolíngues, segundo relatos dos informantes, e somente após a alfabetização em língua materna é que passam a aprender a segunda língua, a língua portuguesa, a partir do contato das línguas, nos diferentes domínios sociais.

A Língua Indígena (LI) está presente tanto no interior como exterior das aldeias. Fala-se a LI, dentro das aldeias em casa, nas reuniões e nas festas. E fala-se a Língua Portuguesa, fora a aldeia, em Macapá, o que torna a aprendizagem em contexto na maioria das vezes, institucional, formal, resultados de um processo consciente. Esses aspectos que acontecem de maneira assimétrica dificultam o processo de desenvolvimento das interações verbais entre oral/escrito na aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua ou língua estrangeira que se constrói em situações de uso, menos espontânea, em que os falantes são impulsionados pela necessidade de interagir principalmente para reivindicar seus direitos.

Ao retratar o aspecto diatópico foi analisado o *corpus* das cinco localidades Wajãpi e averiguou-se que há uma variação lexical diatópica do português falado pelos informantes, pautada pela amostragem qualitativa- quantitativa do mapeamento lexical apresentado através das cartas lexicais, corroboradas por tabelas e gráficos que permitem apontar as descrições das variantes nos diferentes caminhos pois, elas se dispersam e se inter cruzam no plano da diatopia. O que possibilita afirmar que, essa variabilidade perpassa e se manifesta nos cinco pontos de inquéritos, porém com baixo índice de ocorrências, visto que o número de sem repostas é bem significativo.

Em relação aos aspectos diastráticos observou-se que existe uma variabilidade do uso do léxico em língua portuguesa no contexto social dos Wajãpi. Confere-se que alguns lexemas são mais usados por homens da segunda faixa etária, isso provavelmente, porque eles têm mais tempo de contato com os falantes da língua portuguesa, são eles que se deslocam para o centro urbano para resolver problemas de ordem administrativa, econômica e social. As

mulheres da segunda faixa etária também estão no processo de aprendizagem do português com frequência, isso se deve ao fato de que são elas que acompanham seus maridos até a cidade e são as principais responsáveis pela educação e trato das crianças. Já as mulheres mais jovens, são muito tímidas, em geral têm baixo contato com o português e aprendem tardiamente, diferente dos homens, que devido a determinados fatores socioculturais preconizados nas comunidades indígenas.

Em função disso, a análise social voltada às variáveis sociais (sexo e faixa etária) revelou uma maior produtividade nas ocorrências da língua portuguesa ter sido mais frequente pelos homens mais idosos. Notou-se também que há uma baixa aprendizagem, do português pelos falantes de primeira faixa etária (MA) e (FA), independente de sexo, devendo-se isso ao da aquisição inicial e preservação da língua materna, concretizada no índice elevado de sem respostas (SR) por esses falantes.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; B.; A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** – 3. ed. v.1 – São Paulo: Cortez, 2003.
- ALTENHHOFEN, C. V. A constituição do corpus para um “Atlas Linguístico - Contatual das Minorias Alemãs na Boca do Prata”. In: **Martius – Staden - Jahrbuch**, São Paulo, n. 51, 2004, p. 135 a 165.
- ARAGÃO, M. S. **Linguística aplicada aos falares regionais**. João Pessoa: A União, 1983.
- CÂMARA, Jr., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CAMBERS, J. K & TRUDGILL, P. **La Dialectologia**. Tradução. Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.
- CARDOSO, S. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p.51.
- \_\_\_\_\_. Dialectologia e Ensino-Aprendizagem da Língua Materna. In: MOTA, J. Andrade; CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Documentos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. n. 2, p. 100.
- COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- \_\_\_\_\_. **La geografía lingüística**. Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano, Montevideo, n. 11, 1965.
- COUTO, H. H. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009.
- DOMENICO, H. D. **Léxico Tupi-Português: com aditamento de vocábulos de outras procedências indígenas** / Hugo Di Domenico; Colaboração de Cláudio Ferrari Righi. – Taubaté: UNITAU, 2008.
- DUBOIS, J. (et al). **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2014.
- DÜCK, S, E. **Vitalidade linguística do plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil**, Tese (Doutorado) – UFRS: Porto Alegre, RG do Sul, 2011.
- ELIZAINCÍN, A. **Socio y Geolinguística: nueva alianza em los estudios sobre el uso lingüístico**. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, n. 41, jan/jun. 2010, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2010. (p. 13- 28)

ESCOL.AS. **Terra Indígena Waiãpi - Pedra Branca do Amapari – AP.** Disponível em: <<http://www.escol.as/cidades/297-pedra-branca-do-amapari/bairros/362819-terra-indigena-waiapi>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

FERREIRA, C. & CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

GALLOIS, D. T. Terra Indígena Wajãpi: **da demarcação às experiências de gestão territorial** / Dominique Tilkin Gallois. -- São Paulo: Iepé, 2011.- (Coleção ensaios;1)

IEPÉ, INSTITUTO DE PESQUISA E FORMAÇÃO INDÍGENA. **Prioridades dos Wajãpi para 2006.** Disponível em:

<[http://www.institutoiepe.org.br/media/docs\\_indigenas/Prioridades\\_wajapi\\_2006\\_-\\_Apina.pdf](http://www.institutoiepe.org.br/media/docs_indigenas/Prioridades_wajapi_2006_-_Apina.pdf)>. Acesso em: 11 jul. 2016.

IEPÉ, INSTITUTO DE PESQUISA E FORMAÇÃO INDÍGENA. **Terra Indígena Wajãpi.** Disponível: <<http://www.institutoiepe.org.br/infoteca/livros/terra-indigena-wajapi/>>. Acesso em: 9 de jul. 2106.

LEITE, Y. As várias dimensões das pesquisas com língua indígenas. In: **Anais do V Congresso de Letras da UERJ – São Gonçalo.** Rio de Janeiro, 2008, p. 01

MONTEIRO, J L. **Para compreender Labov.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RODRIGUES, A. D.; Cabral, A. A. C. 2002. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. Em: Cabral, A. S. A. C.; A. D. Rodrigues (orgs.), **Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história, tomo I**, 327-337. Belém: UFPA.

\_\_\_\_\_. As línguas gerais sul-americanas. In: **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, 4(2), 1996, p. 6 \_ 18

RODRIGUES, A. D. 1985. **Relações internas na família lingüística Tupí- Guaraní.** Revista de Antropologia, vols. 27/28, pp. 33-53

SAPIR, E. A língua como produto social histórico: a deriva. In: A linguagem: introdução ao estudo da fala. Filologia e linguística. V.3 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SANCHES, D. R. **Variação lexical nos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá.** Dissertação (Mestrado) – UFPA: Belém, Pará, 2015.

RADTKE, E; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística românica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik.** Kiel: Westensee – Verlag, 1996. P.25-49.

\_\_\_\_\_. **La geolinguística como lingüística variacional general** (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). Congresso Internazionale Di Linguistica e Filologia Romanza, 21, 1995, Palermo. In: RUFFINO, Giovanni (org). Atti. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701 – 729.

RAZKY, A. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA (Org). **A Geolinguística no Brasil: Caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998.

RODRIGUES, A. D. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 29-09- 2015.

SECCHI, D. **Apontamentos acerca da regularização das escolas indígenas**, in: Painei 5: Legislação Escolar Indígena. Disponível: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol4c.pdf>>. Acesso em 01 de nov. 2016.

THUN, H. O tratamento do material etnográfico no Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay (ADDU). In: **Encontro Sobre Cultura Popular**, 1997. Ponta Delgada – Açores. Actas. FUNK, G. (Org.). Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999. p. 481-499.

\_\_\_\_\_. La géographie linguistique romane à la fin du XXe. Siècle. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22., 1998a, Bruxelas. Actes... v. 3. Vivacité et diversité de la variation linguistique. Tübingen: Niemeyer, 2000b, p. 367-388.

\_\_\_\_\_. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata In: ZILLES, A. M. S. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata In: ZILLES, A. M. S. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p.71.

UNIONPÉDIA. **Linguística**. Disponível em: <<http://pt.unionpedia.org/i/Lingu%C3%ADstica>>. Acessado em: 04 out. 2015.

WAJÁPI, C. **Entrevista concedida à Maria Doraci Guedes Rodrigues**. Terra Indígena Wajápi, 25 fev. 2016.

**ANEXOS**

**ANEXO A****Questionário Semântico-Lexical – QSL/ ALiB-2001 (Adaptado)****ACIDENTES GEOGRÁFICOS**

## 1. CÓRREGO / RIACHO

... Um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

## 2. PINGUELA

... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um \_\_\_\_\_ (cf. item 1)?

## 3. REDEMOINHO (DE ÁGUA)

Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?

## 4. ONDA DE RIO

... o movimento da água do rio? *Idem item 5.*

**FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS**

## 5. REDEMOINHO (DO VENTO)

... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

## 6. RELÂMPAGO

... um clarão que surge no céu em dias de chuva?

## 7. RAIOS

... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

## 8. TROVÃO

... o barulho forte que se escuta logo depois de um \_\_\_\_\_ (cf. item 9)?

**9. TEMPORAL / TEMPESTADE / VENDAVAL**

... uma chuva com vento forte que vem de repente?

**10. ESTIAR / COMPOR O TEMPO**

Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?

**11. ARCO-ÍRIS**

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*). Que nomes dão a essa faixa?

**12. GAROA**

... uma chuva bem fininha?

**13. ORVALHO / SERENO**

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

**14. NEVOEIRO / CERRAÇÃO / NEBLINA**

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

**ASTROS E TEMPO****15. ANOITECER**

... o começo da noite?

**16. ESTRELA MATUTINA / VÊNUS / ESTRELA DA MANHÃ / ESTRELA-D'ALVA**

De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

**17. ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE / METEORO / ZELAÇÃO**

De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chamam isso?

**ATIVIDADES AGROPASTORIS**

## 18. TANGERINA / MEXERICA

... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

*PEDIR PARA DESCREVER, PARA APURAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS DESIGNAÇÕES CITADAS PELO INFORMANTE.*

## 19. PENCA

... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

## 20. BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS

... duas bananas que nascem grudadas?

## 21. PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA / UMBIGO / CORAÇÃO

... a ponta roxa no cacho da banana?

## 22. ESPIGA

Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar milho, compra-se o quê? ]

## 23. SABUGO

Quando se tira da \_\_\_\_\_ (cf. item 45) todos os grãos do milho, o que sobra?

## 24. SOCA / TOUCEIRA

Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?

## 25. GIRASSOL

... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?

## 26. VAGEM DO FEIJÃO

Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?

## 27. MANDIOCA / AIPIM

... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

28. MANDIOCA

... uma raiz parecida com \_\_\_\_\_ (cf. item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?

29. BOLSA / JAMAXI / CESTO

E quando se usam objetos de fibras de vegetais de timbó, para levar farinha, para coletar sementes e transportar coisas nas costas? *Mostrar gravura.*

30. PICADA / ATALHO ESTREITO

O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?

31. TRILHO / CAMINHO / VEREDA / TRILHA

... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

**FAUNA**

32. URUBU

... a ave preta que come animal morto, podre?

33. COLIBRI / BEIJA-FLOR

... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

34. JOÃO-DE-BARRO

... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

35. GALINHA-D'ANGOLA / GUINÉ / COCAR

... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

## 36. PAPAGAIO

... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?

## 37. SURA

... uma galinha sem rabo?

## 38. COTÓ

... um cachorro de rabo cortado?

## 39. GAMBÁ

... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?

## 40. CHIFRE

O que o boi tem na cabeça?

## 41. BOI SEM CHIFRE

... o boi sem \_\_\_\_\_ (*cf. item 77*)?

## 42. MANCO

... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?

## 43. MOSCA VAREJEIRA

... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

## 44. SANGUESSUGA

... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado (*cf. item 1*)?

## 45. LIBÉLULA

... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

## 46. BICHO DE FRUTA

... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?

## 47. CORÓ

... aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?

## 48. PERNILONGO

... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?

*Imitar o zumbido.*

**CORPO HUMANO**

## 49. PÁLPEBRAS

... esta parte que cobre o olho? *Apontar.*

## 50. CISCO

... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

## 51. CEGO DE UM OLHO

... a pessoa que só enxerga com um olho?

## 52. VESGO

... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? *Completar com um gesto dos dedos.*

## 53. TERÇOL

... a bolinha que nasce na \_\_\_\_\_ (*cf. item 89*), fica vermelha e incha?

## 54. CONJUNTIVITE

... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

## 55. CATARATA

... aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas?

## 56. DENTES CANINOS

... esses dois dentes pontudos? *Apontar.*

## 57. DENTES DO SISO

... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?

## 58. DENTES MOLARES

... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos \_\_\_\_\_ (cf. item 98)? *Apontar.*

## 59. DESDENTADO

... a pessoa que não tem dentes?

## 60. FANHOSO

... a pessoa que parece falar pelo nariz? *Imitar.*

## 61. MELECA

... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

## 62. SOLUÇO

... este barulhinho que se faz? *Soluçar.*

## 63. NUCA

... isto? *Apontar.*

## 64. POMO-DE-ADÃO

... esta parte alta do pescoço do homem? *Apontar.*

## 65. CLAVÍCULA

... o osso que vai do pescoço até o ombro? *Apontar.*

## 66. CORCUNDA

... a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (*mímica*)?

## 67. AXILA

... esta parte aqui? *Apontar.*

## 68. CHEIRO NAS AXILAS

... o mau cheiro embaixo dos braços?

## 69. CANHOTO

... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? *Completar com o gesto.*

## 70. SEIOS

... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

## 71. VOMITAR

Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?

## 72. ÚTERO

... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer?

## 73. PERNETA

... a pessoa que não tem uma perna?

## 74. MANCO

... a pessoa que puxa de uma perna?

## 75. PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS

... a pessoa de pernas curvas? *Mímica.*

## 76. RÓTULA

... o osso redondo que fica na frente do joelho?

## 77. TORNOZELO

... isto? *Apontar.*

## 78. CALCANHAR

... isto? *Apontar.*

## 79. CÓCEGAS

Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? *Mímica*.

**CICLOS DA VIDA**

## 80. MENSTRUACÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

## 81. PARTEIRA

... a mulher que ajuda a criança a nascer?

## 82. DAR À LUZ

Chama-se a \_\_\_\_\_ (*cf. item 123*) quando a mulher está para \_\_\_\_\_.

## 83. GÊMEOS

... duas crianças que nasceram no mesmo parto?

## 84. AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

## 85. IRMÃO DE LEITE

O próprio filho da \_\_\_\_\_ (*cf. item 128*) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?

## 86. FILHO MAIS MOÇO

... o filho que nasceu por último?

## 87. MENINO

Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

## 88. MENINA

E se for do sexo feminino, como se chama?

**89. FINADO / FALECIDO**

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

**CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL****90. PESSOA TAGARELA**

... a pessoa que fala demais?

**91. PESSOA POUCO INTELIGENTE**

... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

**92. PESSOA SOVINA**

... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

**93. MAU PAGADOR**

... a pessoa que deixa suas contas penduradas?

**94. XARÁ**

... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

**95. BÊBADO (DESIGNAÇÕES)**

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

**96. CIGARRO DE PALHA**

Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

**97. TOCO DE CIGARRO**

... o resto do cigarro que se joga fora?

## RELIGIÃO E CRENÇAS

### 98. AMULETO

... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

### 99. BENZEDEIRA

... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

### 100. CURANDEIRO

... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

## JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

### 101. CAMBALHOTA

... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? *Mímica.*

### 102. BOLINHA DE GUDE

... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

### 103. ESTILINGUE

... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho?

### 104. PAPAGAIO DE PAPEL

... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

### 105. ESCONDE-ESCONDE

... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

### 106. CABRA-CEGA

... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

## 107. PEGA-PEGA

... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?

## 108. BALANÇO

... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? *Mímica*.

## 109. AMARELINHA

... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

*SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA***HABITAÇÃO**

## 110. FULIGEM

... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?

## 111. BORRALHO

... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

**ALIMENTAÇÃO E COZINHA**

## 112. AGUARDENTE

... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?

## 113. EMPANTURRADO

Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou \_\_\_\_\_.

## 114. GLUTÃO

... uma pessoa que normalmente come demais?

## 115. BALA / CONFEITO / BOMBOM

... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? *Mostrar.*

*PEDIR PARA DESCRIVER.*

**VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS**

## 116. SUTIÃ

... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

## 117. CUECA

... roupa que o homem usa debaixo da calça?

## 118. CALCINHA

... a roupa que a mulher usa debaixo da saia?

## 119. ROUGE

... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

**VIDA URBANA**

## 120. SINALEIRO

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

## 121. BODEGA

... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber \_\_\_\_\_ (*cf. item 182*) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

**ANEXO B**  
**QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO BILINGUÍSMO DOS PARTICIPANTES**  
**DA ENTREVISTA**

---

**BILINGUÍSMO DOS PARTICIPANTES DA ENTREVISTA**

---

1. Quanto ao \_\_\_\_\_ (LI), qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados?

**1.1 Fala:**

- a) bem                      b) razoável                      c) mal

**1.2 Entende:**

- a) bem                      b) razoável                      c) mal

**1.3 Lê:**

- a) bem                      b) razoável                      c) mal

**1.4 Escreve:**

- a) bem                      b) razoável                      c) mal

**1.5 Canta:**

- a) bem                      b) razoável                      c) mal

**1.6 Imita:**

- a) bem                      b) razoável                      c) mal

**1.7 Xinga:**

- a) bem                      b) razoável                      c) mal

**1.8 Reza:**

- a) bem                      b) razoável                      c) mal

**1.9 Pensa:**

- a) bem                      b) razoável                      c) mal

**1.10 Sonha:**

- a) bem                      b) razoável                      c) mal

2. Como aprendeu a falar \_\_\_\_\_ (LI)?

- a) família    b) escola    c) eventos religiosos    d) trabalho    e) contato    f) outros

3. Com quem você fala \_\_\_\_\_ (LI)?

a) avós    b) pais    c) irmãos    d) parentes    e) vizinhos    f) amigos    g) outros

4. Em que locais e situações você fala \_\_\_\_\_ (LI)?

a) em casa    b) na igreja    c) nas festas    d) na rua    e) em reuniões    f) outros

5. Quanto ao **PORTUGUÊS**, qual é o grau de bilinguismo dos entrevistados?

**5.1 Fala:**

a) bem                    b) razoável                    c) mal

**5.2 Entende:**

a) bem                    b) razoável                    c) mal

**5.3 Lê:**

a) bem                    b) razoável                    c) mal

**5.4 Escreve:**

a) bem                    b) razoável                    c) mal

**5.5 Canta:**

a) bem                    b) razoável                    c) mal

**5.6 Imita:**

a) bem                    b) razoável                    c) mal

**5.7 Xinga:**

a) bem                    b) razoável                    c) mal

**5.8 Reza:**

a) bem                    b) razoável                    c) mal

**5.9 Pensa:**

a) bem                    b) razoável                    c) mal

**5.10 Sonha:**

a) bem                    b) razoável                    c) mal

6. Como aprendeu a falar PORTUGUÊS?

b) família    b) escola    c) eventos religiosos    d) trabalho    e) contato    f) outros

7. Com quem você fala PORTUGUÊS?

b) avós    b) pais    c) irmãos    d) parentes    e) vizinhos    f) amigos    g) outros

8. Em que locais e situações você fala PORTUGUÊS?

b) Em casa    b) na igreja    c) nas festas    d) na rua    e) em reuniões    f) outros

9. Quais línguas o senhor(a) fala?

10. O senhor(a) entende outra língua que não fala? Quais?

11. Qual língua o senhor(a) aprendeu primeiro? E qual foi a segunda? Quantos anos tinha?

12. Todas as pessoas daqui falam português? Quem? (Sugerir após resposta espontânea) –  
bilinguismo na comunidade

- Avô, Avó, Pai, Mãe, Irmãos, Tios, Primos, Amigos, Vizinhos, Professores, Religiosos,  
Outros

13. Em quais situações o senhor(a) utiliza outra língua diferente do português e do  
\_\_\_\_\_. (Dizer o nome da língua indígena)?

14. Quais línguas são faladas em sua família?

15. Quais línguas o senhor(a) escreve?

## **BILINGUÍSMO NA COMUNIDADE**

16. Todas as pessoas daqui falam \_\_\_\_\_ (LI)?

a) avô    b) avó    c) pai    d) mãe    e) irmãos    f) tios

g) primos    h) amigos    i) vizinhos    j) professores    l) religiosos    m) outros

17. Quando vem uma visita, que língua(s) você(s) usa(m)? E se a visita fala só o português ou só o \_\_\_\_\_ (LI)?

18. Que línguas são faladas na comunidade?

19. Como você [o (a) senhor (a)] avalia o \_\_\_\_\_ (LI) em termos de língua falada no lugar?

a) legal    b) grosseira    c) Bonita    d) errada    e) engraçada    f) outros  
Porque?

20. O que o senhor (a) espera que o governo faça para preservar a língua da comunidade?

21. E o que a comunidade tem feito para preservá-la?